

**MAYSA MARIANNE SILVA BEZERRA**

**CRIATIVIDADE E ESPERANÇA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA: IDEIAS A  
PARTIR DE MELANIE KLEIN E DONALD WINNICOTT**

**SÃO PAULO**

**2023**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**Instituto de Psicologia**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica**

**MAYSA MARIANNE SILVA BEZERRA**

**Criatividade e esperança na clínica psicanalítica: ideias a partir de Melanie Klein e  
Donald Winnicott**

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da  
Universidade de São Paulo para obtenção do título  
de Mestre em Psicologia Clínica.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marina F. R. Ribeiro

**SÃO PAULO**

**2023**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE  
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA  
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação Biblioteca  
Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Marianne Silva Bezerra, Maysa

Criatividade e esperança na clínica psicanalítica: ideias a partir de Melanie Klein e Donald Winnicott / Maysa Marianne Silva Bezerra; orientadora Marina Ferreira da Rosa Ribeiro. — São Paulo, 2023.

163 f.

Dissertação (Mestrado — Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) — Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Esperança. 2. Criatividade. 3. Desesperança. 4. Submissão. 5. Destrutividade. I. Ferreira da Rosa Ribeiro, Marina, orient. II. Título.

Nome: BEZERRA, Maysa Marianne Silva.

Título: Criatividade e esperança na clínica psicanalítica: ideias a partir de Melanie Klein e Donald Winnicott.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Profa. Dr<sup>a</sup>. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Profa. Dr<sup>a</sup>. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr<sup>o</sup>. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

*À maior inspiração da minha vida, quem me ensina  
todos os dias a ser criativa e a não perder as  
esperanças.*

*Polly*

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Marina Ribeiro, cuja abertura psíquica permitiu que eu experimentasse grande liberdade para ser e criar. Devido à aposta e à confiança que depositou em mim, além de seus vários atributos, entre os quais a delicadeza e a competência, senti a segurança necessária para construir as ideias presentes nesta dissertação e desenvolver meu trabalho como pesquisadora.

A Elisa Cintra, pela leitura cuidadosa realizada no exame de qualificação, que propiciou o redirecionamento e o crescimento deste texto, e pelo grupo de estudos que coordena, no qual aprofundamos o pensamento da teoria e da técnica kleiniana na contemporaneidade. Tanto em sua fala como em sua escrita, as ideias que apresenta me tocam emocionalmente e provocam imensa inspiração na minha vida e na minha clínica.

A Luís Cláudio Figueiredo, pela disponibilidade e pelas contribuições feitas durante o exame de qualificação.

A Ricardo Telles de Deus, pela presteza em me auxiliar na reta final do trabalho.

Aos amigos do grupo de pesquisa, que, ao mesmo tempo em que acolheram o meu modo de ser e a minha espontaneidade, foram extremamente habilidosos para me ajudar a pensar entre várias mentes e escrever a várias mãos: Ana Fátima Aguiar, Bruno Marte, Camila Young, Celina Diaféria, Cláudia Perrotta, Cristiana Pondé, Davi Flores, Gabriela Lara, Ivy Semiguem, Jacqueline Sacon, Laís, Marina Abud, Pedro Hikiji, Péricles Machado Jr., Rachele Ferrari, Taís Nicoletti, Thaís Mariana e Victoria Jordão.

Particularmente, a Fátima Flórido Cesar, pela leveza, pelo humor e pela doçura que encantam e por ter me oferecido um espaço fértil para estudar a teoria winnicottiana, no qual as trocas ocorridas se tornaram um dos esteios desta dissertação.

A Cláudia Rocha, secretária do Departamento de Psicologia Clínica do IPUSP, pela responsabilidade e pela disponibilidade ímpares com as quais realiza seu trabalho.

A Ivo de Andrade Lima Filho, pela sua presença sensível, além da empatia, do tato e do total acolhimento à expressão turbulenta do meu ser. Posso traduzir o que sinto com uma frase que li numa ilustração do argentino Marcos Severi: “Gracias por hacerme descansar de mi”.

A Maria Helena Barros, por me acompanhar na trilha do trabalho árduo e repleto de desafios que é o clinicar. Pelas suas espontaneidade e generosidade, que criam um espaço de amparo e reconhecimento da minha escuta analítica para que eu possa cuidar suficientemente bem dos meus pacientes.

Ao CPPL, lugar que me permite aprender cotidianamente com o trabalho em equipe.

A Rafaela Paixão, pela partilha, pelo incentivo e pelo apoio oferecidos ao longo de todo o trajeto percorrido neste estudo.

Em especial, à minha sócia, Ana Elizabeth Cavalcanti, pela transformação crucial que promoveu na escrita desta dissertação. Seu talento musical fez com que lesse meu texto como uma melodia e deixou uma marca indelével em mim enquanto autora e leitora.

À minha mãe, Noemi, porque, sem o trabalho duro que realizou ao longo de toda a vida, eu não teria condições de ter chegado até aqui.

Ao meu pai, Joel, por todo o suporte oferecido até hoje.

À minha tia, Edinalda, por me dedicar, a cada dia, infinitos gestos de amor e cuidado.

Às minhas irmãs, Polly e Laurinha, referências de força e empenho nos estudos, pois, apesar das muitas pedras no meio do caminho, elas nunca desistiram de mudar a rota da vida pela via do conhecimento. Eterna gratidão a vocês.

A todos os meus amigos, por me lembrarem, a cada encontro, que a vida vale a pena ser vivida. Em particular, a Andressa e a Kléber, por germinarem comigo a ideia de um mestrado antes mesmo de ele se tornar real e por me fazerem entender que um “sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade”.

À CAPES, pelo apoio financeiro para a realização da pesquisa.

BEZERRA, M. M. S. **Criatividade e esperança na clínica psicanalítica: ideias a partir de Melanie Klein e Donald Winnicott.** 2023. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

## RESUMO

O propósito desta dissertação é apresentar, por meio de um estudo teórico-clínico, como os fenômenos da esperança e da criatividade, bem como os da desesperança, da destrutividade e da submissão se manifestam no mundo psíquico, na vida cotidiana e na clínica psicanalítica. A reflexão acerca desses temas se fundamenta nas teorias de Melanie Klein e Donald Winnicott, a partir da observação dos fenômenos citados em ambas as obras e, notadamente, da compreensão de sua relevância no início da constituição psíquica. Como ferramentas de apoio, serão utilizados fragmentos clínicos e produções artísticas no intuito de criar correlações com as ideias. Desta forma, no desenvolvimento teórico de Klein, analisa-se a posição depressiva, por meio de sua representação na ópera *L'Enfant et les Sortilèges*, de Ravel (1925), e a posição esquizoparanoide, contextualizada no filme *Sete minutos depois da meia-noite*, de Bayona (2016). O conto *A legião estrangeira*, de Clarice Lispector (1999), encerra o exame da obra ilustrando os conceitos de inveja primária e gratidão. A teoria winnicottiana, por sua vez, é contemplada a partir do filme *A vida é bela*, dirigido por Benigni (1997). À luz da oposição presente nas noções de criatividade primária e submissão, concebidas pelo autor, são traçados contornos para a compreensão dos fenômenos da esperança e da desesperança. Ampliar a discussão acerca dessas manifestações, na perspectiva de Klein e Winnicott, significa reforçar a importância de seus efeitos sobre o trabalho analítico e a relação analista-analisando, além de demonstrar de que forma são capazes de levar a aberturas ou obstruções no processo de elaboração psíquica.

**Palavras-chave:** Esperança. Criatividade. Desesperança. Submissão. Destrutividade.



**BEZERRA, M. M. S. Creativity and hope in the psychoanalytic clinic: ideas from Melanie Klein and Donald Winnicott.** 2023. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

## **ABSTRACT**

The purpose of this dissertation is to present, through a theoretical-clinical study, how the phenomena of hope and creativity, as well as those of hopelessness, destructiveness and submission are manifested in the psychic world, in everyday life and in the psychoanalytic clinic. The reflection on these themes is based on Melanie Klein and Donald Winnicott's theory, from the observation of the phenomena mentioned in both works and, notably, from the understanding of their relevance in the beginning of the psychic constitution. As support tools, clinical fragments and artistic productions that will be used in order to create correlations with the ideas. Thus, in Klein's theoretical development, the depressive position is analyzed, through its representation in the opera *L'Enfant et les Sortilèges*, by Ravel (1925), and the paranoid-schizoid position contextualized in the film *A Monster Calls*, from Bayona (2016). Clarice Lispector's short story *The Foreign Legion* (1999) get closes to the examination of the work by illustrating the concepts of primary envy and gratitude. Winnicott's theory, in turn, is contemplated from the film *Life is beautiful*, directed by Benigni (1997). In light of the opposition present in the notions of primary creativity and submission, conceived by the author, outlines are drawn for interpretation of the phenomena of hope and despair. Expanding the discussion about these manifestations, from perspective of Klein and Winnicott, means reinforcing the importance of their effects on the analytic work and the analyst-analysand relationship, in addition to demonstrating how they are capable of leading to openings or obstructions in the elaboration process psychic.

**Keywords:** Hope. Creativity. Hopelessness. Submission. Destructiveness.

BEZERRA, M. M. S. **Creatividad y esperanza en la clínica psicoanalítica: ideas de Melanie Klein y Donald Winnicott.** 2023. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

## RESUMEN

El propósito de esta disertación es presentar, a través de un estudio teórico-clínico, cómo los fenómenos de esperanza y creatividad, así como los de desesperanza, destructividad y sumisión se manifiestan en el mundo psíquico, en la vida cotidiana y en la clínica psicoanalítica. La reflexión sobre estos temas parte de las teorías de Melanie Klein y Donald Winnicott, a partir de la observación de los fenómenos mencionados en ambos trabajos y, en particular, de la comprensión de su relevancia en el inicio de la constitución psíquica. Como herramientas de apoyo se utilizarán fragmentos clínicos y producciones artísticas para crear correlaciones con las ideas. Así, en el desarrollo teórico de Klein, se analiza la posición depresiva, a través de su representación en la ópera *L'Enfant et les Sortilèges*, de Ravel (1925), y la posición esquizoparanoide contextualizada en la película *Un monstruo viene a verme*, de Bayona (2016). El cuento de Clarice Lispector *La legión extranjera* (1999) cierra el examen de la obra ilustrando los conceptos de envidia primaria y gratitud. La teoría de Winnicott, por su parte, se contempla a partir de la película *La vida es bella*, dirigida por Benigni (1997). A la luz de la oposición presente en las nociones de creatividad primaria y sumisión, concebidas por el autor, se dibujan contornos para la interpretación de los fenómenos de esperanza y desesperanza. Ampliar la discusión sobre estas manifestaciones, desde la perspectiva de Klein y Winnicott, significa reforzar la importancia de sus efectos sobre el trabajo analítico y la relación analista-analizante, además de demostrar cómo son capaces de conducir a aperturas u obstrucciones en la elaboración. proceso psíquico.

**Palabras clave:** Esperanza. Creatividad. Desesperación. Sumisión. Destructividad.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Interseção dos conjuntos A e B .....	135
---	-----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>PARTE I – O FIO QUE TECE A CRIATIVIDADE E A ESPERANÇA NA VIDA E NA OBRA DE MELANIE KLEIN .....</b>	<b>19</b>
<b>1. O LAMPEJO DE ESPERANÇA QUE ACENDE COM A CRIATIVIDADE: O TRANSITAR PELA POSIÇÃO DEPRESSIVA .....</b>	<b>23</b>
1.1 A PALAVRA MÁGICA: A CRIANÇA E SEUS FEITIÇOS.....	23
1.2 A POSIÇÃO DEPRESSIVA E A NOÇÃO DE REPARAÇÃO: NOTAS SOBRE O IMPULSO CRIATIVO .....	26
1.3 O ÍMPETO DA CRIAÇÃO E DA ESPERANÇA: COMENTÁRIOS SOBRE A PULSÃO DE REPARAÇÃO .....	32
1.4 A MANIFESTAÇÃO DOS FENÔMENOS DA ESPERANÇA E DA DESESPERANÇA NA ELABORAÇÃO DA POSIÇÃO DEPRESSIVA: A RELEVÂNCIA DA NOÇÃO DE OBJETO.....	35
1.5 A ESPERANÇA E A DESESPERANÇA DO ANALISANDO NO PROCESSO CLÍNICO E OS RESPECTIVOS EFEITOS NO ANALISTA .....	42
1.6 O DUALISMO PULSIONAL NA METAPSICOLOGIA KLEINIANA: REFLEXÕES SOBRE A AMBIVALÊNCIA DE BASE E SUA RELAÇÃO COM A CRIATIVIDADE E A ESPERANÇA .....	45
<b>2. A DESTRUTIVIDADE E O DESESPERO VIVIDOS NA POSIÇÃO ESQUIZOPARANOIDE: ONDE CABE A ESPERANÇA E A POTENCIALIDADE PARA A CRIAÇÃO? .....</b>	<b>49</b>
2.1 “CRENÇA NA CURA, CRENÇA NO FUTURO”: UMA LEITURA DO FILME SETE MINUTOS DEPOIS DA MEIA-NOITE.....	49
2.2 BREVE APRESENTAÇÃO DOS CONFLITOS PSÍQUICOS QUE SE DÃO NA POSIÇÃO ESQUIZOPARANOIDE .....	52
2.3 ELEMENTOS PARA PENSAR OS FENÔMENOS DA ESPERANÇA E DA DESESPERANÇA NA ELABORAÇÃO DA POSIÇÃO ESQUIZOPARANOIDE: RECAPITULANDO A NOÇÃO DE OBJETO.....	54

2.4 A ONIPOTÊNCIA E O SUPEREGO ENREDADOS AOS FENÔMENOS DA ESPERANÇA E DA DESESPERANÇA: NOTAS SOBRE O TRABALHO CLÍNICO....	59
<b>3. INVEJA E GRATIDÃO: FLUTUAÇÕES DA CRIATIVIDADE E DA ESPERANÇA NO ESPAÇO PSÍQUICO .....</b>	<b>64</b>
3.1 OFÉLIA E O PINTO: A INVEJA MATA .....	64
3.2 A INVEJA PRIMÁRIA .....	67
3.3 A RELAÇÃO DA INVEJA COM A CRIATIVIDADE: O ÓDIO À VIDA .....	72
3.4 ENREDAMENTOS ENTRE A INVEJA, A ESPERANÇA E A DESESPERANÇA NO TRABALHO ANÁLITICO .....	75
3.5 GRATIDÃO, CRIATIVIDADE E ESPERANÇA: ENTRELAÇOS NO NOSSO MUNDO INTERNO.....	78
3.6 UMA CARTA À GRATIDÃO .....	82
3.7 REFLEXÕES FINAIS: A INVEJA E A GRATIDÃO COM BASE NAS ONDULAÇÕES PULSIONAIS .....	83
<b>PARTE II – A CRIATIVIDADE E A ESPERANÇA NA VIDA E NA OBRA DE DONALD WINNICOTT: UM BREVE PERCURSO BIOGRÁFICO.....</b>	<b>85</b>
<b>4. “A VIDA É BELA”: O AMBIENTE COMO ANTEPARO QUE PROPICIA E RESGUARDA A CRIATIVIDADE E A ESPERANÇA.....</b>	<b>89</b>
4.1 AS RAÍZES DA CRIATIVIDADE PRIMÁRIA NA TEORIA WINNICOTTIANA: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PROCESSOS MATURACIONAIS E A ÁREA DE ILUSÃO DE ONIPOTÊNCIA.....	93
4.2 O AVESSE DA CRIATIVIDADE: NOTAS SOBRE A SUBMISSÃO E O FALSO <i>SELF</i> PATOLÓGICO.....	100
4.3 NEM TUDO É O QUE PARECE: A DIFERENÇA ENTRE PRODUZIR ATOS CRIATIVOS E TER UMA VIDA CRIATIVA.....	103
4.4 A RELEVÂNCIA DOS FENÔMENOS E OBJETOS TRANSICIONAIS: OS PRIMEIROS USOS DA ILUSÃO .....	105
<b>5. A TEMÁTICA DA ESPERANÇA A PARTIR DO ARCABOUÇO TEÓRICO WINNICOTTIANO .....</b>	<b>109</b>

5.1 A ESPERANÇA E O VIVER CRIATIVO.....	109
5.2 A CONFIANÇA COMO UM ELEMENTO BASE PARA A CRIATIVIDADE PRIMÁRIA E A ESPERANÇA .....	115
5.3 A DESESPERANÇA COMO RESPOSTA A UMA VIDA NÃO CRIATIVA.....	117
5.4 A DOENÇA COMO UM SINAL DE SAÚDE E ESPERANÇA: UM PARADOXO WINNICOTTIANO.....	121
5.5 A TENDÊNCIA ANTISSOCIAL COMO UM CHAMADO CARREGADO DE ESPERANÇA PARA A VIDA.....	127
5.6 A ESPERANÇA E A CRIATIVIDADE NA RELAÇÃO ENTRE ANALISTA E ANALISANDO: A IMPORTÂNCIA DE UM <i>SETTING</i> SUFICIENTEMENTE BOM ..	130
<b>6 – A CRIATIVIDADE E A ESPERANÇA NAS BASES DO VIR A SER: UM ENCONTRO POSSÍVEL? .....</b>	<b>140</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: NO CAMINHO ENTRE PEDRAS E ROSEIRAS, UM POEMA .....</b>	<b>145</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>151</b>

## INTRODUÇÃO

*Deixe que tudo aconteça a você  
Beleza e terror  
Apenas prossiga  
Nenhum sentimento é definitivo  
(Rilke)<sup>1</sup>*

*Deitada na cama, em meu quarto escuro, um barulho me faz acordar. Abro os olhos lentamente e me dou conta de que é o despertador tocando mais uma vez enquanto amanhece. Começa um novo dia de trabalho, e eu preciso me levantar<sup>2</sup>.*

Acima, um evento corriqueiro, mas capaz de causar múltiplas reações nas pessoas. Algumas acordam agradecendo por mais um dia, vão à janela acompanhar o nascer do sol e sentem que a vida emana de si após o primeiro gole de café. Há aquelas que já despertam pensando no dia duro que terão pela frente, irritam-se pelo sono interrompido e ativam o modo “soneca” do despertador consecutivas vezes na tentativa de ganhar alguns instantes de gratificação. Existe, ainda, o tipo que sequer consegue se levantar da cama, acorda sem saber exatamente qual é o horário ou o dia da semana e demonstra falta de interesse na própria vida.

É relevante buscar compreender o que faz diferentes indivíduos serem capazes de experimentar, ao longo da existência, cada vivência descrita. A depender do que o atravessar — o sublime ou o trágico, aberturas ou fechamentos, momentos de perseverança ou de paralisação —, o sujeito pode se aproximar de qualquer situação mencionada, operando, assim, em estados de criação ou de caos.

Como escreveu Rainer Maria Rilke (2006), citado na epígrafe deste capítulo, viver é poder transbordar-se de beleza e terror. Certamente, é isso o que ocorre quando alguém está imerso em tristezas e angústias e, ainda assim, consegue pensar no futuro, ser benevolente e sentir gratidão. Há os casos em que as contingências conspiram a favor de uma pessoa e, embora ela receba muito amor de seus pares, continua enxergando a vida com cores cinzas e nebulosas. Também são comuns os indivíduos que transformam um grande sofrimento em uma história bem-humorada para compartilhar, enquanto outros se mantêm acorrentados a um ressentimento sem fim.

---

<sup>1</sup> Let everything happen to you: beauty and terror. Just keep going. No feeling is final.

<sup>2</sup> A vinheta foi inspirada no livro *Notas sobre a aptidão à felicidade*, de Marion Minerbo (2023). Nele, a autora constrói diversos fragmentos fictícios, no intuito de articular, psicanaliticamente, as vivências descritas com os elementos que favorecem ou não o estado de felicidade.

Resumidamente, a questão levantada é: em termos psicanalíticos, que motor mais ou menos invisível incita ou impede alguém de realizar determinados trabalhos psíquicos? O que motiva a viver e o que provoca o anseio de morrer?

Ao tentar responder a essas indagações, inúmeras associações podem ser feitas. Na presente pesquisa, assume-se que elas possuem envolvimento com as manifestações emocionais de esperança e desesperança, junto à criatividade, à destrutividade e à submissão. Tais termos invocam movimentos de vida e de morte, que atravessam, em maior ou menor grau, todos os indivíduos.

Esses fenômenos circulam cotidianamente no mundo e, apesar de muitas vezes deixarem de ser nomeados, não deixam de ser vividos. Sendo assim, todas as reflexões deste texto serão fundamentadas a partir do entendimento de que, nos acontecimentos humanos, eles estão quase sempre entrelaçados e se influenciando mutuamente, formando uma complexa estrutura de ligações e oposições. Localizando-os em retrospecto numa circunstância crucial para qualquer pessoa, o início da vida, nota-se como estão presentes nas primeiras experiências da existência humana e são relevantes para que esta seja sentida como mais ou menos interessante, conforme propõe Calligaris (2014, 2016).

No contexto do processo psicanalítico, será investigada a forma com que um indivíduo mergulhado em desesperança, desânimo, angústia e outras tendências destrutivas, em relação a si mesmo ou ao entorno, pode resgatar a criatividade, o amor à vida, a capacidade de reparação e a vitalidade. Na observação dessas movimentações emocionais, é importante apreender como o analista é convocado a vivê-las junto ao paciente, de modo que seu papel passa a ser tanto o de se aproximar, para sentir com ele, como o de se afastar, para criar brechas e pontes psíquicas que o conduzam para a construção de novas formas de pensar e fazer na clínica.

Os principais autores trabalhados no texto, Melanie Klein e Donald Winnicott, atuam como guias para as descobertas, colocando luz sobre o que faz o sujeito ser criativo, destrutivo, submisso, esperançoso ou desesperançado. Com base em tal arcabouço teórico e nas inquietações oriundas da história pessoal e do trabalho analítico desta pesquisadora, busca-se entender, organizar e transmitir a maneira com que os fenômenos citados se apresentam no pensamento de ambos os psicanalistas e como podem ser demonstrados por meio de produções culturais e relatos clínicos.

A partir de um recorte feito nas obras, é possível compreender como essas ideias estão inseridas nas duas tramas conceituais, especialmente nas concepções acerca do início da



constituição psíquica. Cada teoria será apresentada de modo que sirva de referência para a transformação das manifestações mencionadas na relação analítica, explorando as possibilidades e os limites existentes.

Ainda que Klein e Winnicott tenham sido contemporâneos e recebido influências mútuas, cada um construiu a própria rede teórica e clínica a partir de epistemologias distintamente complexas, por isso faz-se necessário um cuidadoso trabalho de apresentação dos respectivos entendimentos acerca dos fenômenos estudados. Definida a fundamentação teórica, divide-se o texto em duas partes: a primeira destinada ao estudo da metapsicologia kleiniana, e a segunda, ao pensamento winnicottiano.

A ideia de que o autor faz a obra, e a obra faz o autor explica a pertinência da primeira seção do trabalho: *O fio que tece a criatividade e a esperança na vida e na obra de Melanie Klein*. A pesquisa se inicia pela reflexão a respeito de como a criatividade e a esperança estão localizadas na vida pessoal e no trabalho psicanalítico que Klein realizou com crianças pequenas.

No tópico *O lampejo de esperança que acende com a criatividade: o transitar pela posição depressiva*, será desenvolvida a maneira com que a esperança e a criatividade, assim como a desesperança e a destrutividade, podem ser compreendidas com base nos mecanismos psíquicos e nas ansiedades presentes nessa condição subjetiva. A partir da história descrita na ópera *L'Enfant et les Sortilèges*, de Ravel (1925), enfatiza-se a forma com que os fenômenos se conjugam e formam um circuito de retroalimentação no campo da fantasia infantil de um menino que sente fúria pela mãe, por ter frustrado os seus anseios.

O filme *Sete minutos depois da meia-noite*, do diretor Bayona (2016), apresentado no segundo capítulo, auxilia no entendimento de elementos presentes na posição esquizoparanoide, um estado desintegrado de mente, no qual, mesmo em meio às angústias e ao desespero, podem surgir a esperança e a potencialidade para a criação. O longa-metragem retrata a história de um menino aterrorizado pelo adoecimento da mãe e pela possibilidade de sua morte, ainda que preserve uma crença de que o estado das coisas melhore no futuro.

No item *Inveja e gratidão: flutuações da criatividade e da esperança no espaço psíquico*, a inveja primária e a capacidade de sentir gratidão foram analisadas a partir do conto *A legião estrangeira*, de Clarice Lispector (1999). Nele, são reveladas as reflexões e lembranças da protagonista, que é arrastada pelas próprias emoções e desejos, percorrendo, simbolicamente, uma corda bamba entre os liames da vida e da morte.

Ao longo do primeiro bloco, a origem das manifestações psíquicas estudadas é pensada por um viés metapsicológico, com base na teoria das pulsões. Importante ressaltar que, em diversos contextos, Klein aborda o conflito existente entre amor e ódio, criatividade e destrutividade, esperança e desesperança, no entanto é na teoria das pulsões que está o suporte necessário para pensar essas relações.

A metapsicologia kleiniana interessa porque ampara a criação de um lugar teórico onde se pode situar, associar e agrupar vários elementos observados sem perder de vista sua implicação na vida cotidiana e na clínica, como afirmam Cintra e Figueiredo (2010). Nessa perspectiva, a clínica é soberana, mas ganha ainda mais coesão pela trama teórica que a acompanha.

Na segunda parte da pesquisa, o pensamento winnicottiano é abordado, de início, no tópico *A criatividade e a esperança na vida e na obra de Donald Winnicott: um breve percurso biográfico*. Diante disso, discute-se o modo com que esses temas estão diretamente envolvidos nas maneiras de ser e de viver do autor.

Em seguida, investiga-se como a criatividade primária está entrelaçada aos primeiros encontros sintônicos existentes entre um bebê e o seu ambiente. No acolher de uma criança no mundo, pode-se criar um anteparo para as suas dores ou um ferrenho estimulante do seu sentimento de desamparo. Relações iniciais mal ou bem-sucedidas fazem emergir, portanto, esperança ou desesperança. Fundamentado no pensamento do autor, o entendimento acerca desses temas se dá por meio das representações do filme italiano *A vida é bela*, dirigido por Benigni (1997). No enredo, o pai de um menino é capaz de criar uma rede de proteção para o filho, impedindo-o de mergulhar no sofrimento da cruel realidade nazista.

É importante frisar que, em Klein e em Winnicott, a esperança não recebe um contorno ou uma definição sistemática e se revela muito mais no seu traço fenomenológico. Sendo assim, a pesquisa não pretende conceitualizar as manifestações emocionais discutidas, mas pensar na contribuição dos autores para os temas e apresentar onde cada elemento está situado em seus escritos, trazendo dados sobre o que argumentam, como argumentam e em que momento argumentam.

Sobre isso, é possível adiantar que ambos compreendem a esperança como resultado da relação e da manutenção de bons objetos no estágio inicial da vida. Epistemologicamente, para Klein, ela é derivada da preservação dos objetos bons internos a despeito da constante luta travada contra forças inatas e pulsionais; na perspectiva winnicottiana, tem origem nas

relações satisfatórias com o ambiente, que pode ser mais ou menos facilitador (Figueiredo, 2018).

Para atribuir a esses pontos uma sistematização de pesquisa, utiliza-se o método psicanalítico, no qual o pesquisador é interpelado e se relaciona com o objeto de pesquisa, deixando-se fazer por ele ao mesmo tempo em que o constrói (Figueiredo e Minerbo, 2006).

Pelo fato de a clínica atravessar este trabalho inteiramente, foram privilegiados fragmentos referentes ao encontro analítico para produzir ressonâncias no leitor, iluminar teorias e conceitos e permitir a apreensão de experiências emocionais. Dessa forma, os fenômenos devem ser assimilados dentro de uma dimensão ficcional, como propõe Tanis (2015).

Teoria e clínica foram pensadas, no desenvolvimento da pesquisa, a partir de seus traços porosos e móveis, além das influências que têm uma sobre a outra, estreitando-se e desprendendo-se constantemente. Tentou-se manter a produção textual de Klein e de Winnicott em uma dinâmica viva, algo comum na investigação de caráter teórico-clínico, na qual é importante fazer “o texto trabalhar” (Laplanche, 1993, p. 2).

Por fim, é possível assegurar que o trabalho conduziu esta autora a movimentos de implicação e distanciamento, assim como a questionamentos, descobertas e invenções. Ressalte-se, por fim, que a análise apresentada é baseada numa perspectiva pessoal, ou seja, é relacionada à vivência e à forma com que a pesquisadora é afetada pelos fenômenos discutidos. Do mesmo modo, o leitor poderá estabelecer suas próprias lentes sobre eles.

Como uma dose de esperança ou como pequenos estímulos para a criatividade, espera-se que esta pesquisa seja capaz de provocar a ampliação e a abertura de problematizações, compreensões e sentidos para cada um dos que a leem, tanto na vida cotidiana como no trabalho clínico.

## PARTE I – O FIO QUE TECE A CRIATIVIDADE E A ESPERANÇA NA VIDA E NA OBRA DE MELANIE KLEIN

*Decepar a cana  
Recolher a garapa da cana  
Roubar da cana a doçura do mel  
Se lambuzar de mel  
(Chico Buarque e Milton Nascimento)*

Apesar de ser conhecida como “a açougueira inspirada”<sup>3</sup>, Melanie Klein (1882, 1960) possui uma obra que reserva em si originalidade, astúcia, sensibilidade, delicadeza e intuição para lidar com o mundo infantil e o inconsciente. A psicanalista vienense foi pioneira em empreender uma transformação no freudismo, e seu trabalho representa uma inovação histórica, metapsicológica e clínica na abordagem. De acordo com Cintra e Figueiredo (2010), ela manifesta na escrita uma inegável fecundidade intelectual e imagética para caracterizar o intangível e o abstrato do funcionamento psíquico.

De modo geral, pode-se dizer que Klein encarava a história pessoal e o ofício com total liberdade de espírito, aspecto que provocou as mudanças presentes em seu método. Esse traço se tornou marcante por causa do peculiar estilo analítico, que passou a ser reconhecido após o trabalho inaugural realizado com crianças.

Os textos iniciais, principalmente os da década de 1920, revelam sua aspiração de – mesmo que alguns acreditassem ser algo utópico – integrar a análise à educação infantil, a fim de evitar o adoecimento e de restabelecer a saúde mental dos indivíduos, servindo como meio para o progresso da humanidade e da cultura (Klein, 1921, 1996). Tal argumento fica evidente quando ela explicita a esperança de formular uma psicanálise capaz de remover inibições para que as crianças retomem o percurso do aprendizado pedagógico (1923, 1996). Isso facilitaria o trabalho do educador, aumentaria o prazer do aluno em aprender e, como consequência, auxiliaria o próprio desenvolvimento infantil.

Para a autora (1932, 1997), a análise de crianças pequenas possibilitou um mapeamento global e complexo do funcionamento psíquico, revelando muito mais aspectos do que a análise de adultos até então. Por esse motivo, ela acreditava que o método promoveria uma expansão acurada da teoria psicanalítica.

---

<sup>3</sup> Denominação cunhada por Lacan (1958, 1966) devido à forma da sua escrita, muitas vezes considerada crua, bruta ou grotesca para se referir às dinâmicas pulsionais do inconsciente ou às “vísceras da vida psíquica” (CINTRA E FIGUEIREDO, 2010, p. 24).

Discípula de Klein, Segal descreveu alguns aspectos concernentes ao trabalho da mestra: “Sua abordagem se caracterizava por grande convicção na validade do método psicanalítico de Freud e pela fé de que, em toda criança, assim como em todo adulto, apesar de toda a resistência e das defesas, há o anseio e o prazer pela verdade” (Segal, 1987, 1996, p. 10).

A autobiografia de Klein também reflete o intento, em momentos próximos ao final da vida, de que outros clínicos e pesquisadores adotassem seus estudos e teorias: “Tenho, agora, um misto de resignação e alguma esperança de que meu trabalho talvez afinal sobreviva e seja de grande ajuda para a humanidade” (Klein, 1959, 2019, p. 126).

Levando em conta o íntimo entrelaçamento entre a obra e a história pessoal da autora, é importante destacar que Klein passou por muitos lutos ao longo da vida, incluindo separações, projetos abandonados e a perda de familiares, analistas e amigos. Em contrapartida, ela pôde transformar essas vivências tão penosas em ideias, conforme podemos observar no texto clássico *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos* (1940, 1996).

No artigo, ela descreve o caso clínico da Senhora A., tratando-se da própria Klein, e relata o seu sofrimento pela morte do filho, Hans, vítima de um acidente nas montanhas<sup>4</sup>. Podemos perceber um estado de esmorecimento na autora devido à perda e, em seguida, a recuperação da vitalidade ao se acender um fulgor que permite a recriação do filho internamente, mesmo depois de morto: “(...) voltemos à Sra. A. Seu alívio ao olhar para casas agradáveis se devia à esperança de poder recriar o filho e os pais; a vida tinha começado novamente dentro dela e no mundo exterior” (Klein, 1940, 1996, p. 404).

Parece que Klein nunca perdeu a esperança e a criatividade, ambas representando combustíveis de transformação da própria história. Ela tinha uma espécie de crença em sua vitalidade e regeneração. Mesmo envolvida em tantos episódios de desespero e dor, alimentava uma convicção em relação à psicanálise que nunca foi abandonada, nem mesmo no fim de sua trajetória. Era evidente uma forte confiança no método psicanalítico que desenvolveu (técnica do brincar, sistemática das interpretações e análise da transferência) para ajudar as pessoas.

Após refletir sobre a criatividade e a esperança na vida e na obra da autora, a pesquisa tratará, introdutoriamente, a forma com que esses fenômenos aparecem em sua metapsicologia. Nos textos de Klein, a criatividade aparece como uma manifestação da

---

<sup>4</sup> Entre os biógrafos de Klein, existem muitas controvérsias e nenhuma concordância sobre a maneira com que Hans faleceu. Optamos por manter esta versão, pois é a mais amplamente divulgada na literatura sobre sua história.

reparação, por isso é importante compreender, primeiro, o movimento psíquico da reparação, para, depois, elaborar a ideia de criatividade.

A reparação se trata de um mecanismo utilizado pelo bebê para restaurar o dano ocasionado ao objeto de amor, seja externo ou interno, ferido após um ataque destrutivo em fantasia. A ideia se destaca, nas obras de Klein, a partir da noção de posição depressiva, tema que também será desenvolvido na pesquisa.

A esperança, por sua vez, não possui uma conceitualização formal nos escritos da autora apesar de ser mencionada em diversos textos. O fenômeno não possui uma definição específica, ou seja, não existe um conceito que seja a sua principal manifestação, mas observa-se que Klein, em determinados momentos, considera que a esperança gera reparação, e, em outros, que a reparação gera esperança<sup>5</sup>. Ambas formam um circuito de retroalimentação, e é difícil saber qual delas é a primordial. O entrelaçamento não é evidente na obra, porém é possível percebê-lo por meio de minúcias. Firmado o entendimento a respeito disso, seguem algumas hipóteses.

Como respaldo teórico e clínico para discutir criatividade e esperança, serão utilizadas as noções das posições e as da inveja e da gratidão. É na passagem entre as posições e no atravessamento da inveja à gratidão que esses elementos podem ser observados com mais clareza.

O caminho do texto será discutir, inicialmente, a posição depressiva (1935, 1996), visto que foi a primeira a ser elaborada por Klein. Esse estado reflete o amadurecimento emocional do bebê, que passa a reconhecer a mãe como objeto total, ao mesmo tempo amado e odiado. Com isso, formam-se ansiedades e defesas específicas na relação com os objetos internos e externos.

É pertinente analisar o enredo da ópera *L'énfant et les sortilèges*, do músico Ravel, a fim de articulá-lo com tal noção. Para tanto, servirão como base duas leituras já feitas: a original, de Klein (1929, 1996), e uma contemporânea, de Cintra e Ribeiro (2018), que oferece uma visão profícua da obra.

O filme *Sete minutos depois da meia-noite*, do diretor Juan Bayona, foi escolhido para que se discorra sobre a posição esquizoparanoide (1946, 1991). Esse é um arranjo subjetivo

---

<sup>5</sup> O objetivo não é estabelecer uma sequência entre os fenômenos, visto que o movimento psíquico não é linear. A proposta do texto é justamente o contrário: colocar luz sobre as dinâmicas possíveis e as oscilações dos estados mentais a partir da representação do *Ouroboros*<sup>#</sup>, uma espiral, símbolo do eterno retorno e da continuidade de si.

anterior à posição depressiva, no qual o mundo interno da criança e os seus objetos se encontram fragmentados — o que se evidencia na representação da mãe como o seio bom e o seio mau, a partir das gratificações e frustrações vividas.

Já na última seção, a inveja e a gratidão (1957, 1991) serão esmiuçadas, tomando como base o conto *A legião estrangeira*, de Clarice Lispector. A proposta é demonstrar que a inveja é um provável mote da desesperança e da destrutividade, e a gratidão é um solo fértil para a criatividade e a esperança.

As conceitualizações de Klein permanecem uma poderosa fonte de vida, pois sua teoria possibilita a abertura de novos horizontes de pesquisa para os psicanalistas da contemporaneidade que se dedicam a compreendê-la. Como diria os Rocha Barros (2018), “(...) aquilo que define uma autora criativa é o fato de introduzir uma nova problemática que não pode mais ser ignorada e, dessa forma, nunca cessa de produzir impactos que se constituem em novas sementes para o avanço do pensamento” (Barros e Barros, 2018, p. 14).

A teoria kleiniana é uma obra aberta, fecunda e, a cada encontro com o novo, expande-se, consistindo em uma produção teórica impulsionadora de novos olhares e conceitos sobre o funcionamento psíquico. Dando seguimento à contemplação da fertilidade dessas construções, o próximo tópico tratará da posição depressiva.

## 1. O LAMPEJO DE ESPERANÇA QUE ACENDE COM A CRIATIVIDADE: O TRANSITAR PELA POSIÇÃO DEPRESSIVA

*Vencido, exausto, quase morto  
cortei um galho do teu horto  
e dele fiz o meu bordão  
(Guilherme de Almeida)*

### 1.1 A PALAVRA MÁGICA: A CRIANÇA E SEUS FEITIÇOS

Uma criança está às voltas com o seu dever de casa, mas encontra-se aborrecida com a tarefa que lhe foi designada. Caminha pelo quarto observando os detalhes que ali habitam e se entretém movimentando o próprio corpo enquanto o tempo teima em passar com lentidão, pois não está realizando atividades que proporcionam real prazer. Tudo isso, ele expressa nos seguintes dizeres: “Eu não aguento tanto estudo! Eu queria mesmo era ir passear! Comer todos os doces que eu quiser, puxar ou cortar o rabo do gato e do esquilo. Poder dar muita bronca na mamãe e colocar o mundo inteiro de castigo!”. E não é isso o que as crianças desejam quando estão dominadas pela onipotência e pela voracidade, como se, indiscriminadamente, pudessem tudo conquistar e devorar no mundo?

No entanto, o menino logo escuta um barulho que o assusta. É a mãe caminhando pelo corredor e indo ao seu encontro para levar chá e biscoitos, como uma forma de expressar amor e cuidado pelo filho. Ela consegue se identificar com ele a ponto de saber que esse gesto de preocupação pode lhe transmitir algum alento ou satisfação, deixando o momento do dever menos penoso<sup>6</sup>.

O menino, porém, não se gratifica com o ato da mãe e continua aborrecido. Ela questiona: “Você se comportou bem? Fez a lição?” insistindo em fazer com que o filho conclua a tarefa, mas os esforços são em vão. Em seguida, pergunta descontente: “Você não vai me pedir perdão?”. Dominado pelo próprio ódio contra tudo e todos, a criança parece ser incapaz de encontrar saídas para o próprio impasse. É nesse momento que o garoto se rebela e entra em estado de fúria, passa a fazer caretas, corre, esconde-se, faz diversas birras e ataques até que a mulher perde a paciência, tranca-o no quarto e declara que ficará de castigo, só podendo sair ao concluir o dever de casa. Por fim, exige que ele pense sobre o que a fez passar, enfatizando o quanto estava triste com a situação. Após fechar a porta, o menino berra:

---

<sup>6</sup> Descrição da ópera retirada do link: <https://www.youtube.com/watch?v=JbqySviU4YQ>



“Não estou nem aí, eu quero mesmo ficar só! Eu te detesto!”. Devido ao ódio ocasional, ele afasta a noção de quão necessário é o amor da mãe para a sua vida.

Assim começa a ópera de Ravel *L'Enfant et les Sortilèges*<sup>7</sup>, inspirada em um libreto da escritora francesa Sidonie-Gabrielle Colette. A canção foi traduzida para o português como *A criança e seus feitiços*<sup>8</sup>, sendo definida pelo compositor como uma “fantasia lírica”. Originada a partir da morte de sua mãe, a composição começou a ser produzida em Paris, no ano de 1917, e estreou em 1925. Ao ser convidado por Colette para transformar o texto em música, Ravel disse em um primeiro momento: “Eu gostaria de compor isso, mas não tenho filha”<sup>9</sup>.

Apesar de não ter sido pai, o músico parece ter capturado aquilo que se torna tão estranho aos adultos, mas que resguarda a dimensão íntima e familiar deles mesmos: o mundo infantil. As fantasias inconscientes que atravessam a condição humana e as mais primordiais experiências de amor e ódio com relação à figura materna são traduzidas em dois atos na ópera. O primeiro serve de parâmetro para pensar acerca da posição esquizoparanoide, e o segundo, a respeito da posição depressiva. Os atos estão entrelaçados, de modo que um se dá a partir do outro, em uma oscilação permanente, assim como as noções do psiquismo descritas por Melanie Klein (1935,1996), (1946,1991).

Dando continuidade à primeira parte da história, o menino, ao se ver trancado, sente revolta, não aceita a sua posição inferior diante da autoridade materna e passa a manifestar toda a sua destrutividade. Puxa o rabo do gato, quebra objetos, vira a mesa de estudos, derruba a gaiola do passarinho, rasga papéis, ou seja, encontra-se possuído por uma fúria indomável. O que o garotinho não esperava e que o deixa atônito e assustado é que os seres inanimados ao seu redor começam a falar e agir autonomamente, voltando-se contra ele. Todos passam a ter um tamanho muito maior do que o real, ou seja, ficam proporcionais à sua cólera.

Os objetos danificados pelos seus atos rudes e agressivos criam uma aliança para se vingar do menino. Desse modo, ele se vê sozinho e abandonado à mercê de seus impulsos de ódio, sem espaço algum no quarto onde possa encontrar acolhimento e conforto, pois os móveis perdem essa função diante do ressentimento vivido. O menino ficou sem espaço físico

---

<sup>7</sup> A ópera é um dos primeiros materiais literários que Klein (1929, 1996) utiliza para refletir sobre o impulso criativo.

<sup>8</sup> Mais conhecida entre os músicos como *A palavra mágica*.

<sup>9</sup> As informações a respeito da ópera foram retiradas da seguinte página disponível na internet: [https://en.wikipedia.org/wiki/L%27enfant\\_et\\_les\\_sortil%C3%A8ges](https://en.wikipedia.org/wiki/L%27enfant_et_les_sortil%C3%A8ges)

ou psíquico para se acomodar, pois, quanto mais destruição ele realizava, mais sofria castigo e perseguição<sup>10</sup>.

Nesse momento, a fantasia inconsciente do menino coloriu a sua realidade externa a partir das tintas que ele possuía no mundo interno (Almeida, 2022). Quanto mais o seu estado emocional ficava perturbado, mais a tela do mundo era tingida com cores turvas e escuras, fazendo com que ele enxergasse a vida de uma forma distorcida, assombrosa e hiperbólica.

A saga continua: no segundo ato da ópera, o quarto se transforma em um jardim repleto de animais e plantas que foram atacados outrora pela criança. Os animais cantam sobre os ferimentos sofridos e possuem o ímpeto de castigar o garoto severamente pelo seu comportamento. Aparentemente, nesse momento, ao perceber a reação dos bichos, o menino vai se dando conta dos reais estragos provocados por ele. Grandiosa, a figura da mãe reaparece em cena. De início, ele se esconde e a teme devido ao seu tamanho, visto que sua pequenez se destaca diante dela.

O garoto ensaia um tipo de reconciliação com a mãe, mas é impedido pelos animais, que ainda estão ferozes pelos seus atos, e todos formam uma dança em coesão contra o menino, o que provoca o sumiço da figura materna mais uma vez. Uma mãe fugidia, pouco consistente para a criança, escapa com facilidade. A intensidade do ódio e da perseguição não permitem que ela permaneça, logo, se transforma em fumaça.

No meio da desordem, por conta dos ataques contra o garoto, um esquilo aparece machucado. Ao se deparar com a situação, a criança cuida do ferimento do bicho e direciona um olhar de dor e empatia ao enrolar um cachecol, que antes estava em seu pescoço, na pata dele. Os animais da floresta acompanham a cena surpresos e com estranheza.

A partir do encontro entre menino e esquilo, ocorre uma transformação, um resgate de algo que, no auge do desespero, parecia estar perdido: “Curou a ferida, estancou o sangue!”, dizem os animais. “Ele também sofre e sangra. E agora? Causamos o seu mal! Será que podemos curar a dor e o sangue sanar?”. A criança tenta gritar: “Mãe!”, a palavra mágica, mas está debilitada e sem forças.

Os bichos, compadecidos, gritam em conjunto para ajudá-lo: “Mamãe, mamãe!”. Esse é um nome que, na cena narrada, carrega o símbolo da esperança, a fé de que a mãe escute o

---

<sup>10</sup> Uma cena comum nas brincadeiras infantis ilustra o ponto: crianças com estilingues ou ligas elásticas esticam demasiadamente o material e erram a mira fazendo com que a força exercida se volte contra elas mesmas. Esse movimento resulta em uma intensa reação de surpresa e dor.

chamado, e aquilo que era bom, mas parecia destruído, retorne e se restaure. Esse é o nome que parece nunca findar.

A ópera se encerra com o menino se revigorando ao passo em que clama pela mãe. Quando as cortinas se fecham, surge a frase: “O menino é bom, enfim” e o sentimento de que a esperança em algo bom apareceu depois de o menino ter reparado os seus estragos.

Para entendermos como a criança da ópera conseguiu chegar até o caminho da reparação e a relação desse mecanismo com a criatividade, adentraremos, a seguir, na definição das posições kleinianas.

## 1.2 A POSIÇÃO DEPRESSIVA E A NOÇÃO DE REPARAÇÃO: NOTAS SOBRE O IMPULSO CRIATIVO

*Todo mundo deve inventar alguma coisa, a criatividade reúne em si várias funções psicológicas importantes para a reestruturação da psique. O que cura, fundamentalmente é o estímulo à criatividade. Ela é indestrutível. A criatividade está em toda parte.*  
(Nise da Silveira)

Este tópico será iniciado com a apresentação da posição depressiva, estado emocional em que ocorre a reparação, seguida da investigação desse mecanismo e de que forma a criatividade aparece como sua manifestação. Para isso, dois artigos servirão como base: *Situações de ansiedade infantil refletidas em uma obra de arte e no impulso criativo* (Klein, 1929, 1996) e *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*, de 1935.

O primeiro texto é muito significativo porque introduz o termo reparação<sup>11</sup>, e, pela primeira vez, é estabelecida uma ligação direta entre a criatividade e a reparação. A partir de então, nas construções kleinianas, vamos observar que a reparação é uma condição *sine qua non* da criatividade.

O segundo se refere ao trabalho publicado anos mais tarde, no qual Klein irá discorrer, com mais solidez, sobre a posição depressiva<sup>12</sup>. Nele, os temas da reparação e do impulso

---

<sup>11</sup> Em muitos momentos, a autora utiliza os termos *restituição* ou *restauração* para designar a mesma concepção (SPILLIUS ET AL, 2011).

<sup>12</sup> Essa ideia reflete a gênese de uma nova estrutura teórica, pois é o momento em que a concepção de posição se desloca metapsicologicamente das fases ou estágios apresentados por Freud. Uma linha desenvolvimentista é

criativo passam a estar vinculados a esse arranjo subjetivo, conferindo uma marca para os seus escritos da década de 1930. Nesse percurso, a autora realizou uma reviravolta entre as décadas de 20 a 30, um período de grande maturação teórica, visto que a concepção da posição depressiva modificou a forma de enxergar o desenvolvimento infantil, colocando-a no centro de uma boa saúde mental.

Para introduzir a definição da posição depressiva na teoria em questão, importa ressaltar que, nos primeiros momentos de vida, especificamente na situação do desmame<sup>13</sup>, por volta dos quatro a cinco meses de idade, a criança transita das relações de objeto parcial<sup>14</sup>, em que percebe a mãe fragmentada (a exemplo do seio bom e do seio mau), para as relações de objeto total, nas quais a concebe a partir de um primeiro esboço de diferenciação, um primeiro delineamento entre o eu e o outro. Ao enxergar a mãe como um ser parcialmente unificado, o ego<sup>15</sup> do bebê se identifica com ela enquanto objeto bom e modifica as suas ansiedades.

Antes, na posição esquizoparanoide, o ego erguia mecanismos de defesa para se preservar e não ser aniquilado, o que gerava ansiedades paranoides. Já na posição depressiva, as ansiedades depressivas, que se referem à culpa pelo mal propagado e o medo de perder o objeto, predominam e são somadas às anteriores.

Esse é o momento em que o bebê se dá conta da sua complexa ambivalência de amor e ódio em relação ao mesmo objeto. A realidade psíquica se torna mais nítida, por isso os danos e as perdas são assumidos, e o objeto bom, interno ou externo, passa a ser protegido ao se refrear e/ou reparar, com amor, o ódio que vem de si. Todo esse processo acontece para não se ter o risco de ficar entregue aos próprios objetos maus e aos impulsos do *id*. Joan Riviere

---

repensada frente ao dinamismo das relações de objeto, em que não há começo, meio e fim, mas uma alternância na movimentação do funcionamento psíquico: do curso crescente-decrescente para o trânsito circular.

<sup>13</sup> Embora os textos de Klein se concentrem na amamentação e na relação do bebê com o seio, é importante não excluir da análise os bebês que não são amamentados. Afinal, a constituição psíquica, a percepção do seio como bom ou mau, e o processo de separação e suas vicissitudes ocorrem independentemente de o bebê ser alimentado diretamente no seio ou não, visto que as experiências de gratificação e frustração estão incluídas em ambos os processos.

<sup>14</sup> O termo "objeto" é utilizado para caracterizar variados fenômenos psíquicos que são componentes da representação mental da pulsão; assim, os objetos são determinados por impulsos, sejam eles bons ou maus. (Spillius et al, 2011). Klein (1952, 1991) se distancia de Freud quando declara que "as relações de objeto são operantes desde o início da vida pós-natal" (p. 74). Para ela, esses objetos não são apenas alvos da satisfação pulsional, como estão descritos na teoria freudiana, mas estão envolvidos com a vida emocional, as fantasias, as angústias e as defesas do bebê. Os objetos se tornam os alvos de todas as pulsões, criando um vínculo inseparável entre eles. Esse 'casamento' resulta em maneiras específicas pelas quais cada um expressa amor e ódio. A subjetividade e a pulsionalidade do "bebê kleiniano" está, portanto, estruturada a partir dos objetos internos e externos (Salem, 2016).

<sup>15</sup> Na leitura de Caper (1990) sobre a teoria kleiniana, o ego arcaico atua desde os primórdios da vida infantil, organizando e defendendo o bebê das experiências iniciais que colocam o organismo em constante ameaça e perigo. O mundo interno do indivíduo (no qual podemos indicar o ego e superego) vai ser formado por diversas identificações com os objetos a partir dos mecanismos da introjeção e da projeção.

(1936, 2011), uma discípula das ideias de Klein, sintetiza de forma muito sensível o que seria a vivência das angústias depressivas:

O conteúdo da posição depressiva (como Melanie Klein tem mostrado) é a situação na qual todos os entes queridos internos da pessoa estão mortos e destruídos, toda a bondade se dispersou, ficou perdida, em fragmentos, foi desperdiçada e espalhada aos ventos; nada foi deixado dentro, a não ser a absoluta desolação. O amor traz sofrimento e arrependimento, o arrependimento traz culpa; aumenta a tensão intolerável, não há saída, a pessoa se sente completamente sozinha, não há ninguém com quem compartilhar ou alguém para ajudar. O amor deve morrer porque o amor está morto. Além disso, não há ninguém para alimentar, e ninguém a quem se poderia alimentar, e nenhum alimento no mundo (RIVIERE, 1936, 2011, p. 128).

A reparação vai servir como um dos mecanismos de defesa para lidar com esse mundo interno caótico carregado de agudas aflições, misturas, cisões e culpas inquietantes, presente na elaboração da posição depressiva<sup>16</sup>. A possibilidade de atravessar esse estado se dá quando o indivíduo internaliza, seguramente, um objeto bom e adquire a capacidade de amar (Spillius et al, 2011). O seguinte trecho explicita, resumidamente, o que se dá nesse momento:

O medo avassalador da criança de perder as pessoas que ama e de quem mais necessita dá início, em sua mente, não somente ao impulso para restringir sua agressividade, mas também a um impulso para preservar os próprios objetos que ataca em fantasia, consertá-los, fazer reparações pelos danos que lhes pode ter infligido (KLEIN, 1942, 1991, p. 363).

Essas ideias ficam bem articuladas com a leitura realizada por Klein (1929, 1996) da ópera já descrita. No primeiro ato, a autora percebe que a frustração inicial que o menino sofreu estimulou o seu sadismo<sup>17</sup> e o conseqüente ataque contra a mãe: “(...) quebrar as coisas, rasgar, usar os tenazes como uma espada – tudo isso representa as outras armas do sadismo primário da criança, que usa os dentes, as unhas, os músculos etc.” (p. 242).

A mãe, introjetada (colocada para dentro de si) como um objeto bom, mas agora ferida pelas armas do sadismo, provoca na criança um medo de vingança proporcional à sua destrutividade, o que é representado na história pelos objetos que ganham vida e se vingam do garoto pelos danos que ele causou. Nessa condição subjetiva relativa à posição

---

<sup>16</sup> Relevante lembrar que a elaboração da posição depressiva se dá durante a vida, seja na infância ou na vida adulta, de forma constante: “quando, por exemplo, alguém está aflito, angustiado com o fato de ter machucado a pessoa que ama, desolado com a perspectiva de ‘ter estragado tudo’; ou, então, alguém terminou um relacionamento e, passado um tempo, entra em desespero para reconquistar a pessoa abandonada, que já foi embora. É um estado de sofrimento intenso, de desejo que pulsa desassossegado, é um penar” (Cintra e Figueiredo, 2010, p. 97).

<sup>17</sup> Na teoria kleiniana, o sadismo é um desdobramento da pulsão de morte, de origem constitucional, ou seja, é inerente ao nosso psiquismo. A ideia do dualismo pulsional (pulsão de vida x pulsão de morte), proposto por Freud (1920, 2011), é levada adiante pela autora nas dinâmicas de amor e ódio, e essa é uma das principais bases de suas formulações.

esquizoparanoide, a lei de Talião, “olho por olho, dente por dente” impera, há um vínculo marcado pela tirania, uma constante tensão agressiva. Diante disso, os objetos atacados no momento de cólera equivalem a objetos de ansiedade, sobre os quais o menino não tem controle.

No segundo ato, quando a criança sente empaticamente a dor do esquilo ferido e realiza um gesto de reparação, identificando-se com o animal, o mundo, que era hostil e perseguidor, ganha uma tonalidade amigável. Com isso, o menino passa a confiar tanto na sua capacidade de amar quanto no sentimento de amor do outro, o que é representado pela palavra “mãe”, um termo redentor, na perspectiva da autora.

Apesar de o menino ter tido um final bem afortunado, não é sempre isso o que acontece no percurso da reparação. No momento da restauração do objeto, a ansiedade diminui, mas “o medo de sofrer o ataque da mãe agressora é substituído pelo temor de perder a mãe verdadeira, cheia de amor, e de ficar sozinha e abandonada” (Klein, 1929, 1996, p. 247). Além disso, a reparação pode ser perturbada por ódio, frustração, privações e ressentimentos vividos na relação arcaica com o seio materno (Klein, 1952, 1991).

Diante desses temores, as defesas maníacas<sup>18</sup>, as quais tentam se livrar de forma onipotente das angústias depressivas, tornam a reparação real anulada ou prejudicada, visto que esse trabalho psíquico não é uma defesa, muito pelo contrário, só pode ser feito quando se entra em contato com a dor e o sofrimento para elaborá-los. Nessas defesas, a dependência dos bons objetos é depreciada e negada junto à recusa dos danos causados a eles. O que se rejeita são os estragos e perdas gerados pelo ódio advindo das frustrações nas relações.

Nessas circunstâncias, a culpa se torna tão intensa, que é insuportável enfrentá-la, então as defesas se erguem para, magicamente, o objeto amado voltar a ter integridade e vida, pois assim os perseguidores internos deixam de existir. Isso cria um círculo vicioso, no qual os ataques são repetidos, constantemente, como forma de negar que precisa do outro. Assim, o objeto perde a valoração e não é mais necessário sentir pesar pelos danos inferidos, nem entrar em contato com a agonia vivida:

---

<sup>18</sup> Na leitura realizada por Figueiredo (2016), Melanie Klein se atenta para as formas benignas da defesa maníaca, visto que é inevitável, na elaboração das angústias concernentes à posição depressiva, não fazer uso desses mecanismos. O que caracterizaria o adoecimento psíquico seria a permanência nesse tipo de funcionamento, “por exemplo, por ocasião de uma morte, a emergência da defesa maníaca pode ajudar na preparação do sujeito para um posterior trabalho de luto. A permanência desta defesa, contudo, impede o luto, interrompe este importante trabalho de restauração psíquica e amadurecimento emocional. Ou seja, uma modalidade de defesa maníaca faz parte dos processos de saúde, a outra dos processos de doença” (p. 28).

Habitualmente, as crianças gostam de assistir a desenhos animados na televisão; neles muitas vezes os personagens caem de grandes alturas, devoram-se, esfaçalham-se e fragmentam-se, voltando, em seguida, rapidamente à sua condição íntegra e à vida. Pode-se dizer que as defesas maníacas têm essa mesma onipotência para desfazer a morte e anular, curando-os, todos os ferimentos. Há nas defesas maníacas, sempre uma tentativa de anular o desespero e a culpa que advém da constatação de se ter destruído as coisas valiosas e necessárias para a própria sobrevivência e integridade do indivíduo (CINTRA E FIGUEIREDO, 2010, p. 82).

Apesar de as defesas maníacas ocorrerem em muitos momentos das nossas vidas, é necessário que as reparações verdadeiras se deem por meio do reconhecimento da agressividade e do seu efeito (Segal, 1993). A verdadeira reparação é baseada no amor e no respeito por quem se ama. Posto isso, um grau de culpa faz parte do processo, mas, caso seja avassaladora, a reparação se dificulta; ao contrário, pode ser o caminho para o sentimento de preocupação com o outro.

Como exemplo de uma real reparação, lembro-me de um paciente, por volta dos 5 anos de idade, que apresentava como sintoma graves comportamentos agressivos na escola e em casa, o que era repetido no vínculo analítico. O momento que antecedia a despedida da sessão era regado de tentativas de destruição dos brinquedos, objetos da sala e ataques físicos contra mim (cuspir, bater, puxar a roupa e assim por diante).

No decorrer dos atendimentos, pude realizar as contenções necessárias e suportar os seus ataques sem castigá-lo. Então, a criança teve a ideia de me entregar flores no início de toda sessão, e entendi esse gesto como uma preocupação com a saúde e o bem-estar do objeto bom, pois, ao restaurar a destrutividade passada e a presente, o garoto recuperou aquilo que ele possuía de bom dentro de si, ao preservar o objeto fora.

Na concepção de Klein, o fortalecimento e o desenvolvimento do ego possibilitam o impulso de restaurar e reparar o objeto bom, visto que, nesse processo, o indivíduo passa a crer mais na própria bondade e na do outro, o ódio é mitigado pelo amor e se ganha “mais força e direção ao impulso criador e a todas as atividades construtivas” (Klein, 1942, 1991, p. 363). Ao mesmo tempo em que a reparação diminui ou suplanta a culpa vivida na posição depressiva, o apaziguamento da culpa proporciona a reparação e a consequente realização de processos construtivos que são sentidos como bons, a exemplo dos interesses pessoais, das atividades produtivas, do desenvolvimento social e do trabalho.

Caso a culpa seja muito intensa, não é possível elaborar a posição depressiva, pois, se a criança sentir que sua agressividade alcança uma proporção muito grande, ela vai entender que os seus impulsos libidinais devem ser refreados para não colocar em risco seus objetos amados, visto que eles não são sentidos como suficientes para integrar os impulsos

agressivos. Nesse sentido, a ambivalência não seria possível de ser vivida e a criatividade se encontraria obstruída (Klein, 1937, 1996).

No caso de Ruth Kjär<sup>19</sup>, analisado por Klein (1929, 1996), podemos verificar essa concepção. A moça tinha uma estrutura familiar e financeira estável, mas era acometida por frequentes episódios de melancolia. Na sua casa, as paredes da sala eram preenchidas por diversos quadros produzidos pelo seu cunhado. Em determinado dia, ele retira uma das peças para vender, e Ruth é assolada por uma tristeza aguda. No texto, é descrito que o espaço vazio da sala passa a coincidir com o espaço vazio interno da moça, no entanto ela possui um ímpeto de preencher esse buraco e resolve pintar uma tela em branco. Isso faz com que Ruth e todos ao seu redor descubram um talento artístico até então desconhecido. Nessa circunstância, as angústias depressivas foram aplacadas pela reparação, expressa a partir de um gesto criativo (Falbo, 2010).

A criatividade, nesse sentido, seria uma forma de reconstruir e prover vida ao primeiro objeto de amor, que foi estragado ou perdido, tal como nos lembra Proust (1989, 1917-1922, p. 12) ao dizer: “somente quando renunciamos àquilo que amamos é que podemos recriá-lo”.

Esses aspectos também podem aparecer pela via onírica. Para exemplificar, menciono um pequeno sonho de uma paciente que, devido a uma situação difícil no trabalho, estava lidando com altas doses de agressividade, tanto próprias, quanto dos outros. O relato onírico começa quando a moça, ao caminhar por ruas desconhecidas, mas com aparente serenidade, sentiu um incômodo na boca. No começo, ficou intrigada, pois não sabia do que se tratava. Só depois se deu conta de que sua língua estava coberta de cacos de vidro. A agonia da jovem foi aumentando, pois, à medida em que cuspiam os pedaços de vidro, eles se multiplicavam. Após esse momento de angústia, ela conseguiu transformar esses cacos em belas composições de bijuterias, como brincos e colares, ao unir cada fragmento. A destrutividade havia alcançado um fim criativo no sonho. Podemos pensar nessa experiência onírica como reparadora e elaborativa, na qual algo bom pôde surgir mesmo em meio à destruição.

Na análise de crianças pequenas, se o tratamento consegue diminuir a agressividade e a culpa, é possível que os impulsos criativos se manifestem pelo “desenho, a brincadeira com massa de modelar, a construção de casinhas e a fala” (Klein, 1937, 1996, p. 377). Podemos identificar essas construções quando a criança faz birra ou desobedece a mãe, causando-lhe ira, mas logo depois consegue verificar o dano causado. Então, o remorso surge, dá lugar à

---

<sup>19</sup> Esse caso se encontra presente no artigo “O espaço vazio” de Kanin Michaelis, utilizado como referência por Klein para escrever o artigo de 1929.



responsabilização e, para reparar o mal dirigido ao objeto de amor, entregam-lhe um desenho como um pedido de desculpas. Ele se torna um símbolo<sup>20</sup> de reconciliação, traços e contornos simbolizados que mitigam a turbulência do mundo interno.

No processo de reparação das crianças há uma espécie de prevalência da libido que é convertida em ação<sup>21</sup>. A libido é capaz de superar os impulsos destrutivos, ao transformar todo o ódio, desejo de morte em relação à pessoa amada, ressentimentos, culpas e ansiedades em atos criativos (Spillius et al, 2011).

Com todos esses elementos, percebemos que o pensamento de Klein vai se basear no mecanismo de reparação para entender todo e qualquer ato criativo do indivíduo. O que sustenta isso, continuamente, é uma força pulsional que se ramifica da pulsão de vida, que se entremeia à esperança e se dirige à integração, denominada por Klein de pulsão de reparação, a qual vamos discutir adiante.

### 1.3 O ÍMPETO DA CRIAÇÃO E DA ESPERANÇA: COMENTÁRIOS SOBRE A PULSÃO DE REPARAÇÃO<sup>22</sup>

Para falar sobre a pulsão de reparação, é importante lembrar que Klein se apoiou no dualismo pulsional<sup>23</sup>, elaborado por Freud (1920, 2011), para desenvolver diversas

---

<sup>20</sup> Hanna Segal (1993), no livro *Sonho, fantasia e Arte*, define que o símbolo surge “quando os sentimentos depressivos predominam sobre os esquizoparanoídes, quando a separação do objeto, a ambivalência, a culpa e a perda podem ser vivenciadas e toleradas” (p. 55). O uso de símbolos representa um objeto que foi perdido e/ou renunciado. Trata-se de um processo que ocorre na elaboração da posição depressiva, na separação entre eu-outro e denota, primordialmente, o amadurecimento do ego. Na ópera citada, a linguagem – a palavra “mãe” – é o exemplo claro de um símbolo na perspectiva kleiniana. Os temas do brincar e da estética também fazem parte do processo criativo, mas, assim como o simbolismo, eles não serão destrinchados nesta dissertação, devido ao extenso tempo que precisaria me dedicar a isso. Destaco, no entanto, a relevância desses assuntos para a compreensão do fenômeno da criatividade e da esperança em Klein.

<sup>21</sup> Nos bebês, a satisfação libidinal sucede por meio de palavras e gestos, seja com o seu próprio corpo ou com objetos, como paninho ou chocalho (Klein, 1936, 1996). Nesses movimentos, a criança se regozija ao morder o pé, os próprios dedos da mão, ou ao tentar equilibrar seu próprio corpo. O brincar primordial, como fazer rolar um objeto circular para que se crie um movimento de vai-e-volta, erguer torres de blocos para depois derrubá-las, faz parte do conjunto de elementos que estão no bojo das primeiras reparações. De fato, há um tipo de satisfação e encantamento nessas atividades infantis devido a libido voltada para si, mas a particularidade do vértice kleiniano faz enxergar essas vivências a partir das fantasias inconscientes e do impulso de reparação gerado quando se fere um ou mais objetos amados em fantasia.

<sup>22</sup> Na tradução das obras completas de Melanie Klein, pela editora Imago, há algumas passagens com a expressão “pulsão de reparação”. No livro original, em inglês, os termos utilizados são “drive to reparation” no artigo *Amor, culpa e reparação* (1937, 1981, p. 334) e “drive for reparation” no artigo *O complexo de Édipo* (1945, 1981, p. 410). O “drive” pode ser traduzido como pulsão. Inclusive, os críticos à tradução das obras completas de Freud, coordenada por James Strachey, discutem o fato de terem traduzido “trieb” por “instinct”, e não por “drive”.

concepções da sua metapsicologia. Sucintamente, essa noção descreve que o nosso psiquismo é constituído por duas forças: a pulsão de vida e a pulsão de morte. A primeira tende a preservar a vida e todo o seu movimento criativo, enquanto a segunda busca a inércia e o apaziguamento das tensões do aparelho psíquico por meio da destruição e da morte. Nesse constructo metapsicológico freudiano, as pulsões estão sempre em conflito, no qual uma tenta constantemente dominar a outra.

Apesar de essas tendências serem opostas, e em alguma medida, suplementares, vimos que, por meio da destrutividade da pulsão de morte, o indivíduo é pressionado para a elaboração da posição depressiva devido ao mecanismo da reparação. Isso nos faz pensar que as duas pulsões atuam mutuamente e se combinam de forma contínua e conjunta. Essas pulsões são, portanto, os lugares teóricos onde podemos situar diversos fenômenos conflitivos que observamos na vida cotidiana.

Considerando que ambas as posições estão em uma eterna dialética, se entendermos o lugar metapsicológico<sup>24</sup> da pulsão de vida, de caráter originário, como matriz do amor e da elaboração da posição depressiva, bem como o da pulsão de morte como regente de toda tragédia e drama humanos na posição esquizoparanoide, talvez possamos dizer que há um ímpeto ou uma tendência de alcançar a integração que subjaz a vida de qualquer indivíduo. Dessa forma, mesmo no início da vida, em plena posição esquizoparanoide, existiria um pano de fundo depressivo como promessa.

A pulsão de vida, como característica de Eros, seria a origem que mobiliza o desejo de integrar, reparar, criar e amar, que pode ser entendida como uma esperança de bons tempos futuros, na crença de que “depois da tempestade, vem a bonança”. Nesse terreno de ideias, Miranda e Miranda (2021) propõem:

Nos baldrames de nossa mente, mora a capacidade de esperança, que alicerça nossa edificação psíquica e sustenta as paredes do Ego para que não sofra rachaduras ao receber os abalos da vida (...) No lugar onde reside a esperança existe um Eu cheio de energia de Vida, que se originou de forças instintivas de conservação da vida (MIRANDA E MIRANDA, 2021, p. 149).

Nas vigas psíquicas e egoicas apoiadas na pulsão de vida, o sentimento de esperança pode existir como uma capacidade que contribui para o indivíduo realizar a dura travessia

---

<sup>23</sup> Para Freud, a sexualidade humana não está embasada nos instintos, mas na pulsão, uma noção que fica na fronteira entre o corporal e o psíquico.

<sup>24</sup> A metapsicologia é interessante porque cria um lugar metafórico onde é possível agrupar vários fenômenos. É para isso que serve encontrar um enquadramento metapsicológico: dar um lugar em que vários elementos possam estar associados e interligados. No caso deste estudo, primeiro, temos o fenômeno e, depois, a teoria - num nível de abstração maior.

depressiva, preservando a si mesmo e os seus objetos. Há, dessa forma, “uma esperança de reparação dos objetos internos e de recomposição narcísica” (Figueiredo, 2018, p. 173), como é possível observar nos comentários de Klein (1937, 1996):

Normalmente, a pulsão de fazer reparação pode manter afastado o desespero criado pelo sentimento de culpa; nesse caso, *a esperança* prevalece e o amor do bebê, assim como seu desejo de fazer reparação, são carregados inconscientemente para os novos objetos de amor e interesse. Como já sabemos, estes estão ligados, na mente inconsciente do bebê à primeira pessoa amada, que ele descobre ou recria através de interesses construtivos e de sua relação com outras pessoas. Assim, o ato de fazer reparação - que é um componente essencial da habilidade de amar - tem seu alcance ampliado (KLEIN, 1937, 1996, p. 383-384, grifo nosso).

No caso, a reparação ainda não foi efetivada, mas o impulso de reparar permitiria a diminuição do desespero e da culpa, pois o indivíduo sente que é possível restaurar a situação anterior ao caos interno. Isso acontece porque a culpa, se não for catastrófica, mobiliza a pulsão de reparação, enquanto esta estimula e reforça a circulação da libido no anseio de dar e receber gratificação libidinal. O resultado é a diminuição da agressividade e o aumento da capacidade de amar e de se sentir amado. Assim, Klein (1946, 1991) afirma que:

Um corolário fundamental da ansiedade, da culpa e dos sentimentos depressivos é o desejo de reparação. Dominado pela culpa, o bebê é levado a anular o efeito de seus impulsos sádicos através de meios libidinais. Desse modo, sentimentos amorosos, que convivem com impulsos agressivos, são reforçados pela *pulsão de reparação* (KLEIN, 1946, 1991, p. 454, grifo nosso).

Por ser originária da pulsão de vida, a pulsão de reparação seria o que engendra a esperança e a criatividade como fenômenos iminentes na vida psíquica, os quais se tornam prováveis de existir mesmo em circunstâncias altamente aflitivas. Pelo seu traço primordial, a pulsão de reparação não desaparece por completo, mas essa esperança de reparar pode se tornar desesperançosa, a depender das características do objeto interno. Este se forma pelas constantes projeções e introjeções que se dão no campo da fantasia, tanto no contato do bebê com a própria dinâmica pulsional quanto pela qualidade dos cuidados reais da mãe ou do cuidador.

A consequência desse processo faz com que entendamos a razão de algumas pessoas serem criativas e esperançosas na sua forma de ser no mundo, enquanto outras não. Para compreender essas nuances, vamos adentrar no tópico seguinte.

#### 1.4 A MANIFESTAÇÃO DOS FENÔMENOS DA ESPERANÇA E DA DESESPERANÇA NA ELABORAÇÃO DA POSIÇÃO DEPRESSIVA: A RELEVÂNCIA DA NOÇÃO DE OBJETO

Soubemos há pouco que as ansiedades da posição depressiva fazem o bebê se confrontar com o mal que causa à mãe em fantasia, com a dor de perceber que os seus atos a feriram e com o medo de perder o seu amor. A partir disso, gera-se o impulso de restaurar os objetos amados no seu mundo interno, que se encontra devastado após essas experiências. Esse caminho emocional tem como efeito a criatividade e o sentimento de esperança no indivíduo<sup>25</sup>, contudo só se efetiva quando há um bom objeto seguro no interior do bebê<sup>26</sup>.

É na continuidade das experiências de gratificação, vividas como fonte de vida e de amor, que se forma a base do objeto bom no núcleo egoico, o qual se torna estruturante para o *self*<sup>27</sup>. As memórias iniciais de júbilo e felicidade vão servir como um reservatório para a criança lidar com maus tempos que surgirão na sua vida, o que alimenta o sentimento de esperança e a crença de que “dias melhores virão”.

Nessa perspectiva, Klein (1963a, 1991) propõe que “as lembranças dessas vivências felizes são um recurso à disposição da criança pequena, quando ela se sente frustrada, porque se ligam à esperança de novos tempos felizes”. Da mesma forma, “quando a criança não é feliz no início de sua vida, ela terá dificuldades em criar uma atitude esperançosa, além de amar e confiar nas pessoas” (Klein, 1937, 1996, p. 380).

Se uma mãe fica ansiosa ao acolher um filho que está perturbado e choroso diante de algum desconforto, o bebê percebe a ansiedade da mãe e sente o seio oferecido como um objeto mau, o que faz aumentar sua fúria, tensão e horror, confirmando os seus objetos persecutórios internos (Garrido e Motta, 2021). Enquanto na situação contrária: “a capacidade da mãe de suportar o mal-estar do bebê e, intuitivamente, estar à disposição para que o bebê possa criar novamente um estado de relação gratificante, potencializa um estado de esperança e confiança, reafirmando a crença no bom” (Garrido e Motta, 2021, p. 40).

---

<sup>25</sup> No capítulo sobre a posição esquizoparanoide, ressaltaremos o caminho contrário, no caso, como a esperança aparece como potencialidade, antes mesmo da elaboração das ansiedades paranoides.

<sup>26</sup> A noção de objeto interno vai ser igualmente crucial para a discussão da esperança e da desesperança na posição esquizoparanoide, no entanto, como já situei, Klein postulou primeiramente a posição depressiva, por isso a concepção de objeto será, antes, enredada ao sentimento de culpa vivido nesta condição subjetiva.

<sup>27</sup> Para Klein (1959, 1991): “O ego, de acordo com Freud, é a parte organizada do *self*, constantemente influenciada por impulsos instintivos, porém mantendo-os sob controle pela repressão. Além disso, o ego dirige todas as atividades e estabelece e mantém a relação com o mundo externo. O termo *self* é utilizado para abranger toda a personalidade, o que inclui não apenas o ego mas também a vida pulsional, que Freud nomeou *id*” (p. 283).

Esses prazeres iniciais oferecem a segurança de que o objeto de amor interno permanece inteiro e não se despedaçou nem se transformou em perseguidor, mesmo nas situações de extremo tormento. Diante disso, a realidade externa apazigua a turbulência da realidade interna e faz a criança pensar: *Oh! Percebo agora que a mamãe não é esse monstro tão aterrorizador quanto eu achava ser; ou esse lobo mau não é tão mau assim quanto diz a chapeuzinho.*

Nessa circunstância, o seguinte circuito pode se instalar: a confiança na bondade do outro e em si mesmo é consolidada, paulatinamente, a partir dos encontros de amor que geram prazer. O medo, a destrutividade e o desespero interno diminuem ao se constatar que a mãe (interna e externa) não está ferida e, com isso, libera-se o caminho para que a reparação ocorra e a esperança se amplie.

O que podemos ver nos trechos citados é que o mecanismo da reparação por si só, no entanto, não garante a esperança, mas é o caminho previamente constituído de introjeções de objetos bons que possibilita a reparação e gera esperança, ambas em uma constante dialética. A prova disso é a reparação maníaca, que, muitas vezes, é indutora de desesperança. Desse modo, as experiências de gratificação podem ser pensadas como um solo comum em que pisam o bom objeto e a esperança:

Ao ser amado e sentir prazer e conforto junto a outras pessoas, sua confiança na bondade dos outros e de si mesmo é fortalecida. Aumenta a *esperança* de que os objetos "bons" e o seu próprio ego possam ser salvos e preservados, ao mesmo tempo em que a ambivalência e medos agudos da destruição interna diminuem. Na criança pequena, as experiências desagradáveis e a falta de experiências prazerosas, principalmente a falta de contato íntimo e feliz com pessoas amadas, aumentam a ambivalência, diminuem a confiança e a *esperança*, e confirmam as ansiedades a respeito da aniquilação interna e a perseguição externa; além disso, retardam ou interrompem permanentemente os processos benéficos através dos quais se atinge a segurança interna a longo prazo (KLEIN, 1940, 1996, p. 389-390, grifo nosso).

Da mesma forma que uma relação satisfatória com os objetos deriva do sentimento de esperança, há momentos em que o sentimento de esperança deriva de vinculações confiáveis no início da vida. Diante da conjugação dessas ideias, o indivíduo passa a crer, a partir das suas memórias de amor (conscientes ou inconscientes), que o seio bom pode ser recuperado mesmo em situações de desespero.

O que nos embasa nessa afirmação é a colocação de Figueiredo (2012) ao dizer que a confiança está relacionada às primeiras vivências com o objeto primário, normalmente, um

adulto cuidador<sup>28</sup>. A função desse adulto é conter e transformar a pulsionalidade do bebê e proporcionar um equilíbrio (mesmo que instável) das excitações do seu mundo interno a partir do oferecimento de conforto e da segurança para o lactente. Caso o objeto tenha cumprido o seu papel, ele não se torna concreto internamente, pois será absorvido e esquecido no psiquismo do bebê, transformando-se na capacidade de confiar em si e no outro: "O chamado 'bom objeto' a ser internalizado como condição da saúde psíquica – de que tanto nos falam Melanie Klein e seguidores – é, portanto, um vazio, uma ausência, um campo de possibilidades de encontros, investimento e simbolização" (p. 90)<sup>29</sup>.

Esse processo baseado na confiança capacita o indivíduo a reinvestir no mundo e abrir o tempo futuro como um lugar de desejo, aspectos que se referem à ideia de fé<sup>30</sup> proposta por Cintra (2004). Essa fé não está ligada à religiosidade, mas à confiança nos objetos, nascente do lugar metapsicológico da pulsão de vida. Assim, a fé se aproxima a uma confiança de que vão reaparecer objetos que sustentam a esperança, que alimentam e que são doadores de vida, especialmente quando o mundo interno e externo são confiáveis, quando não são completamente hostis, quando há uma saída, construída por esteios pulsionais e objetais que permite a tolerância e transformação de algo ruim (dentro ou fora de si) em um acontecimento bom.

A partir disso, é necessário sublinhar que a felicidade, a capacidade para amar e receber amor, e, acredito, a esperança do indivíduo não são garantidas apenas pelo que é oferecido no mundo externo, mas também pelas condições pulsionais, com origem interna e constitucional. Por exemplo, os pais de uma criança podem ser sentidos por ela como extremamente severos, cruéis e assustadores, mas na realidade são capazes de ser bondosos, tranquilos e acolhedores. Isso se explica devido às mínimas frustrações vividas serem hiperdimensionadas na fantasia

---

<sup>28</sup> Obviamente, essas questões não estão restritas às experiências primordiais, pois um paciente que está angustiado e em sofrimento, pode encontrar na figura do analista essa dimensão do cuidado e da confiança e conseguir transformar seus objetos predominantemente persecutórios e maus em bons. Assim como a confiança causa aberturas para a internalização do objeto bom.

<sup>29</sup> Figueiredo (2012) postula que, mais do que a introjeção do bom objeto para que a confiança se instale, é necessário o estabelecimento de uma *condição irrepresentável da experiência*, sem objeto específico, visto que o objeto primordial deve se encontrar incorporado ao *self*. Ao pensarmos na situação de uma pessoa que não digeriu bem um alimento, por exemplo, é como se aquilo que veio de fora tivesse se tornado um objeto estranho ao corpo e, por isso, precisa ser repellido. Se a digestão ocorresse bem, a comida teria sido absorvida e nutrido o indivíduo de vida. Por isso, um bom objeto não é um objeto e nem deve ser sentido dessa forma. Deve estar incorporado nas entranhas do ser, no qual é apenas vivido, e não sentido. Tal como um músico que precisa estudar a vida inteira para reger bem uma peça, mas todas as partituras estudadas se tornam sangue e osso nas suas carnes. Estão lá dentro, mas ele não sabe mais onde, pois encontram-se silenciosamente disponíveis nele na hora da execução.

<sup>30</sup> Klein utiliza o termo "fé" em variadas passagens dos seus textos, correlacionando-o ao sentimento de esperança, mas ela faz isso de forma "casual", sem construir uma conceituação entre ambas as ideias.

inconsciente infantil pela influência da pulsão de morte. A relação com os objetos internos e a forma com que a criança introjeta seus pais, portanto, é o que vai prevalecer para se manter uma “atitude esperançosa” frente à vida — quando esse vínculo é predominantemente de amor, como no caso do menino da ópera, mesmo diante do desespero, ele clamou o nome “mãe!”, signo do objeto bom que não cessou de existir dentro de si.

Pude observar isso em Anthony, um homem idoso que enfrenta os percalços ocasionados pela doença de Alzheimer no longa-metragem *Meu pai* (2020). Vivendo em uma casa de repouso, ele acorda mais um dia achando que está na sua residência e, ao estranhar o ambiente, questiona para a enfermeira: “Quem exatamente eu sou?”. Ao ouvir seu nome, comenta: “Anthony é um bom nome. Minha mãe quem me deu, eu imagino. Ela tinha olhos enormes, posso ver o rosto dela agora. Espero que ela venha me ver algum dia. Você disse que ela poderia vir aos fins de semana, não foi?”. Quando a enfermeira aponta que ele se enganou e que, na verdade, quem o visita é a filha, pois sua mãe já havia falecido, o senhor é inundado por um grande desespero e chora copiosamente enquanto clama: “Mamãe, mamãe! Quero a minha mamãe! Quero que ela venha me buscar! Eu quero ir para casa!”. Pouco importava se a mãe já tinha morrido, pois, acima de tudo, a mãe introjetada permanecia viva e servia como sinal da esperança que não findava. Afinal, como nos lembra Clarice (1969), “Mãe é: não morrer!”.

O objeto bom ou o nome “mãe”, ao ser sentido de forma segura dentro do indivíduo, cria uma aparelhagem emocional para que o pesar e o degustar do sabor amargo das perdas sejam elaboradas. Anthony e a criança da ópera, quando entraram em contato com o abismo das suas dores, lembraram da mãe capaz de cuidar e dos cuidados recebidos. A mãe estava desaparecida do universo psíquico deles, mas deu vislumbres de reaparecer após os chamados.

No caso do menino, foi só quando pôde viver todo o penar dos efeitos de seus atos destrutivos que a reparação com o esquilo foi feita e, assim, o sentimento de esperança frente à vida se fez presente como um lampejo na elaboração da posição depressiva. Esse caminho pode ser evidenciado pelo comentário de Klein (1952, 1991): “Pode-se observar nas análises tanto de adultos quanto de crianças que, juntamente com uma vivência da depressão total, surgem sentimentos de esperança” (p. 99).

O impulso criativo e a esperança, como expressões da reparação, reaparecem nesse momento: “(...) quando a segurança no mundo interno é gradualmente retomada e os

sentimentos e objetos internos voltam a ganhar vida, os processos de recriação têm início e a esperança surge novamente” (Klein, 1940, 1996, p. 402).

Nesses trechos, podemos perceber um elo sutil, apontado pela autora, entre a efetividade da reparação, ou a recriação dos objetos, e a possibilidade de sentir esperança. Por estar ligada a esse mecanismo, a esperança funcionaria como um impulso para a vida e preservação da saúde mental. Em consonância, Cintra e Figueiredo (2010) postulam o seguinte sobre a elaboração da posição depressiva:

Se, no início, a impressão é de caos absoluto, de que o mundo interno se despedaçou e destruiu, há depois uma intensa alegria e uma *esperança vitalizante*, quando os objetos internos bons são recuperados e reinstalados no mundo interno, que parece então renascer das cinzas (CINTRA E FIGUEIREDO, 2010, p. 101, grifo nosso).

Essa esperança vitalizante, que tem origem no resgate da potencialidade vital do mundo interno, dá-se no atravessamento das ansiedades depressivas, momento em que existe uma “necessidade vital de criar para se manter vivo e vitalizado” (Cintra e Vieira, 2016, p. 53). É como se uma espécie de brasa ou chama (re)acendesse para a vida, produzindo o ato de criação.

Contudo, ainda que a posição depressiva possibilite o aparecimento da esperança, as angústias relativas a esse estado podem, igualmente, fazer surgir a desesperança. Segal (1975), ao discutir o tema, destaca que, ao lidar com a complexidade existente na ambivalência, ao se dar conta que ama e odeia o mesmo objeto, a criança se desespera, pois, ao mesmo tempo que ama a mãe, sente que lhe causou um mal irreparável, que a devorou, culminando no seu desaparecimento. Isso provoca a destruição da mãe interna, que, agora, está desintegrada ou em pedaços. O bebê fica abandonado a seus próprios impulsos hostis, o que diminui a sua crença quanto à recuperação dos objetos.

Diante desse impasse, a criança pode ser relegada novamente à posição esquizoparanoide e viva, predominantemente, sentimentos de perseguição. Caso a reparação não restaure a destruição interna, a desesperança e a desconfiança na bondade de si e do outro passam a imperar: “O conflito depressivo é uma luta constante entre a destrutividade do bebê e seu amor e impulsos reparadores. O fracasso na reparação leva ao desespero; seu sucesso, à esperança renovada” (Segal, 1975, p. 85).

O caso de um jovem paciente que atendi ilustra essa discussão. Ele havia passado por tragédias sequenciais, tais como a tentativa de suicídio do irmão e o adoecimento do pai, não existindo um tempo de digestão para o padecer. A morte da mãe foi o ápice de todas essas vivências, o que lhe causou uma intensa falta de esperança na vida. Em determinada sessão,



proferiu: “A sensação é de desespero e eu não tenho a quem chamar”. O resgate da esperança, evocado pelo nome “mãe”, havia se esvaído, pois o seu objeto bom não estava seguro dentro de si. Isso o fazia sentir que não podia clamar por esse nome. A impossibilidade de elaborar as perdas e atravessar a dolorosa ponte da posição depressiva fez com que ele ficasse tomado por esses afetos, sem poder enxergar “uma luz no fim do túnel”<sup>31</sup>. A seguinte afirmação de Klein sobre a impossibilidade de realizar a reparação endossa o pensamento:

Os ataques sempre renovados aumentam tanto a destruição do objeto quanto sua retaliação vingativa, aprofundando assim as ansiedades depressivas e tornando a situação depressiva subjacente cada vez mais sem esperança e perseguidora (KLEIN, 1923, 1996, p. 103).

No entanto, como já citamos, a reparação pode sofrer influências da realidade externa, a qual tem a capacidade de fragilizar (ou fortalecer) a crença no objeto bom interno, desdobrando-se em esmorecimento, desalento e desespero. Por exemplo, imaginemos um casal em que um dos parceiros magoa o outro de modo que não consegue o seu perdão. Mobilizado pelo sentimento de esperança, insiste, de diversas formas na restauração do dano, mas seus atos são inúteis. Chega um ponto que o indivíduo se vê assolado pela desesperança a partir da recusa do outro, mesmo que a esperança de reparar estivesse presente no início.

Observei esses elementos em uma jovem paciente que se confrontou com o término do relacionamento, mesmo discordando dessa decisão do parceiro e, ao tentar de diversas formas a reconciliação, declarou: “Eu oscilo entre a esperança e o desespero. Já não sei mais o que fazer”. Essa experiência pode ser traduzida na seguinte enunciação: *Eu tinha esperanças de recuperar você e, por isso, tentei reparar a situação, mas você não permitiu, o que me deixou em estado de desespero e desesperança, levando à estagnação do meu impulso criativo.*

A estagnação do impulso criativo se deu pelo caráter irreparável da realidade externa, em consonância com a menor capacidade dela de elaborar uma perda. A impossibilidade de reparar, externamente, uma situação, levou-a ao desespero e à desesperança, porém a impossibilidade de perder o objeto, de "aceitar" que algo se perdeu, contribuiu tanto ou mais do que a possibilidade objetiva de reparação fora. Nessa composição, os seus objetos internos ficaram despedaçados e sem esperança.

Essa ligação entre o interno e o externo é evidente no caso clínico de Ilse, analisado por Klein. Ilse, uma jovem na puberdade, apresentava sintomas de inibição na aprendizagem e na capacidade imaginativa, bem como no brincar. Um exemplo disso era seu comportamento

---

<sup>31</sup> Obviamente, não há como atribuir sua desesperança apenas a esses fatos, pois a condição do seu mundo interno e a capacidade do seu entorno de oferecer segurança devem ser considerados na análise.

compulsivo de desenhar. Nesse cenário, ela não alcançava a reparação devido ao fato de não sentir o amor dos outros, nem esperanças na sua aptidão para amar, ou seja, não confiava no seu objeto bom (externo e interno):

Constituiu um grande avanço na análise o momento em que pude fazê-la compreender que ela era infeliz e mostrar-lhe que ela se sentia inferior e não amada e que se sentia desesperada por causa disso e, no seu estado de desesperança, não fazia nenhuma tentativa de conseguir o amor pelos outros (KLEIN, 1932, 1997, p. 110).

Nessa linha de pensamento, Klein (1932, 1997) relata o caso do Senhor B., um homem que predominantemente tinha o sentimento de esperança na restauração em si e nos objetos, sendo isso a base estável para a sua saúde psíquica. Quando precisou enfrentar o luto pela perda do seu segundo irmão, no entanto, foi dominado por uma culpa violenta, minando a crença no seu objeto bom. Para a autora, devido a essa circunstância, a esperança do homem em algo bom foi abreviada, o que levou ao seu adoecimento mental e fez com que ele desenvolvesse uma inibição de criar e produzir no trabalho. Com esses casos, observamos como a esperança tem influências sobre a capacidade de reparar e de criar<sup>32</sup>:

Isso significava que tinha que abandonar a esperança de todas as coisas que em seu inconsciente estava procurando restaurar – em última instância, a mãe e o seu próprio corpo. A grave inibição no trabalho que o acometeu foi outra consequência da sua perda de esperança (KLEIN, 1934, 1997, p. 289).

Ainda nesse sentido, mas como uma interferência benigna da realidade externa, Klein (1959, 1991) expõe, por exemplo, que pessoas com um caráter sincero e genuíno influenciam a esperança de outros indivíduos: “tais personalidades lhes dão alguma esperança sobre o mundo em geral e maior confiança naquilo que é bom” (Klein, 1959, 1991, p. 296). Mesmo não possuindo a mesma qualidade, surge uma esperança do que elas próprias poderiam ter sido ou possam ser no futuro.

Assim, por mais que o mundo psíquico realize um ímpeto para a reparação, a desesperança, influenciada pelo mundo externo, pode solapar esse movimento e originar sintomas de inibição na criatividade, tal como demonstram os casos relatados acima. Vamos

---

<sup>32</sup> Na concepção de Segal (1955, 1969), esse tipo de inibição na criatividade pode estar associado com uma desorganização a nível genital, pois as criações artísticas, como criar uma obra de arte, têm uma relação direta, inconscientemente, com o ato de procriar. Esse processo ocorre porque, ao mesmo tempo em que precisamos nos identificar com aquele que dá (o símbolo paterno), precisamos nos conectar com aquele que recebe, contém o que é recebido e gera (o signo materno). A autora destaca a importância da esperança de recriar os pais como bons objetos para se conceber um solo fértil da maturidade genital e da capacidade artística, ou seja, da criatividade: “Se se sentir que os pais foram tão completamente destruídos que não há esperança de recriá-los jamais, uma identificação bem-sucedida é impossível, e, nesse caso, a posição genital não pode ser mantida, nem se desenvolver a sublimação na arte” (SEGAL 1955, 1969, p. 107).

discutir, agora, como isso pode se dar no processo terapêutico, especialmente no funcionamento de pacientes desesperançosos que não conseguem elaborar a posição depressiva e desencadeiam sentimentos de descrença no analista.

## 1.5 A ESPERANÇA E A DESESPERANÇA DO ANALISANDO NO PROCESSO CLÍNICO E OS RESPECTIVOS EFEITOS NO ANALISTA

Ao discutir sobre o não atravessamento da posição depressiva e a incapacidade de uma reparação genuína no trabalho clínico, Riviere (1936, 2011) menciona os pacientes que pioram o seu estado emocional ao perceberem uma melhora durante a análise. Essa reação terapêutica negativa<sup>33</sup> é um efeito iatrogênico de uma defesa maníaca contra a fantasia de dependência, na qual os pacientes evitam ser ajudados. É insuportável para algumas pessoas depender do cuidado do outro e reconhecer que graças, também, ao analista, puderam melhorar<sup>34</sup>.

Aos olhos de um desavisado, nas reparações maníacas, há uma atividade construtiva sendo feita, uma entrega energética para determinadas atividades, mas o que se esconde é uma luta contra a desesperança frente à restauração dos objetos maus em bons (Figueiredo, 2016).

Esses casos se dão por conta de um intenso sentimento de culpa inconsciente comandado por uma fantasia de que a cura pode levar os seus objetos maus à morte. Internamente, é como se fosse melhor ter objetos maus do que cair no vazio aniquilante de não ter objeto nenhum. Melhorar significaria abandonar e destruir esses objetos internos hostis e, quando a posição depressiva não está bem elaborada, essas perdas são sentidas por meio de uma intensa angústia persecutória. Por isso, a culpa não é capaz de ser motor da reparação e se desdobra em desolação ao invés de esperança.

---

<sup>33</sup> Essa ideia foi discutida anteriormente por Freud (1923, 1996) para designar pessoas que agem de forma inversa ao sentido de progresso da análise e à cura, pois ficam doentes devido a uma culpa inconsciente: “Se lhes damos esperanças e demonstramos satisfação com o progresso do tratamento, parecem ficar insatisfeitos e, frequentemente, logram piorar seu estado... toda resolução parcial que produziria uma melhora, ou uma suspensão sintomática temporária em outros pacientes, causa aqui uma intensificação momentânea do sofrimento. Em vez de melhorarem, essas pessoas pioram... o que está em jogo é um sentimento de culpa que só se apazigua no estar doente e que não quer, de modo algum, renunciar ao castigo do sofrimento... esse sentimento de culpa se expressa somente na forma de uma resistência tenaz contra o restabelecimento” (p. 57).

<sup>34</sup> Em outros casos, quando um paciente melhora, devido à elaboração da posição depressiva, ele diminui sua condição de dependência.

Os pacientes se mantêm adoecidos porque sabem, de alguma forma, que a tentativa de salvar esses objetos é em vão e sem esperança. Mesmo esses objetos primários sendo odiados e carregados de mágoa, devido à qualidade insuficiente da relação, eles precisam existir dentro de si (Figueiredo, 2018), pois antes nessa condição de odiado do que na orfandade.

O lema desses pacientes se resume em: “É melhor estar mal acompanhado do que sozinho”. A vida é sustentada por um fio, e é preciso lidar com uma ameaça de morte iminente. Em situações clínicas como essas, a esperança do analista pode gerar insatisfação e piora no estado do analisando, pois qualquer transformação positiva acaba se voltando para o pior. O paciente empurra o analista para a parede da desesperança, impedindo-o, muitas vezes, de ter um espaço psíquico que propicie os seus *insights*. Apesar disso, essa desesperança nunca é total, pois isso significaria a morte para o ego.

A esperança mais próxima que alimenta esses indivíduos é a possibilidade de curar os outros, os quais amou e feriu, a partir da própria cura. Esse é o único motor para o tempo, o sofrimento e os demais custos que a análise provoca. Dessa forma, a análise é vivida com extrema ambivalência entre a esperança e o desespero. Ao mesmo tempo em que sofrem, esses indivíduos não deixam de abraçar a morte:

Contudo, com todos os fios de esperança que ainda possa ter, ele sabe que ninguém exceto um analista vai se arriscar a se aproximar, assim mesmo só até a margem desses seus problemas; e assim ele se agarra à análise, com uma esperança desesperada, ao mesmo tempo em que, de fato, não tem nenhuma confiança nela (RIVIERE, 1936, 2011, p. 130).

Nessa direção, Mehler e Argentiére (1989) apontam um aspecto interessante sobre as dificuldades na elaboração da posição depressiva e a sua relação com a esperança na clínica. As autoras diferenciam a esperança realista da esperança patológica. A primeira seria “benigna”, como favorecedora do processo analítico, enquanto a segunda estaria ligada a resistências inconscientes e defesas contra a culpa, a perda e a separação.

Esses pacientes apresentam cisões internas relativas às experiências que não querem perder ou se separar e, na análise, impõem ao analista papéis e encenações que se referem ao próprio cenário de objetos parciais que estão em estado fixo e imutável. Há uma ilusão rígida de que essa demanda interna seja realizada para não se confrontar com as perdas e os tropeços que acontecem no resgate do bom objeto:

A análise e o analista são investidos de uma tarefa irrealista, que consiste em preservar a ilusão de que o passado perdido para sempre pode ainda ser providenciado e restaurado. A perpetuação dessa demanda, acompanhada de ressentimentos pela falta de seu cumprimento, é a defesa extrema contra a ameaça de separação (MEHLER E ARGENTIERE, 1989, p. 299).

Nesses casos, o analista e o espaço de análise ficam em um lugar onipotente e maníaco, como se pudessem suprir as faltas do mundo interno e substituir os objetos perdidos e/ou estragados. Há uma demanda de que o outro seja o salvador da sua esperança intransigente para desfazer o passado vivido, mas que não foi elaborado, ou não vivido e ausente. Nessa insistente continuação de reivindicar o que está perdido ou o que nunca foi desfrutado nas relações primárias, o indivíduo não consegue criar um espaço simbólico entre o passado e o futuro, entre o que já foi e o que deveria ser, estagnando-se no tempo. Desse modo, continuar desesperançado e ressentido – já que o analista não cumpre esse papel – é uma forma inconsciente de não renunciar à queixa, nem de largar os objetos internos e as ilusões derivadas deles. Com isso, as mudanças e criações ficam obstruídas de forma radical.

Há, por exemplo, em alas de hospitais, a esperança negacionista de pacientes paraplégicos que se prendem a uma crença idealizada e a falsas esperanças de que vão voltar a andar da mesma forma que ocorria antes do traumatismo. De certa maneira, isso pode comprometer significativamente o processo de reabilitação, pois os impede de reconhecer as perdas e danos ocorridos, além dos limites possíveis de uma recuperação, muitas vezes parcial, da lesão. Nesse sentido, podemos pensar o quanto a equipe de profissionais do hospital, em especial a figura médica, recebe essas demandas e anseios irrealistas de recuperação mágica de um passado que não está mais em sua posse. A esperança negacionista, no entanto, mesmo não favorecendo a integração, pode ser a única forma de o paciente não enlouquecer, pois está a salvo, pela idealização de um objeto perdido, de uma desintegração total.

Toda essa explanação traz um mapeamento geral de como o sentimento de esperança pode ser, ao mesmo tempo, favorecedor e consequência da integração na posição depressiva, enquanto a desesperança ou as “falsas esperanças” apontam para a desintegração e os seus correlatos.

Esses movimentos mais ou menos integrados da mente são contínuos e fluidos nas veredas do campo psíquico, nos quais não há como demarcar uma sequência ou linearidade, pois a lógica das pulsões se dá por desarranjos, um vai e vem ambivalente e ininterrupto que se torna a base do funcionamento mental. Vamos explorá-la a seguir.

## 1.6 O DUALISMO PULSIONAL NA METAPSICOLOGIA KLEINIANA: REFLEXÕES SOBRE A AMBIVALÊNCIA DE BASE E SUA RELAÇÃO COM A CRIATIVIDADE E A ESPERANÇA

Até agora, estamos acompanhando o movimento da mente, tomando como referência o dualismo pulsional e a noção das posições psíquicas para entender como a esperança e a desesperança, junto à criatividade e à destrutividade, aparecem nessas dinâmicas. Discutimos que a pulsão de reparação está ligada à pulsão de vida, com base constitutiva, e que esse impulso para reparar pode ser entendido como uma esperança de restaurar os objetos amados na fantasia inconsciente. Como efeito desse ímpeto, a criatividade tem o potencial de se manifestar como um fenômeno psíquico.

Diante dessa colocação, poderíamos presumir um aspecto constitutivo e inerente da esperança, pois Klein (1932, 1997) chega a articular esse sentimento com as “profundezas da mente” (p. 282), como se aludisse a algo que mora e que permanece intacto e preservado, em alguma medida, no fundo do nosso inconsciente, mesmo na existência de traumas e perdas. Esse traço originário permite que possamos juntar as experiências positivas para poder ter o impulso de seguir a vida.

Desse modo, enquanto a esperança e a criatividade subjazem da pulsão de vida, a desesperança e a destrutividade seriam oriundas da pulsão de morte. As primeiras estariam ligadas à integração, à ordenação e a Eros, enquanto as segundas se correlacionariam à desintegração, à desordenação e a Tânatos.

Na medida em que estamos sempre fluando entre as posições, em um movimento psíquico contínuo e conflituoso, vamos transitar entre os binômios da esperança x desesperança e criatividade x destrutividade. Isso nos faz pensar que, mesmo no alcance da posição depressiva, há um panorama esquizoparanoide desesperançoso e destrutivo nos ameaçando, ao qual podemos regredir o tempo todo. Por outro lado, nas vivências esquizoparanoides, um cenário depressivo mais esperançoso e criativo estaria lá como potencialidade.

Um dos elementos que sustenta nossa argumentação, tanto para a discussão das posições quanto para a inveja e a gratidão – conteúdo que veremos mais adiante –, é a ideia de *Ambivalência de base*, formulada por Figueiredo (2021). Essa noção se trata de uma hipótese metapsicológica ligada diretamente ao conflito pulsional, caracterizado por um estado de caos, confusão, ambiguidade e indiscriminação que o bebê vive antes de conseguir separar o

objeto bom do mau, na passagem para a posição esquizoparanoide<sup>35</sup>. A ambivalência de base está atrelada à inveja primária, na qual o seio bom é vivido como mau, pois é odiado e temido. Nesse momento, ainda não há uma separação clara entre esses dois objetos, o que impede a integração do bom objeto no ego:

O importante é ver que essa confusão e ambiguidade experimentada diante dos bons objetos – ou do que poderia ser um bom objeto, não fosse a inveja – é a mais pura expressão da ambivalência de base: quando o amor e ódio operam e trabalham juntos e intensamente, muito antes de o ego ser capaz de discriminar, cindir, reunir e tolerar as tensões e conflitos, o bom e o mau se confundem e sobrepõem (FIGUEIREDO, 2021, p. 7).

Com base na teoria kleiniana, o autor afirma que a ambivalência existe desde o nascimento até o fim da vida e opera a partir do conflito entre pulsões de vida e de morte<sup>36</sup>, próprias da condição humana. Esse dualismo precede e domina a formação do ego e independe das variações nas relações com o meio externo e com os objetos internos primários<sup>37</sup>.

Em seu arcabouço, Klein (1957, 1991) admite a existência de polaridades que não são possíveis de serem integradas no mundo psíquico, mesmo que o indivíduo apresente uma força egoica significativa, pois a abertura para entrar em contato com a riqueza do campo pulsional sempre leva a alguma instabilidade. Há uma espécie de núcleo que ricocheteia qualquer tipo de elaboração, mas que, ao mesmo tempo, é fonte de criação e atividades intelectuais, pois faz o psiquismo trabalhar permanentemente:

A meu ver, uma integração completa e permanente nunca é possível; isso porque, sob pressão de fontes externas ou internas, até mesmo pessoas bem integradas podem ser levadas a processos de cisão mais intensos, embora isso possa ser uma fase passageira (KLEIN, 1957, 1991, p. 266).

Esse núcleo pode ser entendido como a destrutividade da pulsão de morte, que mobiliza a vida pelo conflito gerado e pela necessidade de superá-lo constantemente: “A ausência de conflito no bebê, se é que tal estado hipotético pudesse ser imaginado, privá-lo-ia de enriquecimento em sua personalidade e de um importante fator no fortalecimento de seu ego” (Klein, 1957, 1991, p. 186).

---

<sup>35</sup> Lembrando que a cisão entre bom e mau é necessária para a integração do objeto bom no ego e a consequente elaboração da posição depressiva.

<sup>36</sup> O dualismo pulsional freudiano (1920, 2011) foi aderido completamente por Klein a partir da década de 1930, embora essa ideia esteja presente nos seus escritos antes mesmo desse período.

<sup>37</sup> É necessário lembrar que essas são especulações filosóficas sobre o psiquismo, mitos antropológicos, assim como toda teorização psicanalítica.

Ancorando-se nessas formulações kleinianas, todas as formas de criatividade estariam, portanto, ligadas à ambivalência de base, pois a destrutividade, originada da pulsão de morte, é a base do mecanismo de reparação. Assim como amor e ódio, vida e morte andam juntas. Nesse sentido, a ambivalência de base, na eterna batalha pulsional, do começo ao fim da vida, acaba sendo, tanto fonte de toda a tragicidade humana, quanto da sublimação<sup>38</sup> e da criação: “O que estamos sugerindo é que a ambivalência de base esteja nas raízes de todas as formas e modalidades de criatividade e nunca seja pura e simplesmente superada” (Figueiredo, 2021, p. 12).

No meio desse duelo de titãs, a esperança, como princípio do funcionamento psíquico, seria o ringue capaz de sustentar e manter as ligações e desligamentos das pulsões, além de “suportar cargas cada vez maiores de Eros, vale dizer, de tensão, e a sustentar a dialética entre continuidade e ruptura, identidade e diferença” (Figueiredo, 2018, p. 176).

Nos pacientes sem esperança, a desesperança, no âmbito da pulsão de morte, seria a única forma de vida no psiquismo, como aponta Figueiredo (2018). Nesses casos, é como se Eros não tivesse condições de entrar no palco mental para a encenação do embate com Tânatos. Assim, os processos de investimento em si e no outro, bem como as separações e encontros do *self* com o objeto, ficam obturados, e a desesperança predomina.

O que podemos articular a partir dessas ideias é, para existir, tanto a esperança quanto a criatividade partem de um conflito pulsional inerente à vida. Endossamos essa linha de argumentação com um pensamento de Rocha (2007):

Se no contexto de tudo o que dissemos, podemos articular a esperança como princípio fundamental do funcionamento psíquico e da estruturação da subjetividade com a força da pulsão de vida (Eros) e a desesperança com a pulsão de morte, então se poderia dizer que o grande conflito que ameaça não só a nossa vida psíquica, mas toda nossa vida cultural é, em última análise, um conflito entre a esperança e a desesperança. E diante deste conflito – parodiando o que Freud (1930) escreveu no término do “O mal-estar na cultura” – poder-se-ia dizer que “só nos resta esperar que o eterno Eros desdobre suas forças para se afirmar na luta com seu não menos imortal adversário” (ROCHA, 2007, p. 271).

De forma curiosa e imaginativa, o filme *A história sem fim* (1984) consegue expressar, ao longo de toda a trama, a contenda entre as dinâmicas da vida e da morte e como a esperança pode ser um adversário à altura nessa disputa. Bastian, o protagonista, faz parte do mundo

---

<sup>38</sup> Para Spillius et al (2011), numa leitura kleiniana, reparação não quer dizer o mesmo que sublimação. A primeira está atrelada aos impulsos, assim como a segunda, mas a diferença é que, na reparação, o intuito é restaurar os danos da agressividade na fantasia inconsciente, enquanto a sublimação está mais voltada para a produção de atividades simbólicas dos impulsos libidinais e agressivos. A impressão é de que, na reparação, não há necessariamente um feito construtivo, pois o que está em jogo é o campo fantasmático.



real, mas, ao entrar em contato com um livro mágico, precisa salvar o reino da fantasia pertencente ao conto, um espaço de sonho, imaginação e criatividade. Caso não consiga, o nada e a escuridão poderiam invadir e tomar conta de tudo. Para isso, ele tem a missão de dar um novo nome para a imperatriz e escolhe renomeá-la Esperança. Esse nome é um elemento decisivo e impulsionador da criação e da vida e aparece como uma força motriz capaz de destruir a morte, a desesperança e tudo o que elas representam.

Ao abraçarmos a metapsicologia kleiniana, acreditamos que esse traço originário da pulsão de vida atrelado à esperança foram motores para que Bastian juntasse as boas experiências da sua vida para ter o impulso de seguir e realizar a jornada da batalha existente no seu dinamismo psíquico. Na discussão do próximo item, veremos como essa travessia opera em um estado regredido da mente, denominado posição esquizoparanoide.

## 2. A DESTRUTIVIDADE E O DESESPERO VIVIDOS NA POSIÇÃO ESQUIZOPARANOIDE: ONDE CABE A ESPERANÇA E A POTENCIALIDADE PARA A CRIAÇÃO?

*Eu tenho a esperança que nada se perde,  
tudo alguma coisa gera...  
O que parece morto, aduba...  
O que parece estático, espera.  
(Adélia Prado)*

### 2.1 “CRENÇA NA CURA, CRENÇA NO FUTURO”: UMA LEITURA DO FILME SETE MINUTOS DEPOIS DA MEIA-NOITE

Conor O'Malley, um garoto de 13 anos, acorda assustado com um pesadelo. No sonho, acontece um terremoto, e tudo ao seu redor começa a desmoronar. O chão se abre e ele segura firme a mão da sua mãe para impedir que ela caia no abismo, mas seus esforços são em vão. Ele não consegue fazê-la voltar para a terra firme e grita, em tom ensurdecedor, o nome “Mãe!” carregado de agonia e desespero ao vê-la despencando no vazio escuro do penhasco.

Essa é a cena inicial do filme *Sete minutos depois da meia-noite* (2016), do diretor Juan Bayona, cujo enredo se baseia na história de um menino que precisa lidar com diversos problemas na sua vida: a mãe sofre com um câncer terminal, ele é maltratado física e psicologicamente pelos colegas da escola, possui um pai ausente e distante e uma avó autoritária e fria<sup>39</sup>.

Todos os dias, sete minutos depois de o relógio chegar no horário da meia-noite, Conor passa a se encontrar com um monstro, representado por uma árvore com raízes gigantes, o qual decide lhe contar três histórias, todas sobre como conseguiu matar seus inimigos. Em determinado momento, o monstro faz uma observação: a quarta narrativa deve ser contada pela criança, pois considera que essa será “a verdade” a ser enunciada. Em seguida, o monstro faz uma reflexão sobre uma das histórias e declara para Conor: “Fé é metade da cura. Crença na cura, crença no futuro que o espera”.

Essas frases são repetidas pelo garoto ao encontrar com a mãe e ouvir dela que os medicamentos não estão surtindo efeito, e que os médicos irão tentar um diferente, com

---

<sup>39</sup> O objetivo não é realizar uma análise de todos os detalhes e simbolismos do filme, e sim de pinçar os aspectos de criatividade e de esperança que podem ser discutidos na seção presente.

componentes retirados de uma árvore curativa. Dessa forma, a criança mantém a esperança de que a mãe irá se recompor, fora e dentro de si, mesmo encontrando-se em um estado mental perturbado e angustiante.

Diante de tantas circunstâncias difíceis, principalmente por ver a mãe cada vez mais debilitada e sentir que está a perdendo, é possível identificar, na obra, que o menino se encontra em um estado regredido da mente, pois no campo da sua fantasia, tudo parece tomar uma proporção imensa e desesperadora, e suas emoções aparecem divididas, não assimiladas. Dentre vários aspectos a serem interpretados, o monstro personifica seus próprios componentes destrutivos, não aceitos e colocados nessa figura.

Há uma cena em que, por exemplo, depois de ter um dos seus desenhos estragados pelo rapaz que o agredia constantemente na escola, Conor tem um surto de fúria e o espanca a ponto de fazê-lo parar no hospital. A diretora o chama para conversar e, ao ser questionado pelo seu ato, ele responde: “Não fui eu!”. Aqui, a fragmentação fica ainda mais aparente: o eu agressor não estava unido ao eu amoroso. Mesmo indignada com a situação, a diretora não o castiga pelo comportamento agressivo.

Em outra passagem do filme, a avó de Conor olha para o relógio da sala de estar e fala para o neto: "Essa é a hora certa. Esse relógio mostra o horário perfeitamente há centenas de anos". No momento em que está sozinho, o garoto decide mexer nos ponteiros para chamar o monstro no intuito de dar vazão ao seu ódio e acaba quebrando o objeto. Ao aparecer, “ambos” ficam agressivos. Há uma certa satisfação no ato de destruir. De repente, todos os móveis do cômodo aparecem completamente despedaçados. Ao se deparar com a cena, a avó entra em choque, mas não realiza nenhuma represália, e o garoto confessa em outro momento para o pai: “Eu não queria fazer isso, eu não sei o que aconteceu!”, o que aponta para um componente dissociado das suas experiências e afetos.

É possível compreender o estrago do relógio como uma forma de estar desorientado e mal localizado no tempo. O aspecto da atemporalidade é experimentado por Conor, pois, na vivência de momentos tão trágicos, parece que já não há mais antes, durante e depois para o menino, no qual parece ter perdido a capacidade de se narrar. A noção de tempo e espaço é desértica, estática, sem uma direção ou norte. É como se ele fosse um pequeno marinheiro perdido no meio da turbulência do alto mar, sem bússola ou terra à vista, sem poder se guiar e sem saber se é dia ou noite, já que o céu está opaco e cheio de nuvens.

Mesmo após tantos episódios de dor, Conor nunca perdeu a esperança de a mãe continuar viva, e esse sentimento começou a ser expresso pelo seu ato de desenhar constantemente, seja

no quarto, na sala de espera do hospital ou na escola. Ele estava sempre na companhia do seu caderno de desenhos. Inclusive, desenha o monstro como uma forma de dar continência e simbolizar os seus impulsos. Além de expressão da criatividade, o ato de desenhar é uma forma de ligação, representação e presença da mãe, pois ela desejava fazer faculdade de artes antes de engravidar e possuía a mesma prática que o menino. Esse vínculo é expresso quando a avó assiste a um vídeo antigo da família, no qual aparecem Conor e a mãe desenhando, e ela diz: “Você será um artista de verdade!”.

Nas cenas finais, o menino procura novamente o monstro, revoltado, pois a árvore que poderia curar a sua mãe não produziu o efeito que se esperava. O monstro retruca e diz que a pretensão não era curá-la, mas curar o próprio garoto. Chega, então, o momento de contar a quarta história, o pesadelo de Conor. Caso isso não aconteça, ele pode ficar preso eternamente na dor e morrer. Depois de relutar inúmeras vezes, o menino é vencido pelo cansaço e conta a verdade que ele tanto evitou: “Eu queria que tudo isso acabasse!”.

Ele se confronta com a culpa de ter desejado a morte da mãe e acredita que ela pode morrer pela força do seu pensamento e vontade, assim, deve ser punido e merece o pior. O monstro o consola e considera esse desejo legítimo, pois uma parte sua queria fazer a dor acabar, mesmo isso significando perder a mãe, e diz: “Esse é o desejo mais humano que existe”, o que retrata a natural vivência de uma contradição interna.

Depois da morte da mãe, Conor se mudou para a casa da avó. Ela preparou um quarto todo decorado para o menino, com muito cuidado e amor. Ele pôde sentir que o mundo também oferecia bondade, não somente dor. O filme termina com o garoto folheando o caderno de desenhos que a mãe possuía, com a ilustração de todos os personagens dos seus pesadelos e das histórias contadas pelo monstro. As fantasias que ele tinha surgiram das imagens pertencentes ao mundo psíquico dela.

No filme, a esperança, a crença e a fé do garoto, ao longo de sua travessia, do adoecimento até o óbito da mãe, permitiram o despontar da criatividade, simbolizada pelos desenhos, ou, como o próprio garoto disse: “Fé é metade da cura. Crença na cura, crença no futuro que o espera”. Esperança, talvez, de uma cura representada pela arte, pintura, história e imaginação.

Antes disso, porém, Conor viveu intensos momentos de angústia que o fizeram inventar a imagem de um monstro para lidar com tanto sofrimento. O seu emocional fragilizado, a forma com que sua mente funcionava e seus comportamentos apontavam para uma não integração

das experiências, que se aproxima da definição da posição esquizoparanoide, da qual trataremos agora.

## 2.2 BREVE APRESENTAÇÃO DOS CONFLITOS PSÍQUICOS QUE SE DÃO NA POSIÇÃO ESQUIZOPARANOIDE

Para compreender melhor o estado conturbado da mente de Conor, presente ao longo do filme, iremos realizar uma articulação com a posição esquizoparanoide, ideia inaugurada por Klein no texto clássico *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides* (1946, 1991).

Primeiramente, a autora afirma que, nesta posição, inicial e inerente à vida de qualquer indivíduo, as relações de objeto são parciais, no qual o bebê ainda não reconhece a mãe como um ser com delineamentos de totalidade e diferenciação de si. Além disso, a pulsão de morte faz com que o ego arcaico viva ansiedades aterrorizantes e angústias de aniquilação, pela sua força para cindir, despedaçar, desordenar e desintegrar, sendo esta uma espécie de potência inerente ao *self* (Caper, 1990).

Para se proteger desse cenário avassalador, o ego utiliza predominantemente os mecanismos defensivos da cisão, projeção e negação da realidade externa e interna. A partir deles originam-se as representações do seio bom e o seio mau, imagens presentes no mundo da fantasia inconsciente infantil, que têm o intuito de dar sentido às experiências de gratificação e frustração. Esses objetos parciais são sentidos como representantes do *self* nas partes projetadas, com isso, os sentimentos de dependência, posse, controle e onipotência na relação com a mãe se intensificam (Catafesta, Levinzon e Kimura, 2021).

No entanto, esse tipo de organização pode retratar um bom funcionamento psíquico, pois na medida que ocorre a separação do bom e do mau, o bebê coloca o que lhe ameaça para fora, como “um mecanismo protetor”, que o auxilia a manter “a esperança em dias melhores” (Valentim, 2021, p. 53).

Dessa forma, a criança pode projetar o seu ódio, causado pelo desprazer e desconforto, mais livremente para a mãe má, enquanto idealiza os aspectos satisfatórios da mãe boa, justamente para preservar o amor e a pessoa que ama, e afastar a persecutoriedade provocada pelos seus impulsos destrutivos. Essa cisão é originária e constitutiva, a qual se torna um alicerce para o ego rudimentar que ainda não consegue alcançar a integração.

Portanto, o amor e o ódio, assim como os objetos e impulsos, na posição esquizoparanoide, podem ser ilustrados como os compostos heterogêneos da água e óleo, pois apesar de estarem no mesmo recipiente (psíquico), não se uniformizam e nem são assimilados no ego. Isso funciona como uma bifurcação esperançosa, na fantasia infantil, para se salvar do desespero e encontrar bondade no mundo:

(Se) consigo manter algumas pessoas amadas intactas, então na verdade não feri nenhuma das pessoas que eu amo e poderei guardá-las para sempre na minha mente. Em última análise, a imagem dos pais amados é preservada na mente inconsciente como a mais importante de todas as poses, pois ela protege aquele que a guarda da dor da total desolação (KLEIN, 1937, 1996, p. 371).

Uma analogia que pode exemplificar esse aspecto é se caso decidamos começar um tipo de atividade física, como a musculação, não vamos partir dos movimentos mais complexos para os mais simples, nem os pesos utilizados podem ser excessivos para o nosso corpo, no início, no intuito de evitar uma lesão muscular. E é assim que devemos conceber o ego do bebê, pois este necessita de exercícios mentais mais simples (a divisão do mundo entre mocinhos e vilões) para que, posteriormente, haja a fortificação e crescimento do “tecido muscular egoico”, com vistas à integração gradual dos afetos (o bom e mau coexistirem) na posição depressiva.

Isso, igualmente, evitaria uma “lesão psíquica” ou algum tipo de psicopatologia devido à “flexibilidade mental” para suportar a ambivalência, adquirida com o tempo e experiência. Nessa perspectiva, deve-se respeitar o tempo de elaboração da posição esquizoparanoide, pois se os mecanismos de defesa mais arcaicos são empregados, é porque o psiquismo do indivíduo necessita, assim como o *personal trainer* deve acompanhar o ritmo de adaptação do corpo de seu aluno, sem apressá-lo.

Assim como o medo aterrorizante de perder sua mãe como um objeto bom, a angústia vivida por Conor o levou a dividir seu eu amoroso de seu eu agressivo. Isso foi uma maneira de se proteger e proteger os outros de seus impulsos sádicos.

Resumindo, o que um bebê vive nos seus estados iniciais possui características densas e emaranhadas, afastando a ideia de um plácido mundo na infância. O nascimento, ao provocar a separação corporal entre o bebê e a mãe, junto a outros desconfortos, frustrações e rupturas vividas, gera a quebra de homeostase, o que faz a criança se sentir ameaçada e vulnerável, em seu ápice, e impulsiona o aparecimento da angústia e ódio, derivados da pulsão de morte (Caper, 1990).

Então, se no começo da vida as experiências emocionais são transpostas para a linguagem das ansiedades e mecanismos defensivos arcaicos, presentes em um mundo turbulento e

desintegrado, como é possível, ao mesmo tempo, ser habitado tanto pela esperança quanto por uma potencialidade para a criatividade nessa posição subjetiva?

### 2.3 ELEMENTOS PARA PENSAR OS FENÔMENOS DA ESPERANÇA E DA DESESPERANÇA NA ELABORAÇÃO DA POSIÇÃO ESQUIZOPARANOIDE: RECAPITULANDO A NOÇÃO DE OBJETO

Na descrição do filme, vimos que Conor, apesar de tantas turbulências emocionais, conseguiu ter uma esperança aguda de melhora da mãe, e de que o novo medicamento extraído da árvore pudesse curá-la. Isso nos faz pensar sobre a possibilidade de existir o sentimento de esperança mesmo na posição esquizoparanoide, um ímpeto de vida que perpassou o garoto ao longo dos seus percalços.

Para entender como essa questão se dá, é importante lembrar antes que a esperança que se manifesta na posição esquizoparanoide ancora-se na pulsão de reparação<sup>40</sup> e no bom objeto, o qual é internalizado como fonte de vida desde o nascimento, tal como discutimos anteriormente, sobre a posição depressiva<sup>41</sup>. O ponto crucial da esperança na posição esquizoparanoide, em contraponto com a posição depressiva, é que esse sentimento aparece em estado latente mesmo antes da culpa e da reparação.

No impulso de preservar aquilo que tem de bom diante dos infortúnios vividos, o bebê cinde o objeto (interno e externo) e idealiza as duas partes: uma para o bem e outra para o mal. A idealização é necessária para lidar com as angústias geradas pelo objeto mau, só assim é possível criar o caminho para a depressividade e transformar, posteriormente, o seio ideal em bom. No entanto, quanto mais idealizado o objeto interno for, mais o indivíduo permanecerá em um estado desintegrado da mente. Esse objeto só vai se tornar menos idealizado quanto mais seguro estiver internamente, para que assim, caminhe rumo à integração. Dessa forma, tanto a idealização inicial quanto a desidealização são formas de se manter a esperança no mundo psíquico.

A análise que Klein (1945, 1996) fez do caso de Richard, um menino de dez anos que tinha medo de outras crianças, de sair sozinho e sofria de hipocondria e depressão, pode ser

---

<sup>40</sup> A esperança na posição esquizoparanoide se articula, primordialmente, com a noção da pulsão de vida e de reparação, discutidas nos tópicos 1.3 e 1.6.

<sup>41</sup> A noção de objeto e a relevância para o entendimento da esperança e da desesperança na teoria kleiniana encontram-se destrinchadas no tópico 1.4.

vista como um exemplo desse processo. Os sintomas de Richard indicavam que ele utilizava mecanismos dissociativos e defesas esquizoides para lidar com suas ansiedades persecutórias. No entanto, na busca pela internalização do objeto bom, a esperança e a ânsia de reparação atuavam como impulsionadores para a integração das cisões e idealizações, visando a proteção dos objetos (incluindo alguns bons internos e externos). Esse impulso se transformou em uma força interna capaz de promover a elaboração da posição esquizoparanoide e estabelecer um contato mais profundo com a própria realidade psíquica e a exterior. Esse trânsito atraiu a libido e aumentou a crença em superar os aspectos maus: “a fé na boa mãe interna era seu maior amparo. Sempre que essa fé se fortalecia, sua esperança, sua confiança e sua sensação de segurança interna também cresciam” (Klein, 1945, 1996, p. 437).

Esse movimento se deu a partir das interpretações que Klein (1961, 1994) empreendeu sobre os impulsos destrutivos do garoto ao longo das sessões, que diminuíram suas ansiedades paranoides e perigos internos, ocasionados pela força dos objetos maus. No caso de Richard, “tais sessões repetidas vezes se encerravam com um maior sentimento de esperança e segurança”, a partir disso, “como resultado do processo analítico, o ego, ao se confrontar com ansiedades internas e externas, torna-se capaz não apenas de enfrentá-las, mas também de readquirir esperança ao lidar com elas” (p. 191).

A esperança do menino, junto à força e à crença em si mesmo e na capacidade de (re)construção da bondade, fortaleceu-o para o domínio e controle do desespero e dos impulsos e objetos hostis a partir da segurança estabelecida no objeto interno bom, já menos idealizado. A diminuição da cisão permitiu que o garoto não caísse em uma profunda ansiedade, destrutividade e desesperança, o que o levou a aumentar o seu amor e a se imaginar como um menino potente no futuro, o qual equivalia ao anseio de manter a boa mãe inteira, segura e preservada em si: “Esse centro de bondade, que lhe possibilitou manter a esperança, representava o seio bom, a analista boa, e a babá boa, como também os pais bons em harmonia; e, a partir desse núcleo de bondade, a vida e a reparação poderiam se expandir” (Klein, 1961, 1994, p. 425).

O que foi vivido por Richard, fomentado pelo seu mundo interno, a partir da mãe introjetada previamente, pode ser visto igualmente no personagem Conor do filme analisado previamente. Conor não caiu no abismo do desespero e da desesperança, pois mesmo após tantos episódios de dor, mantinha em relativa segurança a mãe boa internamente – como podemos observar nos desenhos que eles compartilhavam. A árvore, por outro lado, representava os impulsos destrutivos do garoto, mas também amorosos, ou seja, seu potencial



integrativo que dava indícios de emergir. Foi isso que, no fim do filme, o fez anunciar a última verdade: de que a mãe iria de fato morrer e que ele preferia que isso acontecesse, pois estava cansado de sofrer e de vê-la em um estado adoecido.

Os processos descritos acima também podem ser alcançados por influências externas, isso porque a relação com os objetos externos apresenta efeitos no sentimento de esperança e pode ajudar a amenizar as ansiedades paranoides, assim como Klein (1961, 1994) sublinha: “Se não for estabelecido um equilíbrio relativamente bom entre o externo e o interno, essas tentativas [de testar as relações internas] serão malsucedidas” (p. 451).

Da mesma forma quando Conor expressou seus sintomas destrutivos e o seu caos interno, mas não recebeu nenhuma represália das pessoas ao seu redor, muito pelo contrário, todos continuaram oferecendo-lhe amor e cuidado. Com isso, ele percebeu que suas fantasias agressivas não eram tão devastadoras, favorecendo a confiança e, talvez, a esperança no próprio potencial de amor, levando-o a concluir que este era mais dominante que os seus impulsos hostis. Houve uma “fé na mãe boa interna”, a qual o fez perceber que os ataques realizados em fantasia, em referência ao desejo de morte da mãe, podiam ser mitigados, e isso se deu pela força e segurança nos aspectos bons internos e externos:

Se o amor não foi sufocado pelo ressentimento e o ódio, mas, ao contrário, firmou-se com segurança na mente, a confiança nas outras pessoas e a crença do indivíduo na sua própria bondade são como uma rocha que suporta os golpes das circunstâncias. Quando ocorre alguma infelicidade, o indivíduo cujo desenvolvimento seguiu esse padrão é capaz de preservar dentro de si os pais bons, cujo amor é um auxílio infalível durante seu sofrimento; ele também encontra novamente no mundo exterior pessoas que, na sua mente, podem representá-los (KLEIN, 1937, 1996, p. 382-383).

Ainda nessa linha de pensamento, caso os componentes maus dominem, tanto a integração quanto a esperança sofrem obstruções. Esse é um aspecto similar tanto na discussão que realizamos sobre a posição depressiva quanto na que estamos propondo sobre a esquizoparanoide, pois em ambos os casos, não ter um bom objeto interno capaz de fazer o indivíduo caminhar em direção à reparação faz a desesperança sobrepular. Lembrando que a angústia da desesperança, nesses tempos iniciais, está equacionada com a morte e destruição (Rocha, 2007).

O que podemos apontar como um traço distinto em relação à desesperança entre essas duas posições é que em uma, a desesperança vai se ligar mais às angústias depressivas e o impasse de realizar a reparação, enquanto a outra está atrelada aos conflitos e ansiedades paranoides, no qual se tenta separar o seio bom do mau para a preservação do ego. No entanto, como já foi dito, esse esboço de diferenciação não é tão acentuado, visto que a tensão

dialética do psiquismo faz com que as particularidades das posições estejam misturadas, em certa medida. Dessa forma, os dilemas depressivos e esquizoparanoides se tocam constantemente, no qual um ou o outro pode ficar em primeiro plano, assim como podemos ver no caso Richard, o qual continha diferenciações turvas e pouco nítidas entre as posições, em muitos momentos.

Continuando a discussão sobre esse impasse observado nas posições e suas elaborações, os objetos parciais – que são evidentes na análise de Richard – contribuem para o desenvolvimento emocional e sexual do menino e da menina. Sobre isso, Klein (1932, 1997) atribui, em determinados indivíduos, a posição masculina e a posse de um pênis<sup>42</sup> como necessárias para recompor a figura da mãe frente aos ataques realizados em fantasia. Se a criança utilizou o pênis ou o excremento mau contra a mãe, para machucar, destruir ou roubar, ela deve revertê-los em bons, mas caso isso não ocorra, o processo elaborativo é estancado e a reparação se torna cada vez mais distante:

Um fator importante nessa conexão é o grau em que ela sente que o pai ficou incapacitado de fazer restituição, por acreditar que o castrou ou que o pôs fora do caminho ou transformou seu pênis em um pênis "mau", e deve, portanto, desistir da esperança de restaurá-lo (KLEIN, 1932, 1997, p. 234).

Quando a criança começa a se vincular ao objeto secundário, o pênis do pai, ela remonta às experiências anteriores com o seio materno e se liga ao sentimento de esperança para enfrentar esse novo momento: “a frustração sofrida na primeira relação aumenta as exigências e as esperanças na nova fonte e estimula o amor pelo novo objeto” (Klein, 1937, 1996, p. 455). Caso se decepcione, o bebê irá retornar para o primeiro objeto, criando um movimento dialético e fluido frente aos seus afetos e estágios da organização libidinal. Com o tempo, é desenvolvido um vínculo mais realístico com ambos os pais, tomando-os como seres separados, e a destrutividade representada pela figura dos pais combinados<sup>43</sup>, presente na posição esquizoparanoide, vai se esvaindo:

---

<sup>42</sup> Podemos entender a classificação de seio ou pênis na teoria kleiniana não em sua forma literal, mas como metáforas de objetos parciais que são doadores de vida, do que é desejável na fantasia inconsciente infantil, como uma: “capacidade de oferecer prazer, dar vida, alimento, energia, amor, dinheiro, talento ou compreensão. Forma-se, então, a equação seio-pênis, já que os dois órgãos simbolizam a vida, a potência, a criatividade” (Cintra e Ribeiro, 2018, p. 111). De alguma forma, essa tradução facilita a desconstrução do preconceito em pensar concretamente na linguagem corporal que Klein utilizou.

<sup>43</sup> Essa figura pode ser entendida como uma fantasia de ciúme do bebê, no qual a mãe está oferecendo prazer para outros, e não para ele próprio. Isso se dá quando a inveja predomina e a fruição do objeto bom é perturbada. O efeito dessa fantasia é um “desejo de posse absoluta e exclusiva da mãe”, que retorna para a criança como um “sentimento absoluto de exclusão e abandono” (Cintra e Figueiredo, 2010, p. 137). Caso a figura dos pais combinados seja elaborada, é possível alcançar a reparação criativa, assim como Meltzer (1973) propõe que a

A capacidade do bebê para usufruir ao mesmo tempo a relação com ambos os pais, que é um aspecto importante em sua vida mental e está em conflito com seus desejos de separá-los, estimulados por ciúme e ansiedade, depende de que ele sinta que eles são indivíduos separados. Essa relação mais integrada com os pais (que é diferente da necessidade compulsiva de manter os pais separados um do outro e impedir sua relação sexual) implica uma maior compreensão da relação um com o outro e é uma pré-condição para a *esperança* do bebê de que ele possa aproximá-los e uni-los de um modo feliz (KLEIN, 1952, 1991, p. 104, grifo nosso).

O que podemos refletir até agora é que, para Klein (1963a, 1991), existe a esperança de alcançar e ter seguramente dentro de si algo bom, há uma esperança de inteireza dos objetos pela sua restauração e sobrevivência, mesmo na posição esquizoparanoide: a mãe boa, o pênis do pai, os pais unidos, ou seja, um bom objeto. E para isso, muitas vezes, é necessário recorrer ao mecanismo da idealização.

A autora reforça essa ideia ao discutir sobre a fantasia universal de se ter um gêmeo<sup>44</sup>. Ela argumenta que uma integração total e permanente nunca é possível de acontecer, pois as pulsões de vida e de morte estão em constante interação e conflito. E, por isso, a compreensão e aceitação completa de nós mesmos, incluindo emoções, fantasias, defesas e ansiedades, também não se dá.

Contudo, a ânsia de ser compreendido pelo objeto bom interno pode ser expressa pela fantasia cindida de se ter um gêmeo, a qual “representa aquelas partes não compreendidas e excindidas que o indivíduo anseia por recuperar, na esperança de alcançar inteireza e completa compreensão; essas partes são, algumas vezes, sentidas como sendo as partes ideais” (Klein, 1963a, 1991, p. 343).

No entanto, a esperança da inteireza, ou da integração, não necessariamente aparece sozinha, pois ela pode se dar junto a sentimentos de desesperança, em uma eterna ambivalência existente no funcionamento psíquico. Observamos essa questão no seguinte caso clínico da autora, em que as produções oníricas de uma jovem faziam tanto “renascer a esperança e diminuir a perseguição” (Klein, 1961, 1994), quanto o seu despertar se tornava o motor de sua desesperança. Esses sentimentos eram vividos de forma completamente fragmentada entre a vida noturna e diurna:

---

subjetividade está edificada pela introjeção dos pais internos, e, a depender da qualidade e da forma com que o indivíduo se relaciona com esses objetos, a criatividade e as tendências construtivas podem se manifestar, devido à libido que une o casal parental. Em uma concepção convergente, Spillius et al (2011) declara que na reparação efetiva, o casal interno mãe-pai está unido na fantasia, diferente do que ocorre na reparação obsessiva e maníaca. Esse objeto parental inteiro e total vai se tornar a base da criatividade, seja no âmbito da sexualidade, da intelectualidade ou da estética. Quanto mais distante da posição esquizoparanoide e mais imerso na elaboração da posição depressiva, mais esse transcurso criativo se efetiva.

<sup>44</sup> Ideia discutida inicialmente por Bion e que foi citada por Klein no texto *O sentimento de solidão* (1963a).

Nas ocasiões de maior esperança, ela tinha um sentimento de que havia um jardim secreto dentro dela, no qual as coisas eram boas e vivas, e só se pudesse penetrar nele ficaria boa de novo. O sonho deprimiu-a principalmente quando ela se deu conta, ao acordar, de que em seu sonho encontrara o jardim secreto; os pássaros dentro do jardim não estavam vivos, estavam paralisados (Klein, 1961, 1994, p. 120).

Diante disso, para concluir, reflito que os dois movimentos da mente em que a esperança se vê presente, tanto na posição esquizoparanoide quanto na posição depressiva, podem ser resumidos quando Motta e Garrido (2021) propõem que na primeira, a esperança é vivida como uma “linha de costura para se tecer a representação psíquica”, enquanto na segunda, a capacidade de representação, do simbolismo e da criatividade seria o tecido formado pelo conjunto de linhas impulsionado pelos instintos de vida, quando a posição depressiva é elaborada. Ou seja, a esperança, na posição esquizoparanoide é algo que está lá, ainda que não apareça de forma representacional e complexa, mas ela aponta como o vir a ser de um tecido, o qual é impossível de ser formado sem fios que lhe dão base.

Na composição de fios e tecidos, o analista trabalha continuamente, se deslocando entre as posições e acompanhando o seu analisando nas teias formadas pelos seus movimentos de vida e de morte. Nesse balanço, podemos refletir sobre os mecanismos e as instâncias psíquicas que podem cerzir a integração psíquica ou criar nós no percurso analítico, ideias que vamos destrinchar na próxima seção.

#### 2.4 A ONIPOTÊNCIA E O SUPEREGO ENREDADOS AOS FENÔMENOS DA ESPERANÇA E DA DESESPERANÇA: NOTAS SOBRE O TRABALHO CLÍNICO

Na elaboração da posição esquizoparanoide com vista a alcançar a posição depressiva, muitos elementos podem ser considerados a fim de uma estreita articulação com a esperança e a desesperança, porém, dois se destacam nesse processo: a onipotência e o superego.

Para entender como a imbricação desses componentes se dá, vamos primeiramente lembrar que na integração, a diferença entre fantasia e realidade ganha contornos mais firmes e as contradições internas são mais aceitas, pois o ego encontra-se mais seguro na relação consigo e com o outro. Por isso, o nosso traço onipotente e megalomaniaco é atenuado nesse processo, visto que a onipotência decresce quando o bebê tem uma confiança maior nos seus objetos bons e na sua força para realizar reparações.

Nesse arcabouço, a integração gera uma aflição tanto pela perda da onipotência (referente às nossas próprias potências) quanto da esperança, pois esta parece ser uma forma de aliviar o nosso sofrimento, o qual é inflacionado na experiência de elaboração. É na passagem da posição esquizoparanoide para a posição depressiva, quando “cai a ficha”, que a esperança pode diminuir e, assim, constatamos o quanto ela varia de forma pendular nesse trânsito psíquico:

Com a integração e um sentimento crescente de realidade, a onipotência certamente enfraquecerá, e isso uma vez mais contribui para a dor da integração, pois significa uma capacidade diminuída de ter esperança. Embora haja outras fontes de esperança, que derivam da força do ego e da confiança em si mesmo e nos outros, um elemento de onipotência sempre faz parte dela (KLEIN, 1963a, 1961, p. 345-346).

Sobre essa passagem, Belo (2019) considera que o sofrimento causado pela integração faz diminuir a onipotência na medida em que o indivíduo passa a se confrontar com riscos, conflitos e angústias mais condizentes com a realidade externa. Ao mesmo tempo, isso retroalimenta uma dificuldade de integração e diminuição da esperança, pois começam a surgir dúvidas sobre a possibilidade de unificar as partes más com as boas (do *self* e do objeto), e se é possível dar conta de tal empreitada, devido à força e violência dos próprios impulsos.

Belo (2019) propõe que essas outras fontes para se ter esperança, que derivam da força do ego, das quais Klein faz referência, provavelmente se trata da presença do outro, da mãe, do pai, do outro cuidador, que vai servir como suporte para a criança conseguir abandonar a sua onipotência e perceber que a sua destrutividade não é tão nefasta e incontrolável como se pensa. A capacidade para ter esperança é uma espécie de crença de que as coisas vão dar certo, que é possível integrar, controlar os próprios impulsos, juntar as partes más com as boas e elaborar a posição esquizoparanoide.

Considero que a onipotência pode ter diversos graus de intensidade. Há momentos em que a onipotência é guardiã da vida, mas há outros em que ela é mortífera. Referencio o termo “construtiva”<sup>45</sup> para me referir ao primeiro tipo, o qual precisamos ter para confiar no mundo e seguir vivendo. Por exemplo, o fato de não pensarmos em nossa finitude regularmente, fazermos planos para o futuro, termos filhos ou contarmos com a saúde do nosso corpo. De alguma forma, precisamos não ser intoxicados por notícias destrutivas e, com isso, nos sentirmos poderosos e especiais para sobrevivermos psiquicamente, ou seja, a onipotência

---

<sup>45</sup> Klein (1932, 1997) utiliza a expressão “onipotência construtiva” e “onipotência destrutiva” para se referir aos impulsos sádicos ou de reparação do indivíduo. A leitura realizada acima se deu a partir dos escritos da autora.

construtiva nos protege da loucura total. Enquanto a onipotência destrutiva alude à posição esquizoparanoide, em que se desenha uma composição narcísica violenta, no qual não existe preocupação com o outro, somente o próprio eu é considerado, o que se predomina é um mundo regido por um “todo poderoso” cruel e despótico<sup>46</sup>. Assim como Conor que acreditava na sua onipotência destrutiva e que a sua mãe morreria apenas pela força do seu pensamento.

Além da onipotência, uma distinta noção que se articula com a esperança e a desesperança na elaboração da posição esquizoparanoide é a de superego. A definição dessa ideia para Klein se diferencia, parcialmente, da compreensão freudiana do complexo de Édipo. Klein (1928, 1996) postula uma situação edípica, entre o terceiro e sexto mês de vida, na qual angústias precoces e processos de introjeção e projeção do ego incipiente formariam um superego primordial.

No entanto, esse superego pode ser mais ou menos severo, a depender do *quantum* de pulsão de morte originária que está em jogo, pois quando se projeta o ódio, se introjeta o mesmo ódio que foi expulso anteriormente e “experimenta-se do próprio veneno”, assim, o superego pode ganhar um aspecto tirânico e impiadoso, caso o mundo interno do indivíduo esteja dominado de crueldade<sup>47</sup>.

Se no mundo interno do bebê os impulsos libidinais são preponderantes em relação aos hostis, o superego pode ser o motor para o alcance da integração. Com isso, uma função vital de influência e ajuda pode ser incorporada a essa instância: a moralidade, a ética, as leis, ou seja, cria-se um limite para a agressividade com vistas à preservação do ego, assim o superego pode ser denominado benigno, mas, se o domínio do sadismo estiver imperando, os impulsos destrutivos e as ansiedades também estarão, o que obstrui o aparecimento das tendências construtivas e reparadoras, o que faz aparecer o sentimento de desesperança:

As experiências de sofrimento, depressão e culpa, ligadas a um maior amor pelo objeto, mobilizam a necessidade premente de fazer reparação. Essa premência diminui a ansiedade persecutória em relação ao objeto e torna-o, portanto, mais confiável. Todas essas mudanças, que se manifestam em esperança, estão ligadas à diminuição da severidade do superego (KLEIN, 1963b, 1991, p. 318).

Dessa forma, os movimentos de integração e desintegração, junto ao sentimento de esperança e desesperança, estão atrelados à concepção de uma onipotência construtiva e de

---

<sup>46</sup> Em confluência com essas ideias, Cintra (2004) afirma que o desafio é transcender desse estado para o outro, em que se preserva, na forma de ideais criativos e simbólicos, a onipotência primordial do eu.

<sup>47</sup> A mesma lógica é utilizada para o amor, apesar de que, ao projetar em demasia o que se tem de bom, tende-se a deixar o ego empobrecido de bondade.

um superego benevolente, na posição depressiva ou de uma onipotência destrutiva e de um superego cruel, na posição esquizoparanoide.

Ao mesmo tempo que vemos esses movimentos no psiquismo, tais aspectos também podem ser aludidos ao processo analítico, na posição do analista em relação ao analisado, no qual existe uma sobreposição dos elementos citados.

Essas reflexões se dão porque no trabalho clínico, ser psicanalista é um ofício que envolve uma fantasia primitiva infantil de reparação e salvação, como pontua Figueiredo (2020). No entanto, o analista não deve ser tomado completamente por essa fantasia onipotente, nem deve abandoná-la, pois em ambos os casos, deixaria de ocupar a posição de análise. Essa ideia considera que, mesmo não sendo tão poderosos quanto nossa fantasia diz, ela não deixa de nos ser vital e preciosa. A partir do que vimos, essa perspectiva estaria mais ligada à uma onipotência construtiva e um superego benigno como função analítica.

A esperança, nesse sentido, se correlaciona com uma dimensão de espera, mas sem assumir uma onipotência destrutiva e uma posição superegoica tirânica de que os acontecimentos devam estar submetidos ao próprio tempo e desejo. Não à toa, a palavra esperança tem origem do latim *sperare*, uma espera ativa<sup>48</sup>, e não passiva, frente à vida, como nos lembra Rocha (2007).

Enquanto a dimensão temporal da espera (a passagem do tempo, a finitude das coisas) está interligada com o fenômeno da esperança, a desesperança permanece presa a uma dimensão não-temporal, paralisada, interminável, em relação à dor e ao fracasso, tanto na vida quanto na clínica, tal como afirmam Mehler e Argentieri (1989)<sup>49</sup>. Esse pensamento é discutido igualmente por Boris (1976), no qual considera que a esperança, enquanto potencialidade, se estabelece nas transformações do tempo, na lógica do que é transitório, por isso “a esperança floresce na mudança, na incerteza e no fluxo” (p. 141).

Nesse sentido, a esperança se enlaça a uma onipotência e superego que são capazes de lidar com os próprios limites, concomitante a uma promessa no tempo futuro, uma “fé” no

---

<sup>48</sup> Essa perspectiva faz referência à ideia de Paulo Freire (1992), onde o autor desenvolveu o conceito de esperança a partir do verbo esperançar: “É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...”.

<sup>49</sup> Mehler e Argentieri (1989) consideram que é no tempo futuro que as mudanças e transformações ocorrem. As falas desesperançosas do analisando, por exemplo, sobre sua inutilidade e fracasso, são fincadas na imobilidade, diferente de uma dimensão espaço-temporal dinâmica, a qual aumenta a “tensão simbólica” o suficiente para tornar possível pensar, discriminar fantasia de realidade e personagem de pessoa” (p. 299, *tradução nossa*).

processo analítico, assim como canta Caetano Veloso (1977)<sup>50</sup>: “meu coração não se cansa de ter esperança de um dia ser tudo o que quer”.

Nas suas diversas facetas, a esperança e desesperança, atravessam tanto o analista quanto o analisando. A conquista e tolerância desse movimento fluido, às duras penas, expandem e enriquecem o mundo interno de cada um. Não só viver isso a cada encontro, mas acompanhar o trabalho do analisando nesse processo, que envolve a renúncia das intensas idealizações e de tudo querer vorazmente para se confrontar com o que é ordinário e fugaz, e, de alguma forma, ser alimentado, simbolicamente, por isso, tal como viveram o menino da ópera e Connor ao longo de suas jornadas<sup>51</sup>.

Agora vamos adentrar em um estado de mente ainda mais confuso e conturbado frente àqueles que foram apresentados até o momento. Diferentemente da posição esquizoparanoide, na inveja primária, ainda não há nenhuma separação entre o objeto bom e o mau, pois essa é uma vivência que antecede o mecanismo da cisão. Ainda assim, a inveja possui um aspecto estruturante e vital que reserva doses de vida, criação e esperança, ao mesmo tempo que resguarda em si grandes porções de desesperança, destruição e morte, elementos que vamos acompanhar a seguir.

---

<sup>50</sup> Canção escrita por Peninha (1977).

<sup>51</sup> Assim, que nos habitem, enquanto analistas, aspectos mais ou menos integrados da mente, pois isso atravessa a nossa capacidade de receptividade e de cuidado. Um analista morto é aquele que se instala apenas em uma posição psíquica, porque um trabalho analítico vivo se faz na capacidade de trânsito subjetivo, ao acompanhar o paciente nas oscilações dos seus estados emocionais (Coelho Junior, 2021).



### 3. INVEJA E GRATIDÃO: FLUTUAÇÕES DA CRIATIVIDADE E DA ESPERANÇA NO ESPAÇO PSÍQUICO

*A inveja habita no fundo de um vale onde jamais se vê o sol. Nenhum vento o atravessa; ali reinam a tristeza e o frio, jamais se acende o fogo, há sempre trevas espessas [...]. A palidez cobre seu rosto, seu corpo é descarnado, o olhar não se fixa em parte alguma. Tem os dentes manchados de tártaro, o seio esverdeado pela bile, a língua úmida de veneno. Ela ignora o sorriso, salvo aquele que é excitado pela visão da dor [...]. Assiste com despeito o sucesso dos homens e esse espetáculo a corrói; ao dilacerar os outros, ela se dilacera a si mesma, e este é seu suplício.*  
(Ovídio)

*O ovo ameaça disparar com a vida  
A reserva que um ovo inspira  
é de espécie bastante rara:  
é a que se sente ante um revólver  
e não se sente ante uma bala.  
É a que se sente ante essas coisas  
que conservando outras guardadas  
ameaçam mais com disparar  
do que com a coisa que disparam.*  
(João Cabral de Melo Neto)

#### 3.1 OFÉLIA E O PINTO: A INVEJA MATA

No conto *A legião estrangeira*<sup>52</sup>, de Clarice Lispector (1999), o eu lírico narra sobre sua vizinha Ofélia, que se apresentava de forma pausada e firme como Ofélia Maria dos Santos Aguiar. Aos 8 anos “altivos e bem vividos”<sup>53</sup>, a criança sempre impunha críticas severas a respeito de tudo – mesmo não tendo sido incumbida para tal encargo. Apontava o que considerava errado em cada gesto da narradora e vivia insatisfeita e ressentida sobre o que acontecia ao seu redor: “Na sua opinião, eu não criava bem os meninos”; “Banana não se mistura com leite. Mata”; “Não era mais hora de estar de robe”. Essas eram algumas censuras que vinham da criança que mais parecia um adulto rabugento e amargo com a vida.

Mesmo tentando encontrar argumentos para as suas aparentes falhas, a mulher não tinha vez, a última palavra sempre era de Ofélia – a qual na maioria das vezes estava realmente com

---

<sup>52</sup> Mezan (1987) utiliza esse conto para discutir sobre a inveja a partir de vários autores, incluindo Melanie Klein. Os pontos principais abordados no texto, com base na leitura de Frayze-Pereira (2018), se tratam da “1º associação da inveja com o olhar; 2º a alegria do invejoso corresponde à dor do outro; 3º a realização de seus propósitos não deixa o invejoso feliz e realizado (ao atacar os felizes, ataca a si próprio); 4º a inveja contém desejo, mas nele não se esgota; 5º o desejo de privar o outro da felicidade é essencial, muito mais importante do que obter a posse da coisa invejada” (p. 8). Neste tópico, fazemos leituras similares, mas também distintas. É importante ressaltar que bebemos da fonte do autor, principalmente no que se refere ao uso do conto para pensar a fenomenologia da inveja.

<sup>53</sup> Os trechos retirados diretamente do conto foram aspeados.

a razão. Inquieta, se perguntava: “Por que eu nunca, nunca sabia? Por que sabia ela de tudo, por que era a terra tão familiar a ela, e eu sem cobertura?”.

A menina ocupava um lugar de verdade inquebrável, sem faltas, completamente preenchida pela soberba e arrogância. Era incapaz de perceber o tamanho das baboseiras que saíam da sua boca. Do pedestal criado pela sua altivez, nada enxergava. Sua onipotência orgulhosa a cegava. Ofélia ia embora, mas sempre voltava. Os defeitos da narradora eram como um campo magnético que atraía sua crueldade que, ora saía pela boca, por meio de suas ácidas palavras, ora pelo seu olhar silencioso e intransigente. A inveja era o veneno que escorria pelos seus “lábios finos” e corroía as suas “gingivas roxas”.

Certo dia, ao passar pela feira, o eu lírico decide levar um pinto para casa, dia esse que coincidia com a visita rotineira de Ofélia. Ao ouvir o piar vindo da cozinha, a criança, depois de uma pausa atenciosamente silenciosa, questiona: “O que é isso?”. A dona da casa responde: “É o pinto”. “Pinto?”. Indaga Ofélia em tom de suspeita e espanto. Após alguns instantes tentando compreender o que se passava, a narradora percebeu no olhar da criança algo que nunca tinha visto antes. Ela presenciou o encontro da menina com uma alteridade radical: a animalidade do entoar de um pinto, com todo o encanto e estranhamento que um corpo e vida distintos lhe provocavam. A narradora, ainda em estado de frenesi e perturbação com a cena, descreve:

O que era? Mas, o que fosse, não estava mais ali. Um pinto faiscara um segundo em seus olhos e neles submergira para nunca ter existido. E a sombra se fizera. Uma sombra profunda cobrindo a terra. Do instante em que involuntariamente sua boca estremeceu quase pensara "eu também quero", desse instante a escuridão se adensara no fundo dos olhos num desejo retrátil que, se tocassem, mais se fecharia como folha de dormideira. E que recuava diante do impossível, o impossível que se aproximara e, em tentação, fora quase dela: o escuro dos olhos vacilou como um ouro (LISPECTOR, 1999, p. 359).

A expressão ocular de Ofélia refletia a presença da maliciosa inveja que sentia da mulher, como se a narradora tivesse tudo e não precisasse de mais nada, pois possuía um pinto para si. Diante dessa constatação impiedosa, a menina se sentiu jogada às traças:

Uma astúcia passou-lhe então pelo rosto – se eu não estivesse ali, por astúcia, ela roubaria qualquer coisa. Nos olhos que pestanejaram à dissimulada sagacidade, nos olhos a grande tendência à rapina. Olhou-me rápida, e era a inveja, você tem tudo, e a censura, porque não somos a mesma e eu terei um pinto, e a cobiça - ela me queria para ela. Devagar fui me reclinando no espaldar da cadeira, sua inveja que desnudava minha pobreza, e deixava minha pobreza pensativa; não estivesse eu ali, e ela roubava minha pobreza também; ela queria tudo (LISPECTOR, 1999, p. 359).

A mulher percebeu, em choque, cada detalhe que continha a “dor da alegria difícil” de uma *pseudo* adulta que estava a se metamorfosear em criança. Ela, ainda que com grande

resistência e suplício, estava a “largar no chão o corpo antigo”. Na mutação, havia sinais da chegada de um corpo de criança com um olhar cintilante provocado pela exultação que cada descoberta da vida provia, diferente da antiga menina-adulta que nada mais a enebriava. O clamor da ambiguidade ao se defrontar com o pinto estava presente como arrepião até o seu último fio de cabelo.

A angústia se passava lentamente, junto com um júbilo ainda encoberto, afinal de contas, não era tão fácil assim dar o braço a torcer e desnudar seu real desejo e curiosidade. Era malsucedida a sua tentativa de disfarçar e fingir a falta de interesse naquele outro ser. Ofélia sofria no ato de desejar e depender daquela que lhe oferecia o objeto de desejo, sentia-se envergonhada e humilhada diante desse traço que revelava a sua pequenez humana. Era possível ver o ressentimento que chegava como um soco na boca do seu estômago e deixava a sua carne em fiapos. O ódio ao amor se transfundia em cada gesto da menina.

No entanto, como o nascimento e a assunção do desejo somente se dão na incubadora de outrem, a narradora precisou conceder uma permissão: “Você pode ir à cozinha brincar com o pintinho”. Ofélia respondeu, dissimulada: “Eu?”. O seu tom hipócrita encobria a culpa e vergonha por se sentir inferior pelo seu querer. A mulher insistiu, em um tom de liberdade de escolha e não de uma obediência oprimida: “Mas só se você quiser”. Com isso, sentiu que estava salvando a criança do seu próprio ódio, oferecendo um suspiro de vida naquela boca pálida, em que todos os órgãos da menina, ainda em formação, puderam ser oxigenados.

Ao voltar da cozinha e trazer o pinto na mão, Ofélia estava em êxtase. A sua coragem e resto de dignidade a recobriram. “Ri. Ofélia olhou-me ultrajada. E de repente - de repente riu. Ambas então rimos, um pouco agudas”. Nesse momento, a menina pôde relaxar no seu contentamento e regozijo. Havia, naquele encontro, a existência de uma névoa da gratidão, sob a luz de uma insistente teimosia. A partir de então, ela pôs o pinto no chão e todos os passos dele eram acompanhados pelo olhar atento e encantado da menina:

Se ele corria, ela ia atrás, parecia só deixá-lo autônomo, para sentir saudade; mas se ele se encolhia, pressurosa ela o protegia, com pena de ele estar sob o seu domínio, “coitado dele, ele é meu”; e quando o segurava, era com mão torta pela delicadeza - era o amor, sim, *o tortuoso amor* (LISPECTOR, 1999, p. 363)

Amor este que poderia sufocar na tentativa de proteger. A ternura, se não fosse bem dosada, machucaria o corpo frágil do pinto. Portanto, Ofélia esbravejava: “só eu sei que carinho ele gosta”. Alimentá-lo – de vida – poderia ser perigoso, a garganta corria o risco de entalar se a comida fosse indevida ou em demasia. A menina afirmava que somente ela poderia fazê-lo: o amor era a sua posse. Ofélia vivia sob uma agonia em que a vida beirava

constantemente a morte. Mesmo na corda bamba, ela se deleitava com a sua efêmera capacidade de amar e receber amor.

Depois de colocar o pinto novamente na cozinha, o ambiente foi invadido por um silêncio inquietante. A menina tentou falar, mas parecia que agora já não era tão boa com as palavras, e então pediu permissão para ir embora e retornar à sua casa. Depois da partida da criança, a mulher, tomada por um estranhamento, resolveu ir, relutante, até a cozinha, em busca do bicho, e se deparou com o esperado, mas ainda assim, improvável: “No chão estava o pinto morto. Ofélia! Chamei num impulso a menina fugida”. Sozinha, ela tentou acalmar o coração da pobre criança, que já não estava mais lá: “Oh, não se assuste muito! Às vezes a gente mata por amor... A gente não ama bem!”. Na garotinha, o amor e a gratidão foram fugazes e se dissiparam, se perderam diante da imensidão devoradora da inveja, que a engoliu como uma grande avalanche. Dessa vez, Ofélia não voltou. E mostrou que desejar, desejar muito, muito mesmo, pode levar à morte: “a inveja mata”.

### 3.2 A INVEJA PRIMÁRIA

Muito teria a se falar sobre o tema da inveja e gratidão na contemporaneidade, visto que esse texto seminal de Klein, escrito há mais de seis décadas, continua vivo e produzindo reverberações no pensamento clínico. No entanto, a ênfase a ser dada nos tópicos seguintes será a articulação da inveja e gratidão com os fenômenos da criatividade, esperança, destrutividade e desesperança. Em alguns momentos essas ideias encontram-se em oposição entre si e em outros, em conjunção. Lembrando que, ao longo da escrita, iremos retomar o conto de Clarice para articulá-lo com as ideias propostas.

Inicialmente, pretendo tomar como referência a noção construída por Melanie Klein no texto *Inveja e Gratidão* (1957, 1991), no qual considera que esses sentimentos são opostos e interagentes, e normalmente operantes desde o nascimento do bebê, para realizar a hipótese que a criatividade e a esperança<sup>54</sup> – mesmo não necessariamente opostos – são fenômenos enquadrados na mesma lógica, e que, também, estão presentes desde os primórdios do desenvolvimento psíquico como entrelaçadas ao sentimento de gratidão. A destrutividade e desesperança seriam representadas pela inveja, um elemento obstrutor da criatividade e

---

<sup>54</sup> Um detalhe importante é que as palavras esperança (*hope*) e criatividade (*creativity*) são muito citadas nesse texto, o que possibilitou uma articulação mais sólida e clara entre essas manifestações psíquicas.

esperança, pois dificulta a construção do objeto bom e da sua internalização no núcleo do ego, pois tem origem na pulsão de morte. Esses elementos se presentificam em uma oscilação constante entre movimentos de fragilidade e fortificação em cada situação da vida, mas, antes de esmiuçar esse material, vamos à definição do que é a inveja primária.

Cintra e Ribeiro (2018) afirmam ser estranho, para muitos leitores, pensar sobre o sentimento de inveja vivido por um bebê, por mais que esse afeto seja direcionado ao seio materno com todas as suas qualidades físicas e psíquicas necessárias para a vida. A inveja conhecida por nós adultos, conscientemente, se diferencia, em certa medida, daquela que Melanie Klein postula na relação arcaica com a mãe, de modo inconsciente.

A inveja, expressa pelo amor primário, possui um traço constitucional<sup>55</sup> e se presentifica em todos nós, obviamente, com variações em suas manifestações. Em relação a esse aspecto, Cintra e Ribeiro (2018) afirmam que há crianças pouco propensas a usar o objeto bom, satisfazendo-se com menos facilidade e obtendo uma baixa tolerância frente às frustrações, o que reforçaria o sentimento de inveja.

O bom aparelhamento interno para usufruir do que o ambiente oferece, diz respeito a uma baixa voracidade, pois quanto mais voraz for o bebê, menos gratificação ele irá sentir e mais invejoso ele será. Por exemplo, caso a sucção do seio seja intensa, a passagem do leite é obstruída e isso amplifica o sentimento de insatisfação do bebê, gerando ódio e o ímpeto de atacar e destruir o objeto<sup>56</sup>, já que não consegue introduzir e manter o leite dentro de si.

Entre os fundamentos para que a inveja seja entendida como constitutiva na organização do psiquismo e o tipo de funcionamento descrito acima ocorra, estão os elementos bons do seio, entendido por Klein como “o protótipo da bondade materna, paciência inesgotável, generosidade e criatividade” (1957, 1991, p. 180). Nesse caso, quando frustrada, a criança sente que o seio guardou para si toda a gratificação desses componentes amorosos representados pelo leite, o que faz gerar ressentimento e ódio, desdobrando-se na inveja. Já o

---

<sup>55</sup> Sobre esse aspecto, Sodré (2020) argumenta que: “a necessidade de frisar a inveja como uma parte essencial da natureza humana levou a um uso exagerado das palavras ‘inato’ e ‘constitucional’ ligadas à inveja, de um modo que penso ter acabado por se tornar inútil – como se uma condenação extra estivesse ligada a ela: afinal, nós não falamos de ciúme inato ou complexo de Édipo inato – nós apenas assumimos que estes são todos parte da natureza humana” (p.14).

<sup>56</sup> Cintra e Figueiredo (2010) destacam que “os aspectos constitucionais são, para Melanie Klein, por exemplo, uma propensão maior para a oralidade, que pode estar fundamentada em aspectos do metabolismo e do equilíbrio hormonal do recém-nascido. Se essa oralidade se manifestar por uma excessiva voracidade, temos então o terreno favorável ao surgimento da inveja” (p. 128). Nesse âmbito, Klein (1957, 1991) afirma que a “capacidade tanto para o amor como para os impulsos destrutivos é, até certo ponto, constitucional, embora varie individualmente em intensidade e interaja desde o início com as condições externas” (p. 211).

inverso também acontece, pois mesmo quando o bebê não é privado, ele sente o seio inexaurível<sup>57</sup> e a sua correlata gratificação como um dom impossível de ser atingido.

Um distinto elemento importante para a inveja ser pensada como estruturante do aparelho psíquico é a experiência de plenitude vivida pelo bebê na barriga da mãe, pois, nesse estado, nada falta, incomoda, dói ou frustra. O nascimento, com a sua ruptura e separação corporal, provoca uma quebra da homeostase intrauterina, resultando em uma perda do prazer junto ao surgimento do desejo voraz e insaciável de recuperar o que foi perdido, mas que se tornou inalcançável, como sinalizam Cintra e Ribeiro (2018). Na inveja, ocorre a projeção dessa plenitude perdida em um objeto que se torna idealizado e desejado (Mezan, 1987).

Nessa lógica, a inveja “surge da descontinuidade entre duas experiências de prazer diferentes, em cuja elaboração imaginária surge a voracidade” (Cintra e Ribeiro, 2018, p. 108-109). Como nenhum objeto do mundo propiciará a satisfação absoluta vivida na unidade pré-natal, concebida pelo bebê no mundo da fantasia como um objeto idealizado, o ódio e ressentimento surgem, junto ao sentimento de estar sendo injustiçado. Os desconfortos vividos com o nascimento provocam o aparecimento dos ataques destrutivos ao seio materno na tentativa de se ver livre da dor e persecutoriedade e, assim, o palco para a inveja está montado. Nesses termos, parece que, para Klein, o corpo é um constante manancial da inveja devido aos seus processos de ruptura e ligação.

Por ter um caráter constitucional, a inveja resulta em duas dinâmicas paradoxais ligadas à pulsionalidade (Cintra e Ribeiro, 2018). A primeira é que a inveja, constituída da pulsão de morte, aspira mais do que simplesmente esvaziar e devorar o objeto, pois ela tem o furor de depositar maldade e destruir o que é sentido como bom. Há o ataque e espoliação daquilo que, para si mesmo, é vital e do qual se depende, sendo a inveja “inconscientemente sentida como o maior de todos os pecados, por estragar e danificar o objeto bom que é a fonte de vida” (Klein, 1957, 1991, p. 211).

A segunda é que, apesar disso, a inveja resguarda em si um aspecto da pulsão de vida, um investimento de libido ligada à voracidade, pelo desejo de possuir o outro<sup>58</sup>. A inveja primária participa da “estrutura do desejo”, como propõe Cintra (2019), na qual o desejo de se apropriar do objeto bom é operado pela pulsão oral, diferente do desinvestimento libidinal que

---

<sup>57</sup> Melanie Klein considera que a concepção desse seio inesgotável é inata e que, em certa medida, isso serve de apoio para a vida e para a criatividade (ROTH, 2020).

<sup>58</sup> Sobre esse aspecto, Britton (2020) destaca que: “Em inglês, a palavra “inveja” (envy) tem duas raízes, uma no francês arcaico (envie), significando “desejo”, no sentido de admiração, e outra na expressão *invidia*, do latim, significando “maldade”, “má intenção” (Oxford English Dictionary)” (p. 60).

ocorre na pulsão de morte. A autora destaca que Eros apenas se torna Thanatos quando há a violência insaciável no excesso do querer, com isso, mesmo nas mais diversas manifestações da destrutividade, pode existir uma busca e desejo pela vida.

O que faz o aspecto vital da inveja se transformar em morte é a influência do ambiente e o infindável presente na natureza do desejo. O desejo é insaciável e sempre quer um seio inexaurível (e todo o resto), o tempo todo presente. Se o indivíduo quer sempre mais, está destinado a não receber, por isso, todo desejo pode se tornar destrutividade, pois anseia o impossível:

Outra forma de pensar é evocar algo que está na própria natureza do desejo. A voracidade do desejo destina-o a não se resolver na assim chamada experiência de satisfação. Há, portanto, algo inalcançável no desejo: este sendo a expressão mesma da impossibilidade de satisfação. A voracidade seria uma tendência que faz todo desejo tender a se transformar em avidez e inveja, um desejo constante de mais, acompanhado do sentimento de ter recebido menos, o que aumentaria a destrutividade, sobretudo quando o ambiente é desfavorável. A falta participa da própria estrutura do desejo, de sua insaciabilidade: falta que se abre a partir do querer sempre mais, e cria o terreno favorável à pulsão destrutiva (CINTRA, 2019, p. 25).

No desenho da dupla face da inveja, Ofélia, de tanto querer, transformou a libido do seu desejo em destruição, sufocando o pinto, objeto que se tornou alvo tanto da vida quanto da morte. Quando a menina asfixia o animal do conto, percebemos que a inveja mata dois coelhos com uma cajadada só: o ataque é tanto contra a dependência da narradora, a qual lhe concede algo bom, quanto ao próprio desejo, por querer o objeto invejado que está na posse do outro. Nesses casos, a dependência é sinônimo de estar entregue e sujeito às oscilações dos estímulos que provêm da presença ou ausência materna, “oscilações essas entre ter e perder o contato com essa fonte vital, que parece possuir tudo de que se precisa” (Cintra e Figueiredo, 2010, p. 130). A lógica é destruir o que o outro produz para não correr o risco de cair em suplício pelo próprio desejo.

Há, com isso, um anseio de ter em si toda e qualquer fonte de vida e prazer, assim, o ato de desejar estaria aplacado pela satisfação, e não minado pela dor da frustração: “É próprio da inveja o visar estragar e destruir a criatividade da mãe, da qual, ao mesmo tempo, o bebê depende, e essa dependência reforça o ódio e a inveja” (Klein, 1957, 1991, p. 317). Podemos entender que Ofélia não suportou a força do seu próprio desejo, despertado pelo encontro com o pinto, e pôs fim, de forma cabal e aniquiladora, aos seus querereres. Invejar é desejar o impossível. Invejar é matar o desejo. Invejar é não ser e não ter.

Dessa forma, o desejo sentido por Ofélia, tão desenfreado, controlador e voraz, a fez se perder de si mesma e do seu objeto de amor. A “força tortuosa” do seu querer movia seus atos

e gestos para o apagamento dos contornos da diferença, visto que a alteridade gera dependência, e conseqüentemente, inveja. Receber algo bom que não vinha de si mesma, mas sim, da narradora que possuía o pinto, fez a menina viver uma experiência intolerável, o que a impediu de usufruir o que lhe era oferecido através do bicho, tamanho o seu desejo e insaciedade. E foi na tentativa de matar a inveja sentida do eu lírico, palpitante em seu peito, que se fez necessário matar o pinto.

Enquanto a frustração do invejoso se dá por desejar aquilo que vem do outro, a sua satisfação se realiza na dor deste (Mezan, 1987). Movido pelo ódio, a sua felicidade está em privar o outro da coisa desejada, muito mais do que obtê-la. É porque o outro se alegra que o invejoso se entristece, visto que isso desperta o próprio apetite. O objeto da inveja é aquilo que torna alguém feliz, a partir da imaginação de quem inveja: “O invejoso do Purgatório diz a Dante que seu sangue fora de tal modo consumido pela inveja que lhe bastaria ver um homem se alegrar para que seu rosto se cobrisse de palidez” (Mezan, 1987, p. 7). Assim como o eu lírico lembra que Ofélia tinha uma tendência à rapina, ela roubaria qualquer coisa, inclusive a pobreza da narradora. A inveja quer tudo, quer despossar o gozo alheio e recobri-lo de lama. Ela é insaciável.

Na inveja, o ódio intensifica-se e cria-se um ciclo maligno em que o maior desfavorecido, com esses atos, é o próprio indivíduo, pois esse movimento o impede de conquistar e assimilar, no núcleo do ego, o objeto bom, na sua forma preservada e total, e a conseqüente integração psíquica e desenvolvimento emocional. A única forma de combater o poder aniquilador da inveja é pela introjeção firme e segura do bom objeto, nascente geradora da pulsão de vida em nosso psiquismo (Caper, 2020).

Uma ilustração desse aspecto pode ser observada na história infantil *A Branca de Neve e os 7 anões* a partir de uma leitura realizada por Almeida (2020). A rainha descobre, por meio do seu espelho, que a mais bela do reino não é mais ela, mas sim, a jovem Branca de Neve. Isso faz com que a bruxa se morda – lembremos do aspecto voraz da inveja – de raiva pela beleza e juventude que a enteada possui e, por isso, anseia matá-la. Ser a segunda mais bonita não era o suficiente, a sua inveja desvelava a sua mesquinhez. Após tentar efetivar o seu plano assassino de diversas formas, mas sempre fracassar, decide se disfarçar de uma pobre e velha camponesa e entregar-lhe uma maçã envenenada. Apesar de conseguir efetivar a sua estratégia maligna e encontrar o alívio pela morte do objeto invejado, o beijo do amor verdadeiro, dado pelo príncipe apaixonado, faz a Branca de Neve retornar à vida.



Nesse conto, o amor (objeto bom/pulsão de vida) foi capaz de mitigar o ódio e os efeitos mortíferos da inveja (objeto mau/pulsão de morte). O autor realça um detalhe na história e relata que na versão de 1938, da *Walt Disney*, após o envenenamento, a bruxa tenta fugir, mas é encurralada pelos 7 anões na beira de um precipício. No meio da disputa, um raio atinge-a, o que faz com que ela se desequilibre e caia no escuro vazio do abismo:

A bruxa morre permanecendo na forma que estava transformada: velha e feia – temos uma analogia à verdadeira face da inveja, um dos sentimentos mais terríveis que acometem o ser humano. Talvez o invejoso se encontre sempre aprisionado nas angústias infundáveis de seu próprio psiquismo – aqui, qualquer semelhança com o conto, certamente, não seria mera coincidência. O invejoso carrega consigo as dores de uma vida medíocre, permeada de amarguras e ressentimentos (ALMEIDA, 2020, p. 115).

Até agora podemos ver que a inveja, na perspectiva kleiniana, abarca aspectos vitais e mortíferos. Para a autora, o bom e o mau estão sempre em conflito, no qual um nunca solapa completamente o outro, mas que, na predominância da inveja, o objeto mau e a morte ascendem, enquanto na predominância da gratidão, o objeto bom e a vida prosperam. Para entender melhor como se dá esse campo de batalha, vamos adentrar na ligação existente entre a inveja e a criatividade, e como o ímpeto da primeira visa destruir a segunda, esta sendo um representante da vida.

### 3.3 A RELAÇÃO DA INVEJA COM A CRIATIVIDADE: O ÓDIO À VIDA

No texto seminal de Klein (1957, 1991) se sobressai a afirmação de que o primeiro objeto da inveja e da gratidão é o seio<sup>59</sup> nutridor materno, por isso mesmo é o primeiro objeto da destrutividade, que é dirigida à criatividade do seio. Esse objeto é tomado pelo bebê como fonte de criatividade, visto que dele surgem aspectos vitais e tudo que lhe é desejável. Apesar de o ataque invejoso ocorrer contra o seio e o alimento produzido, o estrago da destrutividade é dirigido para a criatividade materna, incluindo todos os seus atributos e capacidades. Esse ciclo causa interferências danosas para o objeto bom e a saúde do ego, pois todos esses elementos encontram-se inter-relacionados:

---

<sup>59</sup> Em toda a obra de Klein podemos perceber o uso de terminologias que fazem referência ao corpo e de suas partes – incluindo órgãos genitais – para simbolizar a criatividade. Para a autora, a dimensão corporal está atrelada à procriação e às tendências reparadoras, tendo o seio como objeto central. Como nos lembra Didier Anzieu, *o falo é o seio* (PETOT, 1982, 2016).

O seio “bom” que nutre e inicia a relação de amor com a mãe é o representante da pulsão de vida e é também sentido como a primeira manifestação da criatividade (...). A capacidade de dar e preservar vida é sentida como o dom máximo e, portanto, a criatividade torna-se a causa mais profunda da inveja (KLEIN, 1957, 1991, p. 233-234).

No momento em que se satisfaz com o seio, é como se o bebê presumisse o seguinte: *se eu possuísse esse seio que jorra leite, me oferece vida e me mantém vivo o tempo todo, nada me faltaria*. Ao se dar conta do seu infortúnio pela falta desse dom de criar, surge a inveja e o ódio contra o outro.

Essa construção pode ser remontada à história de Ofélia, pois no fundo, ela sabia que nunca iria produzir aquilo que a narradora lhe oferecia através do pinto. Nunca poderia gerar um corpo como aquele, um piar, uma penugem ou ter patas. A capacidade de dar esse tipo de vida nunca seria dela. E ao reconhecer a criatividade concedida pelo outro, conseqüentemente, percebia a sua limitação, por isso cobiça a narradora do conto, porque, por ter um pinto, considera que a mulher “tem tudo”, que nada lhe falta, e frisa “eu também quero”, de tal modo que, nesses dizeres, percebemos como a projeção da plenitude narcísica se faz presente.

A menina dirigia seu ataque invejoso à criatividade, por isso Klein intuiu que a inveja se dá tanto em experiências de frustração (seio mau) quanto de gratificação (seio bom), diferente da opinião comum entre os psicanalistas da época, que a consideravam oriunda apenas em situações de privação. Essas relações de objetos, arcaicas, em que a inveja e gratidão, ou a criatividade e destrutividade, se presentificam, servem de modelo para as relações futuras e para a saúde mental do indivíduo.

Um exemplo do cotidiano que representa o embate existente entre a inveja e a criatividade na vida adulta se refere às pessoas que enfrentam inibições na capacidade de trabalhar, pensar e dar frutos em suas produções. E, por isso, Klein propõe que: “a inveja da criatividade é um elemento fundamental na perturbação do processo criativo” (1957, 1991, p. 234).

Essa estagnação se dá pelo ímpeto de estragar e destruir tudo que é sentido como bom, seja a fonte externa do bebê (a criatividade materna) ou os seus correlatos internos (a capacidade de criar). Se só se inveja o que é bom, é preciso destruir o que é bom para não invejar. Os objetos, assim, passam a ter um caráter hostil, tal como podemos observar nas críticas destrutivas voltadas para si ou para o outro, as quais têm como base a inveja e o ataque ao seio.

Cintra e Figueiredo (2010) consideram que pessoas presas nesse ciclo podem estar sendo afetadas pelos estragos ocasionados por um *superego invejoso*. Essa instância é o resultado de projeções com base na inveja, a qual tem o intuito de impedir que as reparações reais se deem e “acabam condenando ao fracasso os movimentos de interesse e realização no mundo” (p. 144).

Devido ao ódio sentido, o indivíduo se vê assolado por uma persecutoriedade e culpa colossais, no qual a única saída é se punir severamente, vedando as construções criativas que poderiam se erguer.

Outros casos de pessoas que não possuem uma criatividade genuína, em razão da não instalação do bom objeto interno e da força da inveja, se trata daquelas que possuem uma avidez para alcançar a criatividade a qualquer custo, mesmo que isso implique em “puxar o tapete” de quem for preciso para obter sucesso. A respeito dessa temática, Klein declara o seguinte:

Se a identificação com um objeto internalizado bom e propiciador de vida puder ser mantida, ela se torna uma força propulsora para a criatividade. Embora superficialmente isso possa manifestar-se como cobiça por prestígio, riqueza e poder que outros tenham alcançado, seu objetivo real é a criatividade (KLEIN, 1957, 1991, p. 233-234).

Caso o indivíduo confiasse na sua própria criatividade, essa dinâmica não ocorreria, porque a inveja estaria amenizada. Esse movimento benigno pode ser visto naqueles que se preocupam com a criatividade do outro ou os que oferecem críticas construtivas aos trabalhos alheios. É a elaboração da inveja que permite esse caminho: “Tenho observado que a criatividade cresce em proporção à capacidade de estabelecer mais seguramente o objeto bom, sendo isso, nos casos bem-sucedidos, o resultado da análise da inveja e destrutividade” (Klein, 1957, 1991, p. 257).

A partir desses exemplos, vemos que a inveja levanta todas as armas contra a vida nas suas múltiplas formas criativas, ainda mais se o objeto bom não estiver consolidadamente internalizado no núcleo egoico.

Em outra passagem do texto, Klein utiliza uma referência da literatura para realçar a inveja como força destrutiva da criatividade a partir do livro *Paraíso Perdido* (2018) de John Milton. A autora menciona que Satã possuía uma inveja profunda de Deus, o criador. Devido a isso, deseja usurpar o céu (fruto da criação divina) e o seu ímpeto desassossegado é estragar e destruir a vida celestial, então, compra briga com Deus e instaura uma guerra. No entanto, é expulso e cai do céu. Assim, o diabo assume o risco de perder algo bom (o céu) no intuito de

aplar a sua inveja devoradora. Depois de caído, o diabo e outros anjos criam o inferno, como um espaço que se opõe ao espaço celestial, tornando-se o seu rival. O motor dos atos de satanás se baseia na força destrutiva de tudo, de querer atacar e estragar a criatividade de Deus.

A autora realiza uma observação: “essa idéia teológica parece provir de Santo Agostinho, que descreve a Vida como uma força criativa, em oposição à Inveja, uma força destrutiva” (Klein, 1957, 1991, p. 234). Complementa o trecho com a primeira carta aos Coríntios: “O amor não inveja”. Assim, a inveja odeia que o amor se manifeste como potência de vida pela criatividade, que se encontrava barrada e não integrada em Satã (objeto muito mau e perseguidor) na relação com Deus (objeto muito bom e idealizado), figuras cindidas na obra descrita.

Satã nos mostrou que a inveja é um eterno ataque contra a própria vida, contra si mesmo, contra o desejo, contra a capacidade de amar e de criar. Assim como ele, Ofélia seguia o mesmo rumo, pois todo movimento do pinto fazia lhe contorcer os ossos. Destino esse que dificultava a menina de confiar na sua aptidão de gerar e manter a vida, ainda mais depois de ter constatado que matou um frágil e indefeso pinto com a inveja que escorria pelos seus dedos. Com a morte da inveja, houve, pelo menos no conto, o fim do pequeno sopro de criação e vitalidade que a narradora lhe ofereceu — o pinto. O que a menina não imaginava era que, ao aniquilar o outro, na verdade, estava matando muito mais a si mesma.

Ao pensar sobre as mortes ocasionadas pela inveja, vamos discutir a seguir de que forma a esperança e a desesperança, como manifestação ou não da vida, ocorre no processo analítico, na relação entre analista e analisando.

#### 3.4 ENREDAMENTOS ENTRE A INVEJA, A ESPERANÇA E A DESESPERANÇA NO TRABALHO ANALÍTICO

Tão difícil quanto falar sobre a inveja que um bebê sente da mãe, é tratar sobre a inveja que um analisando tem de um analista e da análise. Na situação analítica, por exemplo, a reação terapêutica negativa<sup>60</sup> – ou a resistência ao processo clínico – tende a ser uma via expressiva da inveja que o analisando sente quando se depara com a capacidade do analista de

---

<sup>60</sup> Essa ideia foi desenvolvida no tópico 1.5 da dissertação.

oferecer vida (Feldman, 2020). Esse aspecto pode ser manifesto pelas críticas destrutivas<sup>61</sup> realizadas pelo analisando, no intuito de aniquilar qualquer elemento bom e de valor que o espaço analítico possa oferecer. Pode existir alguma fantasia de que o outro, ao oferecer algo bom, do qual você precisa, pode te ameaçar com base em uma humilhação (Frayze Pereira, 2018). E assim, quanto mais o analista é atacado, mais ele é sentido como um objeto estragado, o qual deve ser rejeitado. Tal como podemos observar na seguinte passagem:

Encontramos essa inveja primitiva revivida na situação transferencial. Por exemplo: o analista acabou de dar uma interpretação que trouxe alívio ao paciente e que produziu uma mudança de estado de ânimo, de desespero para esperança e confiança. Com certos pacientes, ou com o mesmo paciente em outros momentos, essa interpretação proveitosa pode logo tornar-se alvo de uma crítica destrutiva. Ela, então, não é mais sentida como algo bom que ele tenha recebido e vivenciado como enriquecimento (KLEIN, 1957, 1991, p. 215).

No trecho citado, a interpretação do analista (objeto bom) ocasionou uma mudança no paciente do desespero à esperança. Isso nos faz pensar que aceitar a oferta de amor do outro reduz, bruscamente, os sentimentos de agonia, angústia e desesperança, revestindo o ego com uma camada protetora para lidar com as situações difíceis da vida. Por isso, caso o analisando seja menos invejoso, os seus aspectos bons e os dos outros serão valorizados, e o que é oferecido pelo analista, a partir das palavras e gestos acolhedores, pode ser sentido como uma dádiva a ser fruída e preservada.

Diante desse impasse entre o bom e o mau, o analisando pode se confrontar com a dor de ter danificado a criatividade do analista, algo como: *Eu sinto raiva por você possuir e desfrutar da sua criatividade e capacidade de oferecer vida, ao mesmo tempo, sinto culpa por desejar estragar os seus dons, porque você é bom para mim*. Isso ocorre mesmo nos casos em que a inveja não desponta excessivamente, pois o pesar pelo ódio e destrutividade se mantém aceso. Essa é uma dinâmica que dificulta a análise da inveja, por estar ancorada em um remorso que não oferece saídas elaborativas.

Caso o processo analítico consiga atingir relativamente a integração e aumentar a capacidade de fruição, o que for oferecido de bom no *setting* vai se tornar um alimento dentro do ego. Esse aspecto se torna a raiz e, ao mesmo tempo, o tronco do sentimento de esperança, ou seja, combustíveis oriundos da pulsão de vida, o que fica expresso pelo aparecimento de *insights* na análise:

---

<sup>61</sup> Klein (1957, 1991) realiza uma ressalva e diz que, obviamente, como profissionais, estamos sujeitos a receber críticas caso cometamos falas e atos indevidos, mas o aspecto essencial da inveja é sentir que recebeu algo bom do analista, mas que, ainda assim, esse objeto deve ser depreciado e destruído.

Entretanto, o *insight* também acarreta sensações de alívio e esperança, as quais por sua vez tornam menos difícil reunir os dois aspectos do objeto e do *self* (...). Essa esperança baseia-se no crescente conhecimento inconsciente de que o objeto, interno e externo, não é tão mau quanto parecia ser em seus aspectos excindidos (KLEIN, 1957, 1991, p. 228).

Nos meandros da inveja até a sua elaboração, Klein (1957, 1991) discute o caso de uma mulher que carregava em si a fantasia de uma vida insatisfatória na infância. Esse sentimento causou danos às suas posteriores relações de objeto e abalou a sua esperança em relação à vida: “seu ressentimento do passado ligava-se à desesperança quanto ao presente e ao futuro” (p. 236). A inveja e o rancor do seio materno semearam dúvidas se o objeto podia ser encarado como algo bom ou não, impedindo a fruição de todas as benesses que o seio poderia lhe ofertar.

Elaborar esses afetos e viver a situação analítica como uma alimentação feliz provida por um analista sentido internamente como um seio, o qual é fonte de vida, possibilitaram que a paciente se sentisse mais "esperançosa quanto ao futuro e quanto ao resultado de sua análise" (Klein, 1957, 1991, p. 238). A autora destaca, ainda, o quanto as falas interpretativas do analista estão correlacionadas ao sentimento do analisado de ser compreendido, pois, a partir dessas intervenções clínicas, o indivíduo entra em contato com a própria realidade psíquica e os seus aspectos bons, o que pode “ter o efeito de reavivar a esperança e fazer com que o paciente se sinta mais vivo” (Klein, 1961, 1994, p. 100).

Quando esse percurso clínico é possível, a esperança do analista eclode: “É na análise dos efeitos das perturbações arcaicas no desenvolvimento em seu todo que reside nossa maior esperança de ajudar nossos pacientes” (Klein, 1957, 1991, p. 267).

Nesse momento, a esperança favorece a elaboração da inveja ao mesmo tempo que a análise da inveja promove a esperança. Com isso, o ego passa a ficar assentado em um alicerce amoroso, no qual o objeto bom funciona como um “*Airbag* psíquico”, que amortece os impactos ocasionados pela destrutividade advinda da pulsão de morte. Elaborar a inveja permite que o indivíduo consiga encarar o seu eu total, desnudando-se em frente a um espelho, podendo juntar os pedaços de si que estavam desordenados e em cacos na situação anterior. Seu mundo interno, em torno do bem e do mal, torna-se mais realista, sendo possível enxergar com mais clareza os efeitos dos seus impulsos amorosos e agressivos. A intensidade da inveja provoca uma visão turva, embaçada e confusa, enquanto a capacidade de fruição serve para ajustar o foco da “retina mental” pelas “lentes” da esperança.

Caso a esperança não se estabeleça firmemente através da fruição do objeto bom, a inveja pode prevalecer no mundo interno, e com isso, o desespero se torna protagonista da cena.

Nessa via, Segal (1975) estabelece que na inveja, o bebê não consegue definir claramente o que é bom ou mau, essas qualidades encontram-se misturadas e confusas. Com isso, um drama se instala, no qual a bondade é danificada e, conseqüentemente, não-introjetada, mobilizando a desesperança: “fortes sentimentos de inveja conduzem ao desespero. Um objeto ideal não pode ser encontrado e, portanto, não há esperança de amor ou de qualquer ajuda” (p. 53).

Esse desespero pode ser visto na música *Invejoso* de Antunes (2009): *Invejoso, querer o que é dos outros é o seu gozo, e fica remoendo até o osso, mas sua fruta só lhe dá caroço. Invejoso, o bem alheio é o seu desgosto. Queria um palácio suntuoso, mas acabou no fundo desse poço.* Sem encontrar uma maneira de transformar as agonias da vida, o invejoso acaba no “fundo do poço”, somente há um vazio escuro sem esperança.

Para sair do fundo do poço, é necessária uma corda que puxe aquele que se encontra sem saída. Klein chamou isso de seio bom, mas podemos traduzir essa corda como os bons encontros e boas contingências que acontecem na vida, mas somente isso não é suficiente, pois é fundamental ter uma abertura dentro de si para aproveitar e guardar esses acontecimentos como lembranças, o que Klein chamou de pulsão de vida.

Imaginemos que, enquanto permanecia no buraco, a pessoa tivesse um fio de esperança que alguém pudesse resgatá-la. Ao ser salva, pôde sentir gratidão, voltar a ser e criar no mundo. Enquanto outra poderia se negar a ser resgatada, ou, ao subir, acreditar que o feito tenha se dado por sua causa e não pela ajuda do outro. Para entender a capacidade que alguns têm de realizar o primeiro movimento, diferente da inveja que predomina no segundo, vamos discutir o tópico seguinte.

### 3.5 GRATIDÃO, CRIATIVIDADE E ESPERANÇA: ENTRELAÇOS NO NOSSO MUNDO INTERNO

*Agradeço à vida, que tem me dado tanto  
Me deu dois olhos, que quando os abro  
Distingo perfeitamente o preto do branco  
E no alto céu, seu fundo estrelado  
E nas multidões, o homem que eu amo  
Agradeço à vida, que tem me dado tanto  
Me deu o ouvido, que com todo seu tamanho  
Grava dia e noite, grilos e canários  
Martelos, turbinas, latidos, aguaceiros  
E a voz tão terna do meu bem-amado  
Agradeço à vida, que tem me dado tanto  
Me deu os sons e o alfabeto  
E com ele, as palavras que eu penso e declaro*

*Mãe, amigo, irmão, e luz iluminando  
O caminho da alma de quem estou amando  
Agradeço à vida, que tem me dado tanto  
Me deu a marcha de meus pés cansados  
Com eles, atravessei cidades e poças  
Praias e desertos, montanhas e planícies  
E sua casa, sua rua e seu quintal  
Agradeço à vida, que tem me dado tanto  
Me deu o coração, que perde o compasso  
Quando olho o fruto do cérebro humano  
Quando olho o bom tão longe do mal  
Quando olho o fundo de seus olhos claros  
Agradeço à vida, que tem me dado tanto  
Me deu o riso e me deu o pranto  
Assim eu distingo fortuna de falência  
Os dois materiais que formam meu canto  
E o canto de vocês que é o mesmo canto  
E o canto de todos que é meu próprio canto  
Agradeço à vida  
(Violeta Parra)*

Discutimos que na inveja, a fruição do seio se torna obstruída e, por isso, impede o desfrute do bom objeto quando ele está disponível. Na gratidão acontece o caminho inverso, pois nela há a capacidade de gratificação oral do bebê (Klein, 1963a, 1991). A gratidão do bebê se traduz em amar o seio: aquilo que não se tem, nem se pode produzir por si só, e do qual se depende. Ser grato é admitir que o objeto de amor possui atributos que são necessários e vitais. Podemos ler a gratidão da seguinte forma:

A gratidão é a base da consciência emocional da pessoa em relação à vitalidade, à criatividade, ao amor, ao consolo e à compreensão inerentes a seus objetos bons, consciência que os eleva acima do nível do psicologicamente inanimado. A gratidão também implica o amor e a admiração dessas qualidades de sustentação da vida que força à identificação com elas, identificação que, por sua vez, tende a animar o mundo interno da pessoa (CAPER, 1990, p. 232).

Alcançar esse estado possibilita que o indivíduo reconheça que algo bom pode advir do outro, ao mesmo tempo que se encontra meios de contentamento nessa partilha. Não só recebo o que é bom, mas desejo manter dentro de mim, e retribuir o que recebi para os outros. Há um certo anseio de ser, ao mesmo tempo, objeto de amor e fonte de vida, ao se conceder o desfrute do objeto bom para o outro. Em alguma medida, reconhecer e aceitar algo bom é ser “penetrado” – pelas palavras, pelas sensações e afetos. Se sou permeável para adquirir esses objetos do mundo, consigo apreciar a bondade interna e externa, bases da gratidão e do reconhecimento da generosidade no bom.

Da mesma forma, Ofélia pôde se deleitar com a gratidão sentida pela narradora, por ela ter lhe proporcionado um encontro com o pinto, mesmo que tenha sido por um breve momento: “Ela sorriu”. A menina estava deslumbrada. Amou a capacidade de amar o que não



tinha, e o amor recebido. Assim, a partilha da gratidão se tornou uma centelha no meio das sombras refletidas pela inveja.

Lembremos que, quando há confiança na própria capacidade de oferecer vida, a inveja é atenuada e, com isso, o seio bom vai ser sentido cada vez mais como bom quanto mais houver satisfação, e por conseguinte, gratidão e generosidade, criando uma cadeia circular que se retroalimenta (Petot, 1982, 2016). Em outras palavras, se cria um ciclo benigno em torno da pulsão de vida (Spillius et al, 2011).

Esse sentimento de generosidade “está na base da criatividade, o que diz respeito tanto às atividades construtivas mais primitivas do bebê quanto à criatividade do adulto” (Klein, 1963a, 1991, p. 351). Ser generoso está atrelado à recuperação de estados de raiva e ressentimento, pois há mais força e riqueza no interior do indivíduo. Tais elos benignos só se dão no contato e assimilação do objeto bom internalizado e doador de vida, no qual, a identificação com este oferece um impulso à criatividade<sup>62</sup> (Spillius et al, 2011). Um objeto com essa qualidade serve como a base da gratidão, generosidade, criatividade e esperança:

Vemos na análise de nossos pacientes que o seio em seu aspecto bom é o protótipo da “bondade” materna, de paciência e generosidade inexauríveis, bem como da criatividade. São essas fantasias e necessidades pulsionais que de tal modo enriquecem o objeto originário que ele permanece como a base da esperança, da confiança e da crença no bom (KLEIN, 1957, 1991, p. 211).

Com o seio bom firmemente introjetado, uma menininha comunicou para Klein (1959, 1991), que o seu amor pela mãe era maior do que todas as outras pessoas, pois ela nada seria se sua mãe não lhe tivesse dado a vida e cuidado dela quando bebê. Esse é um belo recorte de como a gratidão sentida por ela expandiu sua capacidade de amor, reconhecimento e apreciação ao que lhe foi dado:

Se o objeto bom está bem estabelecido, a identificação com ele fortalece a capacidade de amor, as pulsões construtivas e a gratidão (...) os alicerces da saúde mental, da formação do caráter e de um desenvolvimento bem-sucedido do ego são estabelecidos (KLEIN, 1957, 1991, p. 263)

Para que isso aconteça, é necessário ter repetidas experiências de amor, cuidado e segurança. A partir disso, a confiança no mundo interno e externo se instala (Figueiredo, 2012). Com ancoragem nas memórias felizes da vida, a esperança se liga à confiança de que é possível encontrar objetos que cuidam, no qual o resultado é que “a esperança e confiança na

---

<sup>62</sup> Petot (1982, 2016) considera que não existe um processo direto que leva da gratidão à criatividade. Na verdade, é a criatividade que ocupa um lugar central, funcionando como uma matriz da qual se ramificam outros fenômenos.

existência da bondade, como pode ser observado na vida cotidiana, auxiliam as pessoas em meio a grandes adversidades” (Klein, 1957, 1991, p. 194).

O representante dessa repetição no *setting* é o analista, visto que os momentos prazerosos, sejam no início da vida ou *a posteriori*, servem como o estofamento para o bom objeto se firmar no ego. É esse desfrute do encontro analítico que constrói o esteio da gratidão, o sentimento de que o paciente extrai e absorve o que o espaço oferece de bom, sem precisar destruí-lo.

O analisando só consegue ser grato caso consiga tolerar cada vez mais frustrações, e é na criação de um ambiente amistoso, confiável e compreensivo, frente às suas pulsões mortíferas, que o contato com a realidade psíquica pode se dar. Com isso, as insatisfações podem ser suportadas e a gratidão consegue despontar: “trata-se de criar condições para o restabelecimento do contato afetivo e da experiência de uma intimidade que não intimida e nem ameaça, mas transmite segurança, por meio da presença atenta, viva e implicada do analista” (Cintra e Ribeiro, 2018, p. 115).

Ao pensar sobre a condição de ter vivências amorosas e alegres para introjetar o bom objeto, destaco que Ofélia tinha pais orgulhosos e agressivos. A mãe era desconfiada, ríspida e arredia. Ao longo da narrativa, presumimos que a menina vivia em um ambiente com muita rigidez, frieza e restrições, em que os momentos de fruição eram raros. Havia pouca tolerância para o erro, a falha e o desvio. Nem a própria Ofélia acreditava e confiava na capacidade de manter vivo o amor dentro de si. Pontes construídas para o domínio da inveja, e não da gratidão.

A vida de uma “Ofélia” é muito mais sofrida, pois o movimento da gratidão, que vitaliza o indivíduo, não se cumpre. As quedas no viver são sentidas com mais dureza, e o que pode ser fácil e leve, acaba se tornando mais árduo e pesado. Se a menina tivesse perdurado o seu instante de gratidão e tolerado a inveja da narradora, a morte do pinto teria sido evitada e ela poderia encher seu mundo interno de amor a partir desse encontro que a transformou. No entanto, para a menina, o amor era fonte de dor e sofrimento<sup>63</sup>. Ao contrário dela, o amor de

---

<sup>63</sup> Nos dias atuais, Ofélia poderia ser vista como uma defensora do movimento *Good vibes only*, chamado ironicamente por alguns de *Gratiluz* ou *Positividade Tóxica*, o qual vai na contramão da noção de gratidão postulada por Klein. O imperativo de mostrar que está bem o tempo todo ou de resolver as dificuldades da vida sozinho, sem recorrer à ajuda dos outros, pode ser pensado como fruto da inveja, e não da gratidão. Para se sentir grato de forma genuína, é necessário elaborar, minimamente, a inveja e os impulsos destrutivos que provêm dela, como a frustração, o fracasso e o ódio. O uso compulsivo de frases motivacionais e citações de autoajuda apenas negam e abafam os nossos instintos mortíferos, esquecendo-se de que não há como nos curarmos das pulsões mais avassaladoras do *id*, mas há como conciliá-las com o ego ao reconhecer e aceitar que somos constituídos por aspectos bons e maus. A gratidão à qual Klein se refere não compõe a narrativa de Poliana no jogo do

um aluno por um professor foi a motivação para a sua criatividade e gratidão, expressas na carta a seguir:

### 3.6 UMA CARTA À GRATIDÃO

Para finalizar as ideias sobre o sentimento de gratidão, remeto a uma coincidência na história que costura os pontos trazidos ao longo deste tópico. No ano de 1957, foram escritos os textos *Inveja e Gratidão* e uma carta de Albert Camus para o seu professor primário, Louis Germain, após ter recebido o Nobel de literatura. A significação do mestre em sua vida parte do incentivo educacional ofertado para Camus, visto que sua família era muito pobre e não apoiava o seu caminho para a escola secundária, mas sim, para o trabalho formal. Podemos pensar que a gratidão que o autor sentia, dentro de si, favoreceu sua criatividade amplamente (e vice-versa), a ponto de fazê-lo ser reconhecido com um prêmio dessa magnitude. A sua abertura psíquica de receber e dar amor pode ter impulsionado seus dons, habilidades artísticas e intelectuais, o que fica evidenciado pelo livro *Discursos da Suécia*, dedicado ao seu mentor. A homenagem de Camus ao seu professor está descrita abaixo:

*Caro Monsieur Germain,*

*Deixei que passasse um pouco o movimento que me envolveu todos esses dias antes de vir-lhe falar-lhe de coração aberto. Acaba de me ser feita uma grande honra que não busquei, nem solicitei. Mas quando eu soube da novidade, meu primeiro pensamento, depois de minha mãe, foi para você. Sem você, sem essa mão afetuosa que você estendeu ao menino pobre que eu era, sem seu ensino, sem seu exemplo, nada disso teria acontecido. Eu não faço questão dessa espécie de honra. Mas essa é ao menos uma ocasião para dizer-lhe o que você foi e é sempre para mim, e para assegurar-lhe que os seus esforços, o seu trabalho e o coração generoso que você coloca em tudo que faz, sempre de maneira viva com relação a um de seus*

---

conteúdo, muito pelo contrário, afasta-se dessa falta de amadurecimento velada de otimismo e constrói trilhos para o contato mais íntimo com a realidade psíquica.

*pequenos discípulos que, não obstante a idade, não cessou jamais de ser seu aluno reconhecido. Eu o abraço com todas as minhas forças.*

### 3.7 REFLEXÕES FINAIS: A INVEJA E A GRATIDÃO COM BASE NAS ONDULAÇÕES PULSIONAIS

Considerando, mais uma vez, a pulsão de vida e de morte ligadas e constitutivas no psiquismo, junto ao entrelaçamento da inveja com a desesperança e destrutividade, e a gratidão com a esperança e criatividade, realço o dinamismo próprio das posições subjetivas existentes nas nossas vidas, o qual faz com que esses fenômenos não sejam categorias separadas completamente, mas mantidas em uma inter-relação sustentada pelo paradoxo. Por isso, é possível que na inveja exista desesperança, mas também, criação.

Para ilustrar essa ideia, refiro Boris (1976) o qual argumenta que o lactente, quando satisfaz sua libido oral, ao mesmo tempo que é nutrido, sustenta uma esperança de que o seio seja dele, que ele próprio possa alimentar-se de forma autônoma. Ao se dar conta que o seio, ainda que seja predominantemente gratificador, vem de um outro, separado e independente, ocorre nele a inveja e uma *crise da esperança*, visto que a realização do seu desejo pode se dar em alguns momentos e em outros não, o que legitima às suas próprias faltas e dependências. Em outras palavras, enquanto a gratificação traz esperança, a frustração traz desesperança, especialmente quando se percebe uma diferença entre o eu e o outro.

No pensamento do autor, é como se, metaforicamente, o bebê fosse como Eva no mito de criação, que ao ter mordido a maçã do conhecimento, teve seu mundo ampliado, o que a levou a pensar: “Ah! Essa riqueza e vida são coisas que eu acreditava ter e produzir, mas como isso não acontece, preciso buscar fora de mim!”. Portanto, na *crise da esperança*, o desejo se instala e algumas transformações podem se dar, visto que essa experiência pode ser a abertura para a vida e as infinitas possibilidades de ser, fazer e criar no mundo, tal como Eva se deu conta depois de ter sido expulsa do paraíso.

Outra analogia sobre essa questão pode ser vista na fábula "A raposa e as uvas". Como não conseguiu alcançar a videira com as uvas verdes que tanto ansiava, a raposa começou a depreciar os frutos, a negar a frustração do seu próprio desejo. Inicialmente ela tinha esperança de ser uma raposa que alcançasse as uvas doces, mas essa esperança foi perdida.

Mesmo dominada pelo impulso invejoso, imaginamos que a raposa seguiu o seu caminho no bosque atrás de outros frutos, criando estratégias mais ou menos elaboradas para alcançá-los e satisfazer o seu desejo. Apesar da força descomunal da inveja, com toda a crueza e amargura que ela produz, há algo em cada um que nos mobiliza para seguir adiante. Esse empuxo pode ser entendido como a pulsão de vida que nos convoca a todo momento para realizar uma jornada que leva da inveja à gratidão, e que abarca aquilo de bom que podemos dar e receber nas relações.

A obra *Divina Comédia* (1896, 1999) de Dante também metaforiza como a pulsão de vida e de morte estão amalgamadas e como a esperança pode existir mesmo em meio à inveja. No purgatório, apesar de as almas invejosas permanecerem distantes do paraíso, e escoradas em uma parede à beira do precipício, existia nelas a esperança de alcançar a pureza dos pecados cometidos, a partir da expiação, pois só assim seria possível entrar no reino do céu. Na entrada de cada pecado capital, encontra-se um anjo que guarda a passagem e purifica a alma até que se consiga subir para outro nível de profanação mais branda. Mesmo prestes a cair em uma cova, fossa ou “buraco sem fim”, as almas, cobertas por túnicas ásperas e com os olhos costurados<sup>64</sup>, possuíam a crença de que o fim da dor e do sofrimento estavam prestes a acontecer.

No traslado dessa perspectiva literária para a clínica, em muitos momentos, o analista se torna o “guardião” da esperança, na espera empática de que a “purificação” da inveja ocorra no analisando, para que a ascendência ao céu, como símbolo de um espaço criativo, aconteça.

Portanto, a vida carrega a potência de nascer, mesmo em um espaço aparentemente árido e sombrio, como Otto (2009) afirma: “nasceram flores num canto de um quarto escuro”. Com isso, a criatividade, a esperança e a gratidão junto à desesperança, à destrutividade e à inveja unem-se em uma dança incessante de sintonias e desajustes, alguns giros harmônicos ou pisões no pé, onde cada uma esbarra com a outra no “salão psíquico”, formando pares mais ou menos ritmados a depender da eufonia entre as duplas de dançarinos (mundo interno) com a toada reproduzida pela banda (mundo externo).

---

<sup>64</sup> Lembremos que a palavra inveja vem do latim *invidia*, nome formado pelo radical *-ved*, encontrado em *vedere* que significa olhar (MEZAN, 1987).

## PARTE II – A CRIATIVIDADE E A ESPERANÇA NA VIDA E NA OBRA DE DONALD WINNICOTT: UM BREVE PERCURSO BIOGRÁFICO

Antes de iniciar o trajeto pela teoria de Winnicott, é importante apresentar, mesmo brevemente, a história de vida e, em especial, a perspectiva vitalista com a qual encarava a natureza humana. O objetivo não é apenas narrar a sua biografia, mas demonstrar como o modo particular e genuíno de viver do autor, somado às suas experiências, estava integrado às formulações teóricas que produziu, sobretudo os dois fenômenos tratados neste capítulo: a criatividade primária e a esperança. Ambos estão conectados com o que havia de mais pessoal nele, isto é, o sentir-se real, a capacidade de estar vivo e o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida.

Nascido em 7 de abril de 1896, na cidade de Plymouth, na Grã-Bretanha, Donald Woods Winnicott foi criado em um lar bem estruturado e suficientemente saudável<sup>65</sup>. Filho caçula e único homem da prole, ele pôde desfrutar de uma família extensa, repleta de crianças, e uma casa com um grande jardim — elementos que, decerto, proporcionaram-lhe vitalidade, imaginação e uma forma livre de existir.

Apesar de sua mãe ser frequentemente descrita como cheia de ânimo para a vida, Phillips (1988, 2006) lhe atribui tendências depressivas e relata uma incapacidade de abraçar o filho mais novo. Esse traço letárgico era apaziguado pela potência da figura paterna, que, muitas vezes, encontrava-se no limiar entre cuidados necessários e exagerada severidade. Apesar disso, Winnicott se sentia seguro e amado pelas pessoas que o rodeavam, o que subsidiou o alcance de uma verdade simples para viver à sua própria maneira, assim como elucida o seguinte trecho: “uma das características mais marcantes de sua personalidade, que influenciou sua obra, era o traço de esperança e prazer com que se relacionava com a vida” (Lemgruber, 2005, p. 14).

Quando jovem, o psicanalista parecia ter a alma leve e uma alegria luzente, características realçadas pelo senso de humor e pela capacidade de brincar, traços constantemente enfatizados pelos seus colegas mais próximos. A conexão íntima que estabeleceu consigo mesmo e a sensação de autenticidade influenciavam todos ao redor. Parece que havia algo de

---

<sup>65</sup> As informações biográficas de Winnicott foram retiradas, em sua maioria, de três fontes essenciais para conhecê-lo: o livro *Winnicott*, produzido por Adam Phillips (1988, 2006); o texto “D. W. Winnicott: uma reflexão”, presente na obra *Explorações Psicanalíticas*, escrita pela esposa, Clare Winnicott (1989, 1994), e a introdução de Masud Khan (1975, 2021), presente na obra *Da pediatria à psicanálise*.

secreto e sagrado que ele costumava proteger e cuidar em si, tal como destaca Masud Khan (1975, 2021):

Winnicott prestava atenção com o corpo todo e tinha um olhar perspicaz e respeitoso, que nos focalizava com um misto de dúvida e absoluta aceitação. Uma espontaneidade de criança impregnava os seus movimentos. Mas ele podia também ficar muito quieto, inteiramente controlado e quieto. Jamais conheci outro analista que fosse tão inevitavelmente ele mesmo. Era essa característica de ser inviolavelmente ele mesmo que lhe permitiu ser tantas pessoas diferentes para tanta gente. Cada um de nós que o conhecemos tinha o seu próprio Winnicott, e ele jamais atropelou a idéia que o outro fazia dele pela afirmação de seu modo pessoal de ser. No entanto, permanecia inexoravelmente Winnicott (KHAN, 1975, 2021, p. 11).

Durante a infância e a adolescência, Winnicott praticou diversas atividades físicas e manteve o corpo vitalizado por meio de exercícios como rúgbi, atletismo e natação. Seu tônus muscular acompanhava os ritmos e movimentos internos, assinalando o impulso para a vida e a integração entre psiquismo e corpo. Numa dessas atividades, aos 16 anos, ele acabou sofrendo um acidente e fraturando a clavícula, e se perceber frágil, numa condição de dependência em relação aos médicos, mobilizou seu interesse em cursar Medicina.

Antes de se tornar médico, no entanto, ele se formou em Biologia, motivado pelo fascínio com os seres vivos e as teorias de Charles Darwin. Apenas nos últimos anos da Primeira Guerra Mundial, completou a graduação de Medicina e começou a trabalhar no Saint Bartholomew's Hospital, em Londres, experiência que o levou a estudar o campo da infância e, conseqüentemente, especializar-se em pediatria. Mais tarde, Winnicott se tornaria o primeiro pediatra a atuar como psicanalista na Inglaterra.

Além da formação profissional, destaca-se o fato de que a maioria dos seus parentes e amigos fazia parte do meio artístico, principalmente da vertente musical. Isso parece ter influenciado bastante o autor, que tocava piano e cantava como tenor. Ressalte-se, assim, que tais “elementos de seu ambiente cultural aparecem, particularmente, na relação que estabelece entre ser criativo e sentir-se real” (Lins, 1997, p. 13-22). O intenso laço e a identificação com a família e os amigos se manifestam em sua teoria. O papel da relação familiar e, sobretudo, do ambiente em que a criança nasce, são centralizados e considerados a maior referência de sua obra.

Em 1919, interessou-se pela psicanálise quando leu *A interpretação dos Sonhos*, de Sigmund Freud (1900, 2019). Na época, aos 23 anos, estava com dificuldades de memorizar seus sonhos, e um amigo lhe emprestou o exemplar do livro. Ao concluir a leitura, deu início à análise com James Strachey, conforme indicação de Ernest Jones. Em 1927, começou a formação na Sociedade Britânica de Psicanálise, da qual integrou o *Middle Group*, formado

por psicanalistas que não aderiram aos preceitos kleinianos ou aos annafreudianos. Posteriormente, foi eleito presidente da instituição nos triênios 1956-1959 e 1965-1968.

Durante toda a jornada como pediatra e analista, exercida com tamanho afincamento e prazer, Winnicott foi capaz de perceber tanto as próprias dores quanto as dos outros e, ainda assim, enxergar o sujeito, na cultura, como um “ser viável e criativo” (Khan, 1975, 2021, p. 47), com aposta e esperança em suas potencialidades. Essencialmente, o trabalho do autor tinha um caráter vital, no qual a originalidade na forma de elaborar as experiências pode ser notada a partir da seguinte declaração:

Não darei inicialmente uma revisão histórica e mostrarei o desenvolvimento das minhas ideias a partir das teorias dos outros, porque minha mente não funciona deste modo. O que acontece é que eu coleciono isto e aquilo, aqui e acolá, vinculo-me à minha experiência clínica, formo minhas próprias teorias e depois, no final, passo a me interessar em verificar o que eu roubei de quem. Talvez este método seja tão bom como qualquer outro (WINNICOTT, 1945, 2000, p. 21).

Essa costura pode fazer mais sentido quando se conhece a história e o modo de ser de Winnicott. A sua crença na vida, em que tudo o que vivia deveria passar por uma digestão criativa da experiência e se tornar algo próprio, inclusive a morte, foi retratada na clássica frase: “Oh, Deus! Possa eu estar vivo quando morrer” (1989, 1994)<sup>66</sup>.

Após um contato maior com os aspectos biográficos de Winnicott, é possível perceber as nuances de sua forma de viver entrelaçadas às ideias que concebeu. Exemplo disso é o conceito de criatividade primária, a ser elucidado no próximo tópico. Ao longo do desenvolvimento deste, serão apresentadas algumas formulações que corroboram com a visão defendida, tal como a ilusão de onipotência e os fenômenos transicionais.

Diferentemente da definição de criatividade, Winnicott não delineou uma concepção teórica sobre a esperança ou a desesperança, no entanto, a partir de trechos selecionados de sua obra e de leituras contemporâneas acerca do tema, algumas inferências sobre esses fenômenos serão construídas. O que se pode adiantar é que a proposição de esperança se sustenta no mesmo esteio da constituição da criatividade primária, logo ela está situada nas bases do ser.

Por fim, para articular os dois fenômenos com a teoria winnicottiana, a referência utilizada será o filme *A vida é bela* (1997), do diretor Roberto Benigni. Após a descrição do longa-metragem, as construções teóricas do autor serão abordadas a fim de comprovar a

---

<sup>66</sup> Frase citada pela sua esposa no capítulo “D.W.W.: uma reflexão”, presente no livro *Explorações psicanalíticas* (1989, 1994).



relevância de conhecer um pouco de sua história, já que ela se manifesta nas ideias clínicas que desenvolveu.

#### 4. “A VIDA É BELA”: O AMBIENTE COMO ANTEPARO QUE PROPICIA E RESGUARDA A CRIATIVIDADE E A ESPERANÇA

*Uma flor nasceu na rua!  
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.  
Uma flor ainda desbotada  
ilude a polícia, rompe o asfalto.  
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,  
garanto que uma flor nasceu.  
(Carlos Drummond de Andrade)*

*E o tempo que levou uma rosa indecisa  
A tirar sua cor dessas chamas extintas  
Era o tempo mais justo. Era tempo de terra  
Onde não há jardim, as flores nascem de um  
Secreto investimento em formas improváveis.  
(Carlos Drummond de Andrade)*

Guido Orefice, protagonista do filme *A vida é bela* (1997)<sup>67</sup>, é um judeu italiano que vive na cidade de Arezzo, na região da Toscana, onde trabalha como garçom no hotel de um tio e, em paralelo, administra uma pequena livraria. Interpretado pelo diretor do longa-metragem, Roberto Benigni, o personagem, embora enfrente diversas dificuldades financeiras, apresenta uma marcante capacidade de transformar a realidade ao redor em razão de sua postura perspicaz, criativa e bem-humorada. É um homem simples, de alma leve e vida pacata.

Logo nas primeiras cenas, o seu modo de ser é retratado pelo forte interesse que demonstra numa brincadeira corriqueira do amigo, Ferruccio. Denominada a “Teoria de Schopenhauer”, a dinâmica tenta provar que, com a força do pensamento, tudo é possível, inclusive ser o que se deseja. Ferruccio esclarece, aliás, que não se trata de mágica, e sim de uma coisa profunda da mente, que requer tempo para se alcançar.

Um dos momentos em que a brincadeira dá certo é durante a apresentação de uma ópera, quando Guido olha fixamente para a mulher pela qual está apaixonado e diz repetidas vezes: “Olhe para mim, princesa! Olhe para mim! Vire para cá”. Algum tempo depois, ela de fato se vira e o encara por alguns segundos. O seu nome é Dora, uma jovem de família abastada que, mais tarde, casa-se com ele e dá à luz ao filho do casal, Giosué.

O enredo da obra se dá no decorrer da Segunda Guerra Mundial — desde o período que a antecede, na década de 1930, até o fim do conflito, em 1945 — e tem como pano de fundo o

---

<sup>67</sup> O filme pode ser considerado controverso por abranger variados prismas de análise, suscitando tanto grandes elogios quanto críticas ferrenhas. As divergentes opiniões que a obra provoca, no entanto, não serão abordadas nesta pesquisa, visto que a afastam de seu objetivo. Pretende-se selecionar apenas os conteúdos que se articulam à noção de criatividade primária e de esperança na perspectiva winnicottiana.

Holocausto, tragédia que dizimou a vida de milhões de judeus, corroborada pelo governo fascista de Benito Mussolini, na Itália. Nesse contexto, revela-se a forte relação de amor de uma família, notadamente a de um pai com o filho, ao tentar protegê-lo a qualquer custo dos horrores de um campo de concentração nazista.

No filme, os ataques antisemitas aparecem aos poucos: primeiro, quando soldados invadem e reviram toda a casa de Guido, seguido pelo momento em que pintam o cavalo de seu tio com os escritos: “Atenção, cavalo judeu”. As práticas do nazismo, com o apoio do regime fascista italiano, vão se escancarando, como na cena em que diversas pessoas são retratadas espremidas dentro de um carro, entre elas, o protagonista e o filho, já com 5 anos.

Sem saber que estão a caminho de um campo de concentração em Berlim, na Alemanha, Giosué questiona ao pai para onde estão viajando. Guido responde que é uma surpresa planejada por meses em comemoração ao aniversário do garoto e, caso revele o destino, sua mãe ficará muito zangada.

Na chegada ao local, o homem pergunta ao menino: “Está contente? Viu só este lugar? Está cansado?”. Então, ele responde: “Sim, não gostei do trem”. Para se aliar ao mundo da criança, o pai afirma: “Também não gostei” e, em seguida, grita em tom de protesto: “Nós vamos voltar de ônibus! Com bancos! Já avisei”. Giosué, com o sentimento de quem foi compreendido, diz: “É melhor”, no que Guido replica: “Também acho. Viu quanta gente? Tem gente lá fora fazendo fila para entrar... furando a fila. Todos querem entrar”.

O espectador nota, pouco a pouco, o esforço do protagonista em preservar o filho que tanto ama do terror anunciado. Há uma visível tentativa de salvaguardá-lo da violência que estão começando a viver e que só tende a piorar.

Ao tentar compreender a realidade que lhe invade de forma tão cruel, o menino lança a seguinte questão: “Papai, me conta que jogo é este?”. O homem aproveita a ideia que o filho lhe ofereceu e responde: “Nós todos somos concorrentes, entendeu? É tudo organizado. Os homens ficam desse lado, e as mulheres ficam do outro. Há os soldados, e eles explicam os horários, só que tudo isso é difícil, não é fácil. Quando alguém erra, é mandado de volta para casa. É preciso ficar atento”.

Segundo ele, para ganhar o prêmio, o jogador precisaria ser o primeiro a alcançar mil pontos. Interessado, o menino pergunta qual é o prêmio, e o tio de Guido responde: “É um tanque!”. Apesar de recordar que já tem um, Giosué demonstra entusiasmo ao dizer: “É um tanque de verdade, novinho em folha!”. Depois dessa fala, a criança direciona um olhar mágico e enfeitiçado para o cenário ao redor.

De alguma forma, o pai consegue transformar uma realidade completamente aterrorizante e aflitiva em uma brincadeira leve e instigante para o filho. Em nenhum momento, Giosué sente o que está vivendo como algo traumático. Isso se deve à construção imagética de Guido, que serve de invólucro para a criança — tal qual a bolsa que envolve e sustenta o bebê no útero materno —, mas só existe porque ele oferece elementos para o menino criar a proposta do jogo, que, prontamente, é acolhida e elaborada.

Em determinada cena, soldados alemães entram no dormitório onde Guido e outros judeus estão alojados e perguntam quem sabe falar alemão para traduzir as regras do local para o grupo. Mesmo não conhecendo o idioma, o protagonista se dispõe a ser o intérprete e se posiciona ao lado de um dos soldados para ditar as “regras do jogo” ao filho, enunciando algo totalmente diferentes do que os militares estão falando:

Todo dia, anunciaremos a classificação naquele megafone! O último colocado levará um cartaz escrito “burro” nas costas! Nós fazemos o papel dos homens muito maus que gritam! Quem fica com medo perde pontos! Em três casos, perdem-se todos os pontos. Vai perder: 1. quem começar a chorar; 2. quem quiser ver a mamãe; 3. quem sentir fome e quiser merendinha! Podem esquecer! (A VIDA É BELA, 1997).

Seguindo a narrativa, o menino se mostra espantado ao mesmo tempo em que se diverte e ri da situação. O que torna a circunstância ainda mais interessante é o fato de que os outros judeus não interferem nem repudiam o jogo criado entre pai e filho. Em nenhum momento, desmentem; pelo contrário, até favorecem a criação do cenário.

Nesse sentido, tudo o que coloca o menino em risco de contato com o terror se transforma em uma atividade lúdica, uma outra realidade vivida entre pai e filho. Exemplo disso é o uniforme — com a numeração de prisioneiro que Guido carrega no peito, também marcada por queimaduras em sua pele — simbolizando o “cadastro” do protagonista no jogo. Ademais, a cena em que ele se arrasta ao carregar bigornas sob o calor extenuante de imensas caldeiras é transmitida para a criança como o trabalho necessário para construir o tanque da “premiação”.

Sempre que a realidade invade o menino de maneira abrupta, violenta e crua, e o jogo perde sua sustentação, o pai consegue criar um jeito de resgatá-lo, como é o caso da passagem em que menino profere: “Papai, este lugar é horrível, fede! Quero ficar com a mamãe! Estou com fome e eles são muito maus, gritam”. O homem responde ao filho que tudo é muito difícil porque o jogo é sério, e o prêmio, muito valioso e disputado — sendo essa a razão de os soldados precisarem ser tão duros. Quanto mais a guerra se intensifica do lado de fora do campo de concentração, mais as regras do jogo dos mil pontos se estreitam no lado de dentro.

Em outra circunstância, dominado pelo medo, o menino fala: “Eles fazem botões e sabão com a gente. Queimam a gente no forno. Um homem estava chorando e disse que vamos virar botões e sabão”. Guido não desiste. Toda objeção de Giosué é transformada em um novo elemento para que ele volte ao jogo. Dessa forma, o pai ri e insiste: “Queimam a gente no forno! Contam cada coisa para você! Botões, sabão, queimar no forno... vamos falar de coisas sérias. Amanhã, tenho uma corrida de saco com os maus”. Apesar de todo o esforço, a criança parece ter sido capturada pelo horror da realidade e reivindica: “Basta, papai! Quero voltar para casa”.

O pai, então, fica mobilizado, mas não desiste: “Está chovendo, você vai ficar com um febrão”, e o menino teima: “Não me importa! Vamos”. Em seguida, Guido argumenta que o tanque está novinho em folha, e eles já somam 687 pontos, estando muito próximos de vencer. Depois de lamentar bastante o fato de outra criança ganhar o prêmio que seria de Giosué devido à sua desistência, ele consegue fazer o menino voltar atrás e mudar de ideia. Imagens como essa passam a sensação de que o pai joga uma corda para que o filho a segure antes que caia de um precipício.

Numa cena em que caminha para voltar ao dormitório, o pai aparece visivelmente abatido, mas não titubeia na função de cuidar do filho, que adormece em seus braços ao escutá-lo dizer: “Isso, Giosué, durma. Tenha um sonho lindo. Talvez, seja tudo um sonho mesmo. Estamos sonhando, Giosué”. Enquanto nina o garoto, Guido se depara com um nevoeiro e logo percebe se tratar de centenas de corpos amontoados. Apesar do choque, algo parece tranquilizá-lo: seu filho descansa de olhos fechados, alheio a tamanha barbaridade.

O jogo fica mais difícil à medida em que o fim da guerra se aproxima. Nas palavras do pai, os soldados estariam furiosos, pois o menino seria o único participante com o paradeiro ainda desconhecido. Dessa forma, Guido convence Giosué a permanecer escondido o dia inteiro dentro de um armário abandonado no campo — caso alguém o visse, a dupla seria desclassificada. Conforme sua orientação, mesmo que ele demorasse para voltar, o menino deveria permanecer no esconderijo e somente sair quando tivesse certeza de não haver qualquer pessoa por perto. Deixando a criança no único espaço seguro, o homem acaba sendo capturado por soldados nazistas e é fuzilado.

Horas mais tarde, certificando-se de estar sozinho, o menino abandona o abrigo, sendo em seguida avistado por um tanque americano que anuncia o fim da Segunda Guerra Mundial. Ao perceber o imponente veículo, com os olhos arregalados e brilhando, Giosué exclama: “É verdade!”. O “prêmio” aparece quando o garoto segue as últimas instruções do pai. Ele

obedece a todas as regras para conseguir alcançar os mil pontos, e o jogo se cumpre. Na cena seguinte, já nos momentos finais do filme, a voz de um homem adulto surge ao fundo. “Essa é a minha história. O sacrifício que meu pai fez, o presente que ele me deu”, diz.

A seguir, algumas definições e ideias winnicottianas serão apresentadas no intuito de demonstrar de que forma, diante da barbárie do nazismo, o pai e a criança são capazes de sustentar os recursos do jogo, da criação e das esperanças quanto ao fim da guerra.

#### 4.1 AS RAÍZES DA CRIATIVIDADE PRIMÁRIA NA TEORIA WINNICOTTIANA: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PROCESSOS MATURACIONAIS E A ÁREA DE ILUSÃO DE ONIPOTÊNCIA

*Como é bom o instante de precisar que antecede o instante de se ter.*  
(Clarice Lispector)

Antes de adentrar no tema da criatividade, é prudente ressaltar que, na perspectiva winnicottiana, o início da vida é crucial para o desenvolvimento de diversos processos maturacionais. Ser, viver, criar e se relacionar não são dados a priori, mas são constituídos na relação da criança com o mundo.

A partir desse referencial, na concepção teórica produzida por Winnicott (1963, 1983), o bebê é um animal humano e ao nascer, encontra-se em um estado de *dependência absoluta*<sup>68</sup> em relação ao seu ambiente, pois é desprovido de qualquer capacidade de se sustentar física e/ou emocionalmente sem o outro. Apesar de depender completamente dos cuidados oferecidos, em geral, por um adulto capacitado para essa função, a criança não os concebe como vindos de fora. A circunstância em que o bebê necessita de algo que ele mesmo desconhece é entendida pelo autor como uma *dependência dupla*.

Isso quer dizer que um bebê só existe na presença de uma mãe, e uma mãe, por sua vez, só pode ocupar esse papel na presença do filho. Tamanho entrelaçamento resulta numa díade indissociável, ou, em outros termos, “não existe essa coisa chamada bebê (...); se decidirmos descrever um bebê encontrar-nos-emos descrevendo um bebê e alguém. Um bebê não pode existir sozinho, sendo essencialmente parte de uma relação” (Winnicott, 1979, p. 99).

---

<sup>68</sup> Ao longo desta seção, destacarei em itálico as ideias-chave do autor.

A princípio, o bebê e a mãe vivem em um estado de fusão. Nesse momento, o lactente ainda não possui a experiência de alteridade, ou seja, não reconhece a existência do outro. Quando os cuidados do meio externo são suficientemente bons, o seu ego<sup>69</sup> vai se tornando gradualmente mais maduro até iniciar a fase seguinte, a *dependência relativa*. Nela, a criança passa a ser capaz de suportar, de maneira não aniquiladora, o não-atendimento de suas necessidades e constitui, de forma incipiente, alguma percepção de objetos não-eu.

Por fim, há a etapa *rumo à independência*, que se dá porque os indivíduos são seres relacionais e precisam preservar um traço de dependência com o ambiente para se manter vivos. Isso quer dizer que o sujeito nunca chegará numa “independência absoluta”, podendo atingir tão somente um estado de autonomia considerável e obter a *capacidade de estar só*<sup>70</sup>.

O fator crucial para a criança realizar a passagem de um estado de desenvolvimento emocional para outro é a existência de um ambiente bem adaptado que reconheça e atenda, ativamente e com devoção, às necessidades do seu ser. Esse entendimento pode ser traduzido a partir da ideia de uma *mãe suficientemente boa*, a qual se dedica à função de ir ao encontro do que o bebê precisa, mesmo falhando em alguns momentos.

Em outros termos, na maioria das vezes, ela exerce com aptidão a sua *preocupação materna primária*<sup>71</sup>, um estado regredido de identificação e de extrema sensibilidade com o que o bebê carece. Desenvolvido ao longo da gravidez, chega ao seu ápice no período perinatal e vai diminuindo nas semanas seguintes ao parto (Winnicott, 1956a, 2021).

Se os primeiros momentos de vida acontecem de forma satisfatória, quando o ambiente não é intrusivo e favorece o sentimento de continuidade da existência do ser, o bebê experimenta a *ilusão de onipotência*<sup>72</sup>. Nesse estado, a criança concebe um senso subjetivo da realidade, como se o mundo tivesse sido criado por ela, tal como Deus, o todo poderoso. À

---

<sup>69</sup> Inicialmente, o bebê possui um ego, que é auxiliado pelo ego materno. Posteriormente, o “eu/sou” se constitui e passa a ter suas próprias necessidades, durante o processo de integração espaço-temporal do “eu” no processo maturacional. No entanto, nos pacientes divididos ou cindidos, a experiência do “eu”, da unidade, do “um”, não está presente, pois não conseguiu se desenvolver.

<sup>70</sup> Esse ponto pode ser esclarecido a partir do que descreve Mizrahi e Garcia (2007) sobre a maturidade emocional que um indivíduo pode alcançar: “o bebê, depois de internalizar o bom cuidado que lhe foi oferecido, pode apreciar momentos limitados de solidão, quando o objeto de fato não se faz presente, sem que venha a reagir perdendo a integração que foi alcançada. Essa última e mais sofisticada forma de estar só não se constitui, no entanto, numa capacidade autônoma e independente do contexto, mas pressupõe a introjeção do cuidado ambiental, cuja continuidade é fundamental” (p. 273).

<sup>71</sup> Essa condição não é restrita às mães biológicas, pois é, acima de tudo, uma capacidade de estar disponível ao outro com empatia e dedicação.

<sup>72</sup> Phillips (1988, 2006) afirma que, muitas vezes, o termo ilusão é descrito em referência a uma mentira, engano ou proteção de uma realidade dura, mas Winnicott utiliza a palavra em sua dimensão paradoxal, pois é somente pela ilusão que o indivíduo alcança a realidade (interna e externa).

medida em que suas necessidades são atendidas prontamente, o bebê sente possuir um controle mágico de tudo ao redor<sup>73</sup>. É uma condição necessária, pois é nesse ambiente favorável que a vida psíquica se estrutura (Rocha, 2007).

Tais vivências só podem ocorrer devido à função de escudo protetor que a mãe exerce para o filho, atenuando ou eliminando estímulos excessivos (sejam relativos a uma presença ou a uma ausência maciça dos objetos) que podem irromper da realidade externa. Isso possibilita que o bebê não precise lidar precocemente com objetos não-eu, ou seja, a ilusão de onipotência não é rompida antes da hora por iniciativa externa, e sim por um processo criativo do próprio bebê.

Se a mãe protege a continuidade do ser do bebê, seu desenvolvimento progride e os objetos com os quais ele se relaciona se tornam *objetos subjetivamente concebidos* ou *apercebidos*, os quais existem a partir de um tempo e espaço correspondentes às suas necessidades, como uma extensão de si.

Quando a dimensão da exterioridade se apresenta de forma não invasiva para o ser da criança, ela começa a se relacionar com os objetos objetivamente percebidos<sup>74</sup>, que só serão alcançados no tempo certo de sua maturidade emocional (FULGENCIO, 2011). No estado em questão, faz-se presente a mãe-objeto, já com contornos de diferenciação para o bebê.

Para que a noção da *concepção* mude para a de *percepção*, é necessário apresentar o mundo para o lactente a conta gotas, isto é, em doses toleráveis para o seu ego<sup>75</sup>. Relacionado a isso, Dias (2005) descreve como seria o “instante do precisar que antecede o instante do ter”, como consta na epígrafe deste tópico:

De que modo o cuidado materno introduz e mantém o bebê na área de ilusão de onipotência? A mãe evita que o bebê seja surpreendido com um sentido de realidade

---

<sup>73</sup> Para Abram e Hinshelwood (2018), baseados no texto *O mal-estar na cultura*, de Freud (1930, 1996), é um momento da vida que se aproxima da ideia do “sentimento oceânico”, um tipo de indissociabilidade eu-outro sem limites ou fronteiras, uma espécie de plenitude. O motivo de os indivíduos buscarem a religião seria a tentativa de retorno a essa experiência primitiva.

<sup>74</sup> No início, apesar da mãe-objeto já existir, o olhar do bebê para ela não indica uma relação objetal ou um estado de excitação, mas sim, um estado de tranquilidade com a mãe-ambiente. Esses dois processos são fundamentais para a experiência da criatividade, pois estão nas bases do ser. Se existisse apenas estados excitados, por exemplo, o estado tranquilo seria uma descontinuidade traumatizante.

<sup>75</sup> Abram (2000) pontua que, para Winnicott, o ego existe - ainda que de forma rudimentar - desde o começo da vida, apesar de só se estabelecer com o suporte do ego auxiliar oferecido pela mãe: "Para Winnicott, o ego é responsável por recolher as informações (as experiências externas e internas), organizando-as. Contudo, isto somente é possível se a mãe for suficientemente boa, já que inicialmente o ego do bebê é ela. Durante a fase de dependência absoluta, o estado de preocupação materna primária da mãe faz com que ela se constitua no suporte egoico necessário ao bebê por meio de sua adaptação às necessidades dele" (p. 119). Nesse oferecimento de amparo para o ego do bebê se formar, a mãe dá condições para o desenvolvimento e crescimento da saúde psíquica do lactente.



para o qual ainda não está preparado. Ela o protege, portanto, da irrupção de qualquer amostra da realidade externa, incompreensível para ele, e impossível de ser abarcada no âmbito de sua onipotência. Devido a sua extrema imaturidade, o bebê só pode fazer experiências, sentidas como reais, no único sentido de realidade para o qual está preparado: o do que é subjetivo. Nesse mundo, tudo o que chega ao bebê deve ter o caráter de objeto subjetivo, ou seja, em resposta a seu movimento ele encontra o objeto, de tal modo que tem o sentimento de ter criado o que precisa. O objeto chega no momento exato em que a necessidade aponta, sendo do tamanho exato de sua possibilidade de receber e assimilar como parte dele, naquele preciso instante (DIAS, 2005, p. 42).

O caminho para isso acontecer é percorrido quando as tensões instintuais amorosas e a agressividade<sup>76</sup> do bebê – nomeadas, respectivamente, como vitalidade e motilidade – são acolhidas pelo ambiente. Quando a mãe deixa o seio disponível, por exemplo, a criança realiza o *gesto espontâneo* de ir ao encontro do leite materno, sinalizando que sente fome. Ao identificar essa necessidade, a cuidadora faz o movimento de alimentá-lo. Igualmente importante é a ação de retirada do seio, pois é necessário reconhecer quando o bebê está satisfeito para interromper a amamentação.

De acordo com Dias (2005), no momento de dependência absoluta, a sobreposição de ambas as experiências, o que vem de fora e o que vem de dentro, oferece as condições necessárias para a manifestação da *criatividade primária*, até então em estado latente. Esse conceito trata de um “impulso inato que se dirige à saúde” (Abram, 2000, p. 84).

É somente quando o bebê concebe o objeto, devido à sua necessidade, que a mãe o torna real, ao apresentar e oferecer para o filho criar e encontrá-lo. De algum modo, a mãe (ou uma parte dela) se movimenta de um canto para o outro, sendo o que o bebê consegue descobrir, ao mesmo tempo em que se mantém sendo ela mesma, para que um dia possa, também, ser descoberta (Winnicott, 1971, 1975). Quando esse transcurso acontece repetidas vezes, o bebê sente a segurança de que pode esperar pelo objeto, porque sabe que ele vai chegar, então acontece um movimento do seu próprio mundo para o contato com a realidade externa (Phillips, 1988, 2006). Nas palavras de Winnicott (1999b), o referido processo é descrito da seguinte forma:

É preciso dizer que o bebê cria o seio, mas não poderia fazê-lo se a mãe não estivesse ali e naquele momento. O que é comunicado ao bebê é: Venha ao mundo criativamente. Crie o mundo. É apenas aquilo que você cria que tem significado para você. Posteriormente é acrescentado: Você controla o mundo. A partir desta

---

<sup>76</sup> Essa vivência primária inclui a impossibilidade de preocupação com o outro, devido à falta de reconhecimento da alteridade, o que fez Winnicott declarar que, nesse estado precoce, o bebê apresenta um amor primitivo ou cruel, pois o infante usa a mãe para o seu próprio crescimento, mesmo sem saber que o faz. Essa circunstância exige que o ambiente suporte e sobreviva aos impulsos do bebê, pois não se trata de uma violência intencional, mas do movimento para a vida, ligado às raízes da criatividade (PHILLIPS, 1988, 2006).

experiência de onipotência inicial o bebê torna-se capaz de poder experimentar a frustração e até mesmo de um dia chegar ao outro extremo da onipotência, ou seja, de adquirir um sentimento de ser uma gota d'água do oceano, um oceano que já existia antes mesmo dele ser concebido por pais que tinham prazer um com o outro. Não é sendo Deus que os seres humanos adquirem a humildade tão peculiar à individualidade humana? (WINNICOTT, 1999b, p. 90).

É necessário, portanto, começar a vida sendo Deus, criando o próprio mundo, para, depois, tornar-se humano e adquirir condições de viver na realidade concreta, pois é quando o bebê cria o seio que ele cria a si mesmo. A criatividade originária permite essa transição e, apenas por meio dela, pode-se conquistar a capacidade de ser e continuar sendo. É originária porque está ligada ao nascimento, aos fatores herdados e à tendência inata à integração, ou seja, ao impulso de amadurecer devido à disposição da natureza humana para o desenvolvimento do ser<sup>77</sup>.

A criatividade primária é um potencial inato e a força motriz por trás de todo o amadurecimento emocional. Ela se manifesta no gesto espontâneo do bebê, mas quando essa expressão se transforma em ação e se realiza, a partir do suporte ambiental, do encontro e interação recíproca entre mãe e bebê, torna-se uma experiência que funda outras.

Nesse processo, o bebê confia em si, no seu gesto e amplia o seu mundo, o que favorece o alcance de um status unitário do desenvolvimento pessoal, um estado de integração que permite o crescimento e, com isso, o sentir-se real e o estar vivo. É a criatividade primária que possibilita a constituição do “eu sou, este sou eu, eu existo, sou eu quem ama e odeia, sou eu quem as pessoas veem e que eu vejo no rosto da mãe quando ela vem, ou no espelho” (Winnicott, 1999a, p. 150).

Articulando essas ideias iniciais ao enredo do filme *A vida é bela* (1997)<sup>78</sup>, percebemos que Giosué, ao perguntar para Guido “que jogo é este?”, realizou um gesto espontâneo e concebeu um objeto do qual precisava, que logo foi acolhido pelo pai, sendo em seguida ampliado, enriquecido e reoferecido para o menino como o jogo dos mil pontos. Esse objeto só pôde ser criado porque o pai estava ali para fazer o filho encontrá-lo, ou seja, a sua constituição se deu na sobreposição da realidade da criança com a do pai, mesmo com a guerra acontecendo ao redor.

---

<sup>77</sup> Isso faz com que a criatividade primária não seja diretamente um produto da sublimação, da reparação ou dos impulsos instintivos (embora possa coexistir em um momento excitado deste último), mas é um potencial prévio que faz parte da condição humana e que é a fonte para as futuras reparações reais e genuínas.

<sup>78</sup> Daniel Kupperman (2016) realizou, brevemente, em uma comunicação oral, na disciplina “Psicanálise: Klein, Winnicott e Bion” da pós-graduação do IPUSP, a articulação entre o enredo do filme com a noção de criatividade primária. A sua ideia foi utilizada como gancho para destrinchar as discussões deste capítulo.

O jogo, como sobreposição das realidades interna e externa, serviu de anteparo, como uma película protetora para as necessidades da criança diante de seu contexto, sendo-lhe oferecido apenas aquilo que estava dentro da sua ilusão de onipotência ou, em outros termos, dentro de sua capacidade de compreensão. Um garotinho de 5 anos não teria condições maturacionais de entender o que era um campo de concentração, a razão de ele existir e a ameaça que representava à sua vida. Sem saber, o menino dependia dessa construção lúdica do jogo que o fazia desconhecer a brutalidade do nazismo, sendo Guido a sua capa protetora frente a uma exterioridade oculta.

Assim, a função desse pai, tal como a de uma mãe suficientemente boa, foi de sustentar e favorecer a criatividade primária da criança ao permitir que ela criasse e encontrasse o objeto a despeito do que estava acontecendo na realidade externa. O crucial, nesse caso, foi a presença do pai não violar o ser da criança, independentemente do que ocorria ao redor deles, protegendo-o da experiência de estar no campo de concentração. Quando, por exemplo, o tanque apareceu no final do filme, o objeto surgiu no instante da sua necessidade, de uma forma que Giosué poderia aceitar e assimilar como algo criado por ele. Por não o ter percebido como vindo de fora, o objeto não agrediu o seu ser. Assim, a ilusão de onipotência da criança se realizou, como se ela fosse Deus e tivesse o domínio do mundo, em razão do jogo constituído ao longo da trama.

A Teoria de Schopenhauer, utilizada por Guido em diversos momentos, possui o mesmo viés, pois se ampara na ideia de que a realidade se adequa e confirma aquilo que é imaginado e desejado, como se o ambiente estivesse de prontidão para atender os anseios de quem a joga. Este é o pano de fundo do filme: o que vem de fora ganha um sentido pessoal, no qual o indivíduo não precisa se defender e o ser não é violado.

Na tentativa de deixar a discussão mais elucidativa, acrescente-se o exemplo de um recorte clínico no qual uma criança sugere, por outro vértice, a ilusão de ter sido Deus e ter criado o mundo. O garoto, à época com 4 anos, iniciou a terapia para poder lidar com a separação dos pais. Em determinada sessão, esta autora recapitulou a história da criança, suscitando uma conversa sobre o contexto do seu nascimento, inclusive sobre o desejo e o planejamento dos pais para gerá-lo, no que o garoto questionou: "Meus pais existiam antes de eu nascer?".

A presença dessa dúvida indica que o garoto assumiu que os pais foram criados por ele. Caso não tivesse concebido dessa forma, haveria o indicativo de vivência em um ambiente intrusivo, no qual o princípio da realidade poderia ter sido apresentado antes do momento

adequado, quando a criança ainda não tinha ferramentas internas para suportar tamanha ruptura.

Claro que o mundo é repleto de objetos e ideias antes de cada nascimento, mas, de alguma forma, o ambiente que acolhe uma criança recém-nascida deve propiciar o seu encontro com aquilo que ela cria, e essa criação deve se ligar a um objeto que é real e que já estava lá: é muito mais o caso de um bebê estender a mão e o objeto estar lá para que ele possa usá-lo e gastá-lo do que ele precisar pedir para recebê-lo (Winnicott, 1970, 2011). Assim, o bebê só sente que criou o seio quando esse seio, paradoxalmente, se apresenta para ser descoberto num movimento propiciador de saúde psíquica. A partir de outra metáfora do autor, é possível reunir mais elementos a fim de compreender a importância do ambiente para a experiência da criatividade primária:

Tentando encontrar uma analogia, vi um bulbo de jacinto a ser plantado em uma tigela. Pensei: há um odor maravilhoso trancado naquele bulbo, embora soubesse, naturalmente, não existir um lugar no bulbo em que o odor se ache trancado. A dissecação do bulbo não proporcionaria, a quem a fizesse, a experiência de uma fragrância de jacinto, se o lugar apropriado estivesse por ser alcançado. Apesar disso, existe no bulbo um potencial que acabará se tornando um perfume característico, quando a flor se abrir (WINNICOTT, 1965a, 1994, p. 99-100).

A analogia citada ilustra como o ambiente no qual o bulbo de um jacinto se desenvolve (com iluminação, temperatura e irrigação adequadas, por exemplo) pode favorecer seu crescimento para que se torne a flor que exala uma agradável fragrância. Em contrapartida, ele pode ocasionar a sua morte, caso a potência desse crescimento sofra graves e intensas interferências, a exemplo de uma planta que se adapta melhor ao sol ser submetida a um local de sombra. Enquanto ser vivo, a planta dá sinais, vai ficando seca, as folhas vão amarelando e caindo e, caso esses apelos de cuidado não sejam escutados pelo ambiente, ela se desintegra aos poucos e regride no seu ímpeto para a vida. Isso acontece, também, com uma criança que não é cuidada suficientemente bem no início da vida.

Apesar de o indivíduo possuir uma força inata e integrativa para o amadurecimento, esse elemento só pode se tornar um aspecto essencial da personalidade se, assim como as plantas, estiver num ambiente cuidadoso e receptivo. Nele, o bebê é manipulado, banhado, aquecido, ninado e chamado pelo nome (Winnicott, 1945, 2021, p. 289). Se acolhida dessa maneira, a criança se desenvolve como uma organização em marcha a partir de sua *centelha vital*<sup>79</sup>, tal

---

<sup>79</sup> A centelha vital e o impulso para a vida de cada indivíduo, o que inclui crescer e se desenvolver, são “uma parcela do próprio bebê, algo que é inato na criança e que é impelido para frente de um modo que não temos de compreender” (Winnicott, 1979, p. 29).

como o bulbo de um jacinto, que é uma fagulha, o luzir, o cintilar de uma potência que espera um bom encontro para desenvolver a vida.

Sobre o que foi tratado até agora, é possível resumir que a forma da mãe apresentar o mundo ao bebê faz com que ele construa um senso subjetivo da realidade externa, favorecendo-o a possuir um modo espontâneo e criativo de se relacionar com a vida. Desse modo, tudo o que faz parte do mundo será concebido por ele a partir de um sentido singular, característica daquilo que é real e verdadeiro nas comunicações humanas, pois “no viver criativo você ou eu pensamos que tudo aquilo que fazemos fortalece o sentimento de que estamos vivos, que somos nós mesmos” (Winnicott, 1970, 2011, p. 28).

Caso esse tipo de encontro harmônico entre bebê e ambiente não ocorra, o indivíduo vai construir uma forma de ser em oposição à criatividade primária, que se trata da submissão. Nesta, ele aparelha em si um falso *self* patológico ao invés de um verdadeiro *self*. Tais aspectos serão discutidos a seguir.

#### 4.2 O AVESSO DA CRIATIVIDADE: NOTAS SOBRE A SUBMISSÃO E O FALSO *SELF* PATOLÓGICO

A criatividade primária, elucidada há pouco, difere dos casos em que o bebê se constitui a partir de uma reação defensiva em relação às falhas contínuas e precoces do ambiente. Winnicott (1964, 2011) afirma que, quando isso ocorre, o ego se deforma e se adequa excessivamente às exigências que provêm da realidade externa. Assim, um falso *self* patológico<sup>80</sup>, não espontâneo e irreal, é construído para proteger e defender o verdadeiro *self*, o qual só pode existir como consequência da experiência de ser, da continuidade de um si mesmo.

O autor fundamenta suas construções na premissa de que “para ser criativo, um indivíduo precisa existir e sentir sua própria existência”. No entanto, essa percepção não se origina de

---

<sup>80</sup> O termo “patológico” é enfatizado aqui, pois Winnicott (1960) argumenta que existem diferentes graus de falso *self*. Ele propôs uma classificação do falso *self*, que varia desde os mais prejudiciais até o que seria considerado um falso *self* saudável. Na sanidade (ou próximo a ela), a socialização sem um falso *self* é impossível. Contudo, nestes casos, o falso *self* é poroso; ele esconde e protege o verdadeiro *self*, mas ainda permite expansões criativas, pois o verdadeiro *self* não está aprisionado. Pode-se dizer que o falso *self* patológico tem uma “pele” espessa, enquanto o saudável tem uma “pele” fina. Diante disso, o falso *self* que vamos discutir ao longo de toda a dissertação refere-se ao patológico.

uma consciência perceptiva, mas sim de uma posição fundamental para a existência do ser. (Winnicott, 1970, 2011, p. 23).

Winnicott (1960a, 1983) explica que, nos casos de falso *self* patológico, há uma espécie de cisão na personalidade, em que uma parte verdadeira está secretamente oculta das invasões por uma mente que ficou separada do psicossoma. É o caso de muitos indivíduos que possuem uma grande aptidão intelectual: a mente acaba sendo o lugar no qual o falso *self* se aloja. Para o autor, naqueles que apresentam tal patologia, é possível identificar obstruções no envolvimento emocional consigo mesmo e com os outros, ou seja, existe uma dificuldade de estabelecer relações genuínas, e os indivíduos são orientados por uma conveniência burocrática como forma possível de estar no mundo.

No sentido contrário, o verdadeiro *self* é um potencial herdado, uma tendência inata, e, dele, origina-se o gesto espontâneo do bebê. Mesmo em situações extremas, quando se encontra ameaçado de aniquilamento, é interessante notar que o *self* verdadeiro apresenta grande potencial para emergir caso encontre um ambiente de cuidado que o acolha na sua completude, não apenas nas partes defensivas e que estão adaptadas ao meio social, como no *falso self* patológico. Essas ideias são elucidadas a partir da seguinte construção:

A mãe suficientemente boa alimenta a onipotência do lactente e até certo ponto vê sentido nisso. E o faz repetidamente. Um *self* verdadeiro começa a ter vida, através da força dada ao fraco ego do lactente pela complementação pela mãe das expressões de onipotência do lactente. A mãe que não é suficientemente boa não é capaz de complementar a onipotência do lactente, e assim falha repetidamente em satisfazer o gesto do lactente; ao invés, ela o substitui por seu próprio gesto, que deve ser validado pela submissão do lactente. Essa submissão por parte do lactente é o estágio inicial do falso *self*, e resulta da incapacidade da mãe de sentir as necessidades do lactente (WINNICOTT, 1960a, 1983, p. 133).

O relacionamento com o mundo baseado no falso *self* patológico é passivo e se opõe à criatividade, isto é, à alegria de viver, à saúde mental e à construção de relacionamentos reais. Uma vida não criativa faz com que o indivíduo seja dominado pela futilidade e por um sentimento de falsa existência, como se nada importasse ou fizesse sentido.

Essa problemática é decorrente de uma falha no atendimento do gesto criativo do bebê, apesar dele continuar existindo e permanecer latente, mas nunca realizado. Esse *self* fica impossibilitado de se desdobrar no tempo, pois não se sente como ele mesmo e que criou o mundo. Portanto, é necessário existir um outro para que a criatividade aconteça, se concretize e seja experienciada.

Winnicott (1970, 2011) utiliza a analogia do senhor e do escravo para descrever essa disfunção. Nela, o escravo nada tira de sua experiência, pois vive no estado de submissão,

com a vida nas mãos da autoridade que o explora. Como perceber o mundo com fascínio quando se está na posição de viver sob constante ameaça, tensão e medo na relação com o outro, na qual se impera a primazia da sobrevivência, e não a do viver? O trabalho exercido por Guido e outros judeus no campo de concentração, por exemplo, nada tinha de criativo, pois as atividades realizadas estavam sob o esteio da submissão.

É através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação. A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à ideia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida. Muitos indivíduos experimentaram suficientemente o viver criativo para reconhecer, de maneira tantalizante, a forma não criativa pela qual estão vivendo, como se estivessem presos à criatividade de outrem, ou de uma máquina (WINNICOTT, 1971, 1975, p. 95).

A insubmissão, em contrapartida, estaria ligada às raízes da agressividade e do desenvolvimento e, conseqüentemente, da criatividade. Submeter-se à arbitrariedade de um líder ou carrasco pode denotar, também, a dificuldade de lidar com os próprios impulsos, necessitando da figura de um tirânico que dome os elementos agressivos não-integrados. Sobre isso, Phillips (1988, 2006) contribui dizendo que: “da mãe dominadora ao analista doutrinador, esta figura da presença rígida, impositora, expropriadora frequenta a obra de Winnicott como um ideal negativo, o sabotador do desenvolvimento pessoal” (p. 103).

No caso do personagem Giosué, em nenhum momento o pai impôs a dura realidade da guerra para ele, nem fez as suas necessidades se sobreporem às do garoto — muito pelo contrário, Guido servia como suporte para sustentar o ego frágil da criança. Isso fez com que o menino não fosse submetido a uma autoridade que explora, como a figura dos soldados nazistas, e sim às regras do jogo que faziam sentido e estavam dentro da sua ilusão de onipotência, de tal modo que a realidade, ao invés de impor um caráter de submissão, propiciou o seu impulso para a vida.

Quanto aos indivíduos com o falso *self* patológico como defesa, há a possibilidade de se tornarem artistas e realizarem processos e atos criativos, porque isso não necessariamente corresponde ao viver criativo que faz o indivíduo ser ele mesmo, existir e sentir-se real. A diferença entre essas duas questões vai ser tratada na próxima seção.

### 4.3 NEM TUDO É O QUE PARECE: A DIFERENÇA ENTRE PRODUZIR ATOS CRIATIVOS E TER UMA VIDA CRIATIVA

A criatividade primária nem sempre está ligada ao campo da arte criativa na vida de um artista, ou seja, a habilidades, talentos e dons exercidos na elaboração de obras de artes (quadros, livros, músicas, esculturas, dentre outros). Ela corresponde, na verdade, ao fato de a realidade externa ser, para o indivíduo, um fenômeno subjetivo e pessoal que se relaciona ao estar e ao sentir-se vivo.

A partir disso, Winnicott (1971, 1975) delimita a diferença entre o que é um ato criativo e a proposição universal de uma vida criativa, compreensão que o leva a concluir que um artista, ao produzir uma gama de objetos, pode não viver criativamente. A criatividade se dá a partir da capacidade de ser e do sentimento que a vida vale a pena ser vivida, por conseguinte seu conceito difere bastante do ofício do artista:

Na busca do eu (*self*), a pessoa interessada pode ter produzido algo valioso em termos de arte, mas um artista bem-sucedido pode ser universalmente aclamado e, no entanto, ter fracassado na tentativa de encontrar o eu (*self*) que está procurando. O eu (*self*) realmente não pode ser encontrado no que é construído com produtos do corpo ou da mente, por valiosas que essas construções possam ser em termos de beleza, perícia e impacto. Se o artista através de qualquer forma de expressão está buscando o eu (*self*), então pode-se dizer que, com toda probabilidade, já existe um certo fracasso para esse artista no campo do viver geral criativo. A criação acabada nunca remedia a falta subjacente do sentimento do eu (*self*) (WINNICOTT, 1971, 1975, p. 90).

Sendo assim, uma atividade não pode ser considerada criativa *per se*, apenas quando é experienciada no viver criativo, que preserva a ilusão e a criação do indivíduo no mundo. Winnicott (1970, 2011) ajuda a elucidar esse ponto ao refletir sobre pessoas que trabalham limpando o chão. Em um primeiro momento, podemos entender esse ofício como tedioso, pois aparentemente exige menos habilidade intelectual, ou melhor, exige uma intelectualidade fora da experiência do ser, o que poderia denunciar “uma área cindida da experiência imaginativa” (p. 27). No entanto, essa atividade pode ser realizada criativamente caso seja vivenciada de maneira prazerosa e sem aborrecimentos. Produzir uma “lambança” com a água, por exemplo, pode fazer com que a pessoa se identifique com a criança criativa que adorava se sujar no passado<sup>81</sup>.

---

<sup>81</sup> Clare Winnicott (1989, 1994) menciona um dado biográfico da família Winnicott, no qual em determinado dia, quando a caixa d'água do telhado havia vazado, deixando a casa relativamente inundada e com vários prejuízos, todos que estavam presentes se divertiram e brincaram com a situação, ao invés de ficarem



Winnicott (1900) afirma que, para criar uma experiência artística genuína, é necessário unir aspectos subjetivos e objetivos em uma região compartilhada, na qual o mundo vai oferecer aquilo que o indivíduo cria. Se houver o esmagamento do mundo externo sobre o interno, acontece o estado de submissão e o falso *self* patológico; já nos casos em que o indivíduo busca impor a sua realidade interna ao mundo, teríamos a loucura, presente nos quadros psicóticos.

Para ser um artista criativo, deve-se tornar compreensíveis para o mundo os próprios fenômenos secretos e a vivacidade pessoal. A princípio, essa trama estaria desprovida de sentido para o outro, mas resguardaria inúmeros significados para si mesmo. Caso contrário, um pintor, ao criar um quadro de maneira não criativa, equivaleria a uma planta artificial, que aparentemente é de verdade, mas não possui uma vida interior. A partir dessas diferenças na produção de obras de artes, o autor reflete que há dois tipos de artistas:

Um deles trabalha primeiramente a partir do falso *self*, aquele que, com extrema facilidade, produz uma representação exata de uma amostra da realidade externa. O artista utiliza essa habilidade, e em seguida ocorre a tentativa do verdadeiro *self* no interior do artista de relacionar esta primeira impressão exata aos fenômenos brutos que constituem a vivacidade dentro do verdadeiro *self* secreto. Se for bem-sucedido, o artista não apenas produziu algo reconhecível por outros, mas também algo que é característico do seu verdadeiro *self*; o produto final tem valor porque podemos apreciar a luta que se travou dentro do artista para aproximar elementos originalmente tão separados (WINNICOTT, 1990, p. 86).

Dessa forma, o impulso criativo é necessário para um artista ou qualquer indivíduo que se volta de forma saudável para uma atividade no mundo. Na perspectiva de Winnicott (1971, 1975), desde um bebê que respira, até o *insight* de um arquiteto que elabora um projeto e pensa nos materiais necessários para construí-lo, pode ser criativo: "um quadro, uma casa, um jardim, um vestido, um penteado, uma sinfonia ou uma escultura; tudo, desde uma refeição preparada em casa" (p. 112), bem como "uma sujeira com fezes ou o prolongar do ato de chorar como fruição de um som musical" (p. 114).

Recapitulando sobre os processos que discutimos acerca da criatividade primária, resalto a etapa da dependência absoluta e do cuidado suficientemente bom do ambiente como condições para ocorrerem os processos de ilusão. Se tudo vai bem, depois disso, o bebê renuncia o controle de onipotência vivido e experimenta um estado de desilusão, ao reconhecer a independência do mundo externo. Dentro disso, os fenômenos e objetos transicionais se tornam uma forma de substituição da experiência de ilusão, que pode ser

---

aterrorizados e irritados, o que denota a possibilidade de sermos criativos mesmo em atividades e acontecimentos simples do dia a dia.

recriada e reencontrada, continuamente, nas experiências culturais<sup>82</sup>. Vamos discutir sobre esses elementos simbólicos no desenvolvimento maturacional em seguida.

#### 4.4 A RELEVÂNCIA DOS FENÔMENOS E OBJETOS TRANSICIONAIS: OS PRIMEIROS USOS DA ILUSÃO

*Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade.*

*(Clarice Lispector)*

Explicitamos no tópico sobre a criatividade primária que, depois do estado de dependência absoluta, em que a mãe se devota absolutamente para as necessidades do bebê, há o alcance da dependência relativa. Nesse ponto, gradativamente, o adulto cuidador começa a atender, cada vez menos, as demandas do lactente, pois agora há uma possibilidade de a criança tolerar, minimamente, as falhas e frustrações vividas. Com isso, o processo de desilusão tem início, mas lembrando que só deve acontecer depois do bebê ter sido muito iludido no seu controle onipotente.

Para Winnicott (1971, 1975), esse é um momento em que a realidade externa começa a ser minimamente reconhecida e aceita. Devido a isso, o bebê começa a ter esboços de diferenciação entre eu e não-eu, na medida em que começa a sair do autoerotismo (uso do punho, dedos ou polegar) para se voltar aos objetos do mundo, que se tornam a sua primeira posse (ursinho, paninho, brinquedo ou até mesmo uma palavra, melodia, etc.).

No período desses acontecimentos, há a construção, mesmo que incipiente, de uma autonomia: é o tempo de desabrochar do eu. A criança, agora, está aprendendo a contar até dois, o mundo não é só um<sup>83</sup>, não se resume apenas ao bebê enquanto “Deus”. É quando a onipotência vai ficando em segundo plano que, assim como Deus, espera-se que o bebê se satisfaça no sétimo dia e descanse (Winnicott, 1970, 2011). Assim, ele começa a perceber que o mundo estava lá antes de ele ter nascido e continua existindo para além da sua experiência de concebê-lo.

---

<sup>82</sup> Dias (2005) reforça a ideia de que o processo de desilusão não significa a quebra da ilusão, mas sim, o atravessamento da onipotência, pois a ilusão permanece presente a partir dos seus substitutos: os fenômenos e objetos transicionais.

<sup>83</sup> Mezan (2018) discute sobre a diferença entre inveja e ciúme e utiliza a metáfora de que o invejoso só consegue contar até o número dois, fazendo referência à relação dual do bebê com a mãe. Enquanto o ciumento inclui um terceiro na cena, conseguindo contar até o número três. Essa analogia foi utilizada para pensar a transição da dependência absoluta para a relativa no desenvolvimento maturacional do bebê, no que concerne à percepção do outro como diferenciado de si.

Nessa vivência inicial que se dá entre o si mesmo e o outro, uma área intermediária da experiência é criada, um espaço *entre* as dimensões surge, em que "as realidades encontram-se e separam o interior do exterior" (Abram, 2000, p. 253). Esse movimento de aproximação e distanciamento possibilitam a criação do *espaço potencial* ou *fenômeno transicional*, que abarca os objetos transicionais. O desenvolvimento dessa área, na relação do bebê com o objeto (no caso, a mãe ou uma parte dela), está assentado na criatividade primária<sup>84</sup> e não tem garantias de existir, por isso é "hipotética", mas geralmente ocorre durante a fase final de estar fundido até o início do repúdio do outro como não-eu, o qual tem início por volta dos quatro e seis aos oito e doze meses de vida:

Introduzi os termos 'objetos transicionais' e 'fenômenos transicionais' para designar a área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi introjetado (WINNICOTT, 1971,1975, p. 11).

Nesse processo, o uso do objeto transicional é uma forma de possessão original do 'não eu' com base no eu, um momento de transição do estado de fusão para o de separação que o bebê vive em relação à mãe, ao entender que ela não é uma parte de si mesmo. Winnicott (1971, 1975) relata que, por representar uma experiência de separação, o objeto transicional se torna uma parte do corpo do bebê e da mãe. Ele é e não é a mãe, o que faz estabelecer um paradoxo que não deve ser refutado, mas sim, aceito e tolerado. Esse objeto torna possível um trânsito livre e criativo entre a experiência de ilusão e a desilusão, entre o mundo do bebê e a percepção objetiva do mundo externo, por isso, ele é carregado de valor e significado.

Caso a criança não obtenha a conquista da transicionalidade com a ajuda de um ambiente suficientemente bom, nos casos, por exemplo, em que os objetos transicionais são retirados antes do tempo ou quando a passagem do uso do polegar para o uso de paninhos e ursinhos de pelúcia não se efetiva, dificuldades do ponto de vista emocional podem ser criadas, como acontece nos casos de adicção (Gurfinkel, 2022)<sup>85</sup>.

---

<sup>84</sup> A transicionalidade requer que outras experiências, como a criatividade e a primeira troca de mutualidade, ocorram previamente, mesmo que o bebê não tenha consciência ou percepção disso. Todas as demais experiências precisam se desdobrar ao longo do tempo para serem integradas e conquistadas no processo de desenvolvimento.

<sup>85</sup> Em linhas gerais, Gurfinkel (2022) parte do pressuposto que os casos de adicção refletem a impossibilidade que o indivíduo teve, ao longo do seu desenvolvimento, de realizar a passagem do estado de dependência absoluta em relação à mãe, para conseguir se ligar a outros objetos do mundo, na dependência relativa. Assim como suas necessidades eram completamente aplacadas pelo corpo da mãe, acontece o mesmo com o uso de drogas, o sexo e compras compulsivas etc., sendo constituída uma fixação nesses objetos, como se apenas eles pudessem suprir e satisfazer o que o indivíduo precisa.

De maneira oposta, quando tudo ocorre de maneira satisfatória, gradualmente, os objetos transicionais perdem o sentido e são desinvestidos pela criança para serem relegados ao limbo (Winnicott, 1971, 1975). Isso acontece porque os fenômenos transicionais, que são representantes secundários da ilusão de onipotência, se difundem para todas as áreas da cultura, incluindo o brincar (que engloba o humor dos adultos), a religião e o sonhar, desse modo, com base na criatividade primária: “Há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado, e deste para as experiências culturais” (p. 86). Desse modo, sem a ilusão nos indivíduos, não haveria arte, teatro, literatura e muito menos a psicanálise. É com essa realidade compartilhada que se cria uma partilha de ilusões entre os indivíduos no meio social<sup>86</sup> (Dias, 2005).

Derivado dessa ilusão primária, o brincar é considerado como universal, natural e, dentre outras coisas, favorece que o indivíduo lide com a própria agressividade, ansiedade, experiência do *self*, integração, se relacione e construa amizades (Abram, 2000). É o brincar espontâneo – diferentemente do brincar compulsivo ou repetitivo – que possibilita o alcance desses elementos, na medida que está ligado à criatividade primária. Nele, encontramos uma dimensão do sonho e do jogo que produz criações, transformações e expansão da capacidade simbólica (Boraks, 2008).

Uma criança que brinca sozinha ou com outras crianças, usando sua imaginação e sentindo prazer, está no caminho para um desenvolvimento saudável. Essa experiência a ajuda a se relacionar melhor com os outros, enriquecendo sua vida e criando uma identidade própria. Ela se torna um ser humano completo, desejado por ser quem é e acolhido pelo mundo como alguém livre (Winnicott, 2016), sendo assim: “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)” (Winnicott, 1971, 1975, p. 89).

A partir da terceira área da experiência, que inclui o brincar, a tensão entre a realidade interna e externa é apaziguada, visto que essa zona intermediária não é posta em dúvidas nem refutada pelo meio social. De alguma forma, o mundo cultural dá sustentação para a manutenção do espaço potencial, assim como ocorreu na brincadeira criada entre Guido e Giosué, especificamente na passagem em que os outros judeus do alojamento não repudiaram

---

<sup>86</sup> No desenvolvimento mais complexo desses termos, encontramos o simbolismo: “quando o simbolismo é empregado, o bebê já está claramente distinguindo entre fantasia e fato, entre objetos internos e objetos externos, entre criatividade primária e percepção” (Winnicott, 1971, 1975, p. 17).

a construção lúdica dos protagonistas, tanto não interferindo no jogo, quanto até mesmo favorecendo que a brincadeira seguisse, como foi o caso do amigo Bartolomeo. Em nenhum momento ninguém contestou e deslegitimou o jogo dos mil pontos alegando ser uma mentira, apenas permitiram que a dupla vivenciasse aquela realidade<sup>87</sup>. Foi nesse espaço potencial, no compartilhamento entre o fora e o dentro, criado entre pai e filho no filme, que se deu o brincar espontâneo. Isso ajudou ambos a lidar com uma realidade que estava imersa na atrocidade.

Vimos que todos os elementos discutidos até então – a criatividade primária, a ilusão de onipotência, os fenômenos transicionais e o brincar – se dão a partir de diversas situações que o bebê vive no início da vida. Diante disso, agora vamos adentrar no campo da esperança e discutir até que ponto esse fenômeno se aproxima ou se afasta dos outros já citados.

---

<sup>87</sup> Esse é, em certa medida, o papel do pai diante da díade mãe-bebê nos momentos iniciais: ser o terceiro que favorece a criatividade primária entre a dupla.

## 5. A TEMÁTICA DA ESPERANÇA A PARTIR DO ARCABOUÇO TEÓRICO WINNICOTTIANO

*Ouve o barulho do rio, meu filho  
Deixa esse som te embalar  
As folhas que caem no rio, meu filho  
Terminam nas águas do mar  
Quando amanhã por acaso faltar  
Uma alegria no seu coração  
Lembra do som dessas águas de lá  
Faz desse rio a sua oração  
Lembra, meu filho, passou, passará  
Essa certeza, a ciência nos dá  
Que vai chover quando o sol se cansar  
Para que flores não falem  
Para que flores não falem jamais*  
(Marisa Monte, Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Seu Jorge)

### 5.1 A ESPERANÇA E O VIVER CRIATIVO

A partir das ideias do capítulo anterior, pretende-se discutir como a esperança está substancialmente atrelada aos desenvolvimentos primitivos já descritos, em especial, *a criatividade primária*. Para entender de que forma esse entrelaçamento ocorre, é preciso retomar esse tema a partir da imagem da amamentação.

Um bebê, logo após o nascimento, ainda sem ter sido amamentado, sente fome. Quando esse anseio de ser alimentado surge (inicialmente não entendido dessa forma, mas como um intenso desconforto), o bebê está pronto para criar algo. De que maneira? A necessidade fisiológica permite que ele tenha preconcepção inata do seio, de uma fonte de satisfação do que ele pode encontrar, mesmo sem referências de uma experiência anterior (Minerbo, 2023).

Winnicott (1979) reflete que nesse momento, em que o bebê espera algo, apesar de não saber o que exatamente, e a mãe oferece o seio, o bebê “cria” aquilo que existe para ser encontrado. Essa é a construção do objeto a partir da adaptação da mãe à sua necessidade – nesse caso, a fome. O resultado disso é a experiência de ilusão de onipotência<sup>88</sup>.

O bebê, então, sacia seu apetite pelo leite que entra na sua boca e corre pelo seu corpo, apaziguando as excitações desconfortáveis que havia sentido outrora. O invólucro, antes, era

---

<sup>88</sup> Vale ressaltar que, embora a fome seja uma necessidade fisiológica, o bebê tem várias necessidades emocionais e egoicas que vão além da fome. Trata-se da experiência de ter a ilusão de onipotência, que é uma experiência complexa e multifacetada.

representado pela placenta, agora, se torna o leite, gerado pelo seio, ao preencher o vazio do corpo, quase como um manto quente e aconchegante que o bebê coloca dentro de si.

Essa explosão de estímulos vivenciada na amamentação, junto ao cheiro da mãe, a batida do coração, a textura da pele sentida pelo toque, a temperatura do leite, a voz e o embalar são como instrumentos de uma banda que podem ser executados separadamente, mas, quando tocados ao mesmo tempo, compõem uma sinfonia. O estado de arrebatamento sentido pelo maestro, no momento da apresentação musical, seria similar à ilusão de onipotência do bebê, pois o seu arranjo, em um primeiro momento, foi necessitado e querido para, posteriormente, vir a ser descoberto, no instante do espetáculo. A junção desses dois tempos resultaria na concepção e crença de que a banda-seio foi criada e encontrada por si mesmo e não pelo outro. Assim, a apresentação da realidade externa acontece a partir da necessidade do bebê e, se repetida muitas e muitas vezes, a experiência da criação do objeto permite que a esperança ecloda:

Um milhar de vezes houve a sensação de que o que era querido era criado e constatado que existia. Daí se desenvolve uma convicção de que o mundo pode conter o que é querido e preciso, resultando na *esperança* do bebê em que existe uma relação viva entre a realidade interior e a realidade exterior, entre a capacidade criadora, inata e primária, e o mundo em geral, que é compartilhado por todos (WINNICOTT, 1979, p. 101, grifo nosso).

Diante dessas ideias, Ferraz (2019) vai afirmar que a esperança se dá justamente a partir desses encontros harmônicos entre o bebê e a mãe, quando o lactente experimenta a ilusão de criar a si mesmo, os objetos e o mundo, de ser espontâneo no ser e fazer, pois é no viver criativo que o indivíduo "pode ter a esperança de que a vida vale a pena ser vivida ainda que ela seja difícil em si mesma" (Ferraz, 2019, p. 7).

Dessa forma, um observador de uma mãe com o seu bebê, no momento da amamentação, pode refletir o seguinte: *o bebê teve a ilusão de que criou o seio, pois o leite chegou delicadamente na hora da sua necessidade, quando estava pronto para criá-lo, e isso foi capaz de gerar esperança em seu viver.*

Além disso, quando esse processo de amamentação se repete, ao mesmo tempo que o bebê tem a ilusão de criar o seio, ele tem a experiência de perdê-lo, pois quando dorme, a imago da mãe se desvanece até o momento de ele acordar, chorar e encontrá-la novamente, com o aparecimento do seio (Pinheiro, 2021).

Quando a mãe se ausenta ou se afasta, o bebê consegue mantê-la viva dentro de si por um tempo limite, uma duração que mantém a esperança da sua volta e amparo. Caso o retorno dela ultrapasse o intervalo que o lactente suporta, a imago materna começa a desaparecer e,

por perder internamente a memória da mãe, a aflição surge na criança. Nesse momento, o bebê encontra-se preso a uma agonia de clamar por ela e não obter resposta. Se a mãe retorna, esse sentimento se apazigua, mas caso ela não reapareça, a sua ausência provoca um trauma no bebê, e mesmo no seu retorno, a falha experimentada deixa uma marca de descontinuidade na vida dele.

A capacidade de ter esperança, por sua vez, vai se ligar à essa ondulação entre perder e reencontrar o objeto de amor, no qual se estabelece um “circuito (fome-busca pelo objeto/seio - encontro - perda - nova busca - reencontro do objeto/seio sobrevivente)” (Pinheiro, 2021, p. 158).

A continuidade dessas experiências primárias vai fazer Ferraz (2019) acreditar que a esperança é ontológica, assim como a criatividade, porque está fundamentada no ser e existir, não sendo sinônimo de expectativa ou uma positividade cega, por isso, não pode ser traduzida como um sentimento, sensação ou emoção. A esperança está na base do gesto espontâneo que emerge do *self* verdadeiro, o que significa que não é necessário utilizar a mente, consciência ou pensamento para estar ligado a ela.

Para entendermos melhor essa ontologia da esperança que a diferencia meramente de um sentimento consciente, proposta pelo autor, podemos articulá-la com a noção da virtude teológica na concepção do cristianismo, ou seja, ela não seria algo que se conquista pelo esforço, entrega, obediência e prática no cotidiano, mas por outros meios. Se analisarmos no sentido cristão, a esperança seria entendida como um dom, na medida que é uma graça, uma benesse ou dádiva concedida por divindades, tal como canta Caetano (1967): “a esperança é um dom que eu tenho em mim, eu tenho sim”. Essa analogia é utilizada por Ferraz (2019) porque no início da vida, a esperança é algo que se instala sem labor, a partir da contingência existente na arte do encontro: “o bebê não faz esforço para ter esperança. Ele a tem quando o si-mesmo encontra o objeto” (p. 7). Assim, a concepção ontológica, na qual a esperança está assentada, diverge dos afetos da vida psíquica, como o autor descreve a seguir:

Winnicott, superando ainda que indiretamente, sem querer e sem saber a tradição metafísica que se faz muito presente também nas teorias psicanalíticas, demonstra que existe um registro anterior ao psíquico, que é o registro ontológico, que é o registro das bases, da existência, do ser, do viver, antes mesmo de qualquer afeto, emoção ou sentimento. Portanto, a esperança (diferentemente de expectativa) está no registro ontológico, na constituição do próprio si-mesmo e não da vida psíquica que é ainda posterior, sem a qual nem vai poder existir se o próprio si-mesmo ainda estiver em busca de ser, de aparecer, de se realizar (FERRAZ, 2019, p. 6).



Por isso, a esperança é muito mais do que, simplesmente, uma capacidade de apontar para o futuro, seja pelo sonhar, planejar ou desejar. Ao contrário disso, na perspectiva de Cesar e Ribeiro (2021), a esperança tem uma característica de profundidade, densidade e enraizamento nas nossas vivências primordiais, o que possibilita uma dimensão constituinte da subjetividade e do vir a ser, pois está atrelada à experiência de criação de si mesmo e do mundo, ou seja, da criatividade primária. Esses dois processos encontram-se entremeados e promovem a vida psíquica, o tornar-se real:

A esperança não é algo com que se nasce. Ela é tecida no amor dos começos, advém de um encontro singular com o objeto primário. Ela é mais-além, não coincide com estado de ânimo - é algo da ordem essencial para a constituição psíquica e para a capacidade de crer, capaz de conduzir à confiabilidade pessoal, assim como à crença em geral (CESAR E RIBEIRO, 2021, p. 132).

Esse é o sentido da esperança (ontológica), algo que nos move e sustenta sem nos darmos conta, mas que é estruturante para o viver. A sua definição se assemelha à imagem de um bebê que é carregado e embalado nos braços da mãe, sem saber que tem um outro acalentando-o, bem como quando temos acesso à água do chuveiro, mas esquecemos dos canos que estão infiltrados e percorrendo as paredes, ou até mesmo a luz que acendemos em meio à escuridão, graças aos fios encapados que estão embutidos nas nossas casas.

Quando Ferraz (2019) afirma que "a esperança é a última que morre, ou melhor, é quando morre a esperança que se morre, pelo menos no sentido psíquico" (p. 9), podemos entender, a partir de mais um ponto de vista, a analogia citada acima, ou seja, o modo que a esperança se apresenta como fundamental na constituição do nosso ser.

Com base na ideia de que é uma condição essencial para a vida, vamos discutir o princípio da esperança, conceito criado pelo filósofo Bloch (2005). Inspirado por ele, mas com uma abordagem psicanalítica, Figueiredo (2018) afirma que encontros felizes consigo mesmo e com os outros, em um ambiente de apoio e acolhimento, promovem a continuidade do *self*. Esses elementos vão estar atrelados a esse princípio, que se trata de uma: "condição imprescindível ao bom funcionamento do aparelho mental e que opera em planos muito profundos e inconscientes do psiquismo" (p. 164).

Além disso, o autor afirma que a instalação do elemento psíquico da esperança impede que o indivíduo caia no vazio (seja do *self*, do objeto ou da relação), pois oferece acomodações internas para a abertura do tempo futuro e da capacidade de esperar – mesmo que a esperança não se reduza somente a isso, ela traz em seu bojo a crença no porvir como uma das suas possibilidades.

Sobre a clínica dos casos difíceis, Figueiredo (2018) considera que os pacientes esquizoides, *borderlines*, falsos-*selfs* e narcisistas seriam indivíduos sem esperança, pois não aprenderam e nem conseguiram realizar o ato de esperar, vivem inundados de angústias desesperadas. Esses casos não suportam, subjetivamente, o aparecimento da esperança, há uma espécie de organização psíquica que luta contra ela. São indivíduos incapazes de perdurar suas ideias, imaginar, desejar, ou seja, de criar. A partir das ideias de Ferraz (2019), tal dimensão poderia se traduzir da seguinte forma:

Ter esperança é a única coisa que possibilita o indivíduo poder enfrentar a cada dia a dura tarefa de existir, e a falha do encontro do si-mesmo com o ambiente desde os seus primórdios e ao longo do desenvolvimento na infância, fere, desorganiza ou nem permite que se constitua a capacidade de esperar a partir do registro ontológico, como dito anteriormente (p. 7).

Em confluência, na compreensão de Gurfinkel (2016), a capacidade de esperar se relaciona com a esperança, podendo ser denominada também como uma *crença no tempo* de que o objeto será encontrado. Na sua perspectiva, essa espera é instaurada a partir do uso do objeto transicional, o qual se constitui como um símbolo materno com o caráter paradoxal, pois ao mesmo tempo que representa a mãe, não é; ao mesmo tempo que une, também separa; pois mantém a presença de algo que não está presente. Esse objeto permite a constituição da esperança e da capacidade de esperar pelo retorno da mãe. Dessa forma, quando os fenômenos transicionais conseguem ser alcançados pelo indivíduo, refletindo uma relação sintônica entre a díade mãe-bebê, a esperança aparece.

À medida que podemos constituir esses elementos essenciais para o nosso viver, quando tudo vai suficientemente bem no início da vida, temos mais aptidão para criar no mundo coisas que fazem sentido no nosso viver, crer nos nossos próprios recursos e nos recursos do mundo para poder prosseguir, como afirmam Motta e Silva (2021). A esperança se mantém, sustenta e é um potencial para a nossa capacidade de suportar as perdas, mudanças, dificuldades, quedas e as restrições vividas. Isso só é possível na medida em que as ressonâncias e marcas dos bons encontros, experimentadas desde os primórdios, vão criando registros e memórias, constituindo uma salvaguarda psíquica para momentos tenebrosos. São essas experiências iniciais que, apesar dos percalços cotidianos, fazem com que possamos continuar vivendo e seguir sem nos destruímos completamente ou que percamos nossos rumos.

Como analogia para essa questão, irei reportar ao filme *A flor do meu segredo*, de Almodóvar (1995), no qual a protagonista Rosa vive o término de um casamento com muita

dor e sofrimento. Depois da separação, decide ir com a sua mãe para a aldeia onde nasceu e foi criada. Ao chegar no local, Rosa desfalece e é carregada nos braços por um amigo até a cama do seu antigo quarto. Quando recobra a consciência, ainda deitada, olha para a sua mãe e diz que está ficando louca, mas como resposta, escuta que quando alguém nos deixa “devemos voltar para o lugar onde nascemos”.

A cena seguinte mostra Rosa na calçada com as comadres da sua mãe bordando toalhas e cantando músicas, em um aparente estado de felicidade. Tecendo fios em conjunto, elas rememoram o passado e abrem espaço para o futuro. Ao resgatar essas lembranças de amor e cuidado da sua infância, da relação que estabeleceu com a aldeia, Rosa teve mais forças para conseguir lidar com as perdas, o que fez com que ela voltasse a ter esperanças na vida e a crer em si mesma, o que a capacitou a retornar para o trabalho e restabelecer seus vínculos afetivos.

Essa situação mostra que há circunstâncias complexas que nos fazem confrontar com o lado radical e frágil da vida, que provoca a oscilação da esperança para estados opostos, o que é natural. No entanto, por ela se constituir desde o momento em que nascemos (ou até mesmo antes) e se reatualizar a cada experiência que representa a ilusão primordial, permanecemos esperançosos. Esses elementos são imprescindíveis para uma boa saúde emocional, até o fim dos nossos dias, como afirmam Motta e Silva (2021).

Assim, para as autoras, a esperança é algo que o indivíduo carrega em si e que vai sendo alimentada por diversos fatores, como fazer algo com um propósito particular, ter suas ações reconhecidas pelo outro ou partilhar experiências satisfatória com os pares. Esses fatores nutrem a criatividade e a esperança, mas são, ao mesmo tempo, derivados delas.

Discutimos que o cuidado contínuo que um ambiente promove na vida um bebê, oferece a ele a continuidade do ser, somada a uma confiança e segurança em relação a si mesmo e ao mundo. Essa capacidade de ter experimentado a confiabilidade do outro é fundamental para a construção da criatividade primária e a capacidade de ter esperança, tema sobre o qual realizarei pequenas notas a seguir.

## 5.2 A CONFIANÇA COMO UM ELEMENTO BASE PARA A CRIATIVIDADE PRIMÁRIA E A ESPERANÇA

A palavra esperança tem origem no latim, “spes”, que significa “confiança em algo positivo”. E não à toa, a confiança tem um papel essencial para que a criatividade primária e a esperança ocorram, isso porque, no início da vida, quando a criança é bem cuidada e confia em um ambiente suficientemente bom, no qual é possível repousar em um estado de relaxamento, de não-integração e de entrega, acontece a experiência da criatividade primária e o desenvolvimento da esperança ou “crença em”, expressão descrita por Winnicott (1963, 1983).

No começo da vida, quando há confiança e crença na figura materna, por meio da continuidade e fidedignidade dos cuidados – da experiência gratificante de estar no seu interior, de nascer para ela, e viver na sua presença – o bebê adquire condições de sair do estado de fusão com a mãe para alcançar a diferenciação e identidade unitária do eu (*self*), de acordo com Abram (2000). No momento em que a criança adquire uma relativa separação entre um mundo interior e exterior, entre eu e outro, fica expressa a confiabilidade estabelecida em relação ao ambiente “que passa então a ser uma crença” (Winnicott, 1999b, p. 87). A partir desses pontos, percebemos que tanto a experiência da ilusão (fusão) quanto a perda da onipotência (separação) precisam estar ancoradas na confiabilidade.

Esse transcurso ocorre pela internalização dos bons cuidados do ambiente, através da empatia e sensibilidade que a mãe oferece ao bebê. A confiança é um reflexo da introjeção da fidedignidade materna como um ego auxiliar da criança. Nesse processo, a mãe é retida internamente como uma espécie de memorial interno. A acumulação dessas experiências e o armazenamento delas permitem que o indivíduo desenvolva “uma capacidade de acreditar... ou confiar” (Winnicott, 1999b, p. 49). Essa crença em si, nas coisas e pessoas é o que vai sustentar uma boa saúde para o desenvolvimento humano, que só pode ser alcançada se for impulsionada, como suporte, pelas vivências primárias:

O efeito cumulativo de experiências gratificantes e de uma atmosfera estável e amistosa em torno da criança é a construção de sua confiança nas pessoas do mundo externo e de um sentimento geral de segurança. A *crença* da criança nas coisas boas e nos bons relacionamentos dentro de si é fortalecida (WINNICOTT, 1941, 2021, p. 166-167, grifo nosso).

Para Winnicott (1958, 2021), com um tempo suficientemente longo na estabilidade e segurança das gratificações instintivas satisfatórias, o bebê se sente preenchido de coisas boas, o que faz com que ele adquira uma esperança na vida e confiança em si mesmo, que é transmitida para o outro. Se a confiança do bebê for um assunto levado “a sério” pelo ambiente, ele sente que pode contar com aqueles que o cercam e com o mundo, de modo geral, seja em relação ao tempo presente ou ao que pode esperar do futuro:

No estágio seguinte do desenvolvimento individual, esperamos que as crianças tenham reunido em si mesmas inúmeras amostras de boa assistência, e que tenham avançado com uma certa dose de crença, crença nas pessoas e no mundo, pelo que fica muito difícil movê-las num sentido ou no outro. Nesse estágio inicial, porém, essa crença nas coisas e essa confiança nas pessoas ainda está em processo de construção. Isso é a principal coisa que notamos a respeito das crianças muito pequenas: que, embora acreditem em nós, sua fé pode ser facilmente destruída. Por essa razão, somos especialmente cuidadosos em tratar aspectos essenciais de maneira confiável (WINNICOTT, 1999a, p. 139).

Nessa linha de pensamento, Figueiredo (2012) propõe que: “a confiança num ambiente responsivo e empático desdobra-se, assim, na confiança num ambiente não-intrusivo, não-persecutório e capaz de oferecer ao bebê o espaço e o tempo necessários à eclosão da sua criatividade” (p. 77). Quando esse processo não acontece ou é insuficiente, pela falta de confiança nos objetos, o indivíduo não experimenta uma entrega despreocupada na relação com o outro. Por sua vez, o trauma e, conseqüentemente, a desconfiança, emergem nas relações, resultando em fantasias de perseguição que impedem as experiências reais do ser e do viver criativo, ou seja, da personalização (integração da psique e soma). A inconfiabilidade, portanto, interrompe a continuidade do processo maturacional do indivíduo.

Desse modo, os fracassos precoces que ocorrem na mutualidade entre mãe e bebê, sejam no nascimento ou pouco tempo depois, abalam ou impossibilitam a confiança em si mesmo e no mundo, o que obtura o acontecimento de uma vida pessoal e promove a desvitalidade e a desesperança, nas palavras de Cesar e Ribeiro (2020).

Contrariamente, um *holding* satisfatório, ou em outros termos, a provisão materna suficientemente boa no período de dependência gera a confiabilidade em um ambiente benigno, a qual permite que a criança cresça e descanse, ainda que na ausência da mãe. Dessa forma, com o estabelecimento da confiança, cria-se um *playground* imaginário entre a díade, um espaço intermediário de separação e ligação com a mãe, um campo da ilusão e do brincar, tal como está descrito na seguinte citação:

A mãe adapta-se às necessidades de seu bebê e de seu filho que gradativamente se desenvolve em personalidade e caráter, e essa adaptação concede-lhe certa medida

de fidedignidade. A experiência que o bebê tem dessa fidedignidade, durante certo período, origina nele, e na criança que cresce, um sentimento de confiança. A confiança do bebê na fidedignidade da mãe e, portanto, na de outras pessoas e coisas, torna possível uma separação do não-eu a partir do eu. Ao mesmo tempo, contudo, pode-se dizer que a separação é evitada pelo preenchimento do espaço potencial com o brincar criativo, com o uso de símbolos e com tudo o que acaba por se somar a uma vida cultural (WINNICOTT, 1971, 1975, p. 173).

O filme “A vida é bela” (1997) serve como um exemplo reflexivo para essas questões. O personagem do pai exibe uma criatividade e esperança que se alimentam mutuamente, sendo elementos fundamentais para ajudar a si mesmo e ao seu filho a enfrentar a brutal realidade da guerra. Mesmo num cenário de horror, Guido não deixou de sustentar a crença de que o filho poderia escapar das armas do nazismo. Enquanto o menino, mesmo em alguns momentos sem esperança, se deixava impulsionar para a vida com as incansáveis convocações do pai. Nesse jogo interdependente vivido entre eles, a criança passou a alimentar a espera da chegada do tanque como forma de lidar com os momentos tortuosos do presente. Esse brincar só pode acontecer porque havia no menino uma confiança nos gestos e palavras do pai que apontava para a sua confiabilidade no mundo.

Essa confiança sentida por Giosué nem sempre é possível na vida de uma criança, pois a vivência da criatividade primária e a capacidade de ter esperança não necessariamente se realizam na vida de um indivíduo, visto que o ambiente pode propiciar falhas constantes nas adaptações às necessidades do bebê. Quando isso ocorre, a esperança pode sofrer abalos, e com isso, predominar a desesperança no viver, tal como discutiremos a seguir.

### 5.3 A DESESPERANÇA COMO RESPOSTA A UMA VIDA NÃO CRIATIVA

*Se os frutos produzidos pela terra  
Ainda não são  
Tão doces e polpudos quanto as peras  
Da tua ilusão  
Amarra o teu arado a uma estrela  
E os tempos darão  
Safras e safras de sonhos  
Quilos e quilos de amor  
Noutros planetas risonhos  
Outras espécies de dor  
Se os campos cultivados neste mundo  
São duros demais  
E os solos assolados pela guerra  
Não produzem a paz  
Amarra o teu arado a uma estrela  
E aí tu serás  
O lavrador louco dos astros*

*O camponês solto nos céus  
E quanto mais longe da terra  
Tanto mais longe de Deus  
(Gilberto Gil)*

Diferentemente da criatividade primária, que se dá a partir de um ambiente suficientemente cuidadoso e confiável, há casos em que os objetos primordiais se apresentam de uma forma insuficiente, seja na presença intrusiva de um adulto cuidador que não se deixa ser esquecido ou na sua ausência, que implica em um abandono (Cesar, 2019). Em ambas as situações, o bebê fica à própria sorte, pois não é permitido que ele crie o seu mundo e alcance, posteriormente, o estado de integração.

Caso existisse uma dinâmica alternada entre presença e ausência, o ambiente se mostraria capaz de assegurar o clima necessário para estabelecer uma crença na vida (Rocha, 2007). Quando esse caminho não é possível, os gestos do si-mesmo e a ilusão de onipotência do lactente sofrem uma ruptura, no qual “a espontaneidade fica perdida e o que não se constitui, ou fica ferido no indivíduo, é a capacidade para a esperança” (Ferraz, 2019, p. 7).

O que ocorre nesse processo é um trauma que impede, rompe ou aniquila a continuidade do ser nos primeiros estágios do desenvolvimento maturacional. O bebê passa a reagir às invasões sofridas e adquire um padrão fragmentado do ser, ou em outros termos, um comportamento organizado em torno de uma defesa que precisou existir por um tempo contínuo e repetitivo submetido a um ambiente não confiável (Winnicott, 1962a, 1983). Esse padrão se trata do momento em que o bebê percebe a realidade externa antes do tempo e precisa dar conta de algo que ainda não tem a capacidade de compreender. O resultado disso é o estado de desolação e desesperança, como se houvesse a sensação de que não se pode contar com ninguém ou crer em nada, muito menos que o estado de coisas da vida pode mudar:

É verdade que um padrão se estabeleceu em seu relacionamento primitivo com a mãe, relacionamento que se transformou cedo demais e de maneira abrupta, de algo muito satisfatório em desilusão e desespero e no abandono da esperança na relação de objeto (WINNICOTT, 1971, 1975, p. 51).

Nesse sentido, Winnicott (1990) ressalta que a incapacidade de viver criativamente, embota a existência da esperança e, caso a mãe não consiga se adaptar às necessidades do seu filho, ele não terá nenhuma crença em estabelecer e manter relações excitadas com objetos ou pessoas que não foram criados por ele, o que seria, na perspectiva de um terceiro, o mundo real, externo ou compartilhado. Assim, a desesperança e o desespero surgiriam de traumas de

abandono afetivo, principalmente os mais antigos, que teriam acontecido na época pré-verbal, de acordo com Cintra (2022)<sup>89</sup>.

Segundo Winnicott (1949, 2021), um trauma pode ser definido como algo que a criança viveu, mas não teve condições de experimentar. Pode também se referir a algo que não ocorreu, mas que precisava ter sido integrado. Além disso, pode se referir a situações que nem chegaram a se tornar experiências traumáticas, pois não foram sequer experiências, uma vez que o trauma pode impedir isso. Essas vivências primárias traumáticas se traduzem em um estado de confusão, no qual o indivíduo precisa erguer defesas primitivas para lidar com elas, e é isso que gera a desesperança congênita:

Podemos dizer que o mais importante é o trauma representado pela necessidade de reagir. A reação, nesse estágio do desenvolvimento humano, implica uma perda temporária de identidade. Isso provoca um senso extremo de insegurança e lança a base para expectativa de novos exemplos de perda da continuidade do *self*, e mesmo de uma desesperança congênita (embora não herdada) quanto à possibilidade de alcançar uma vida pessoal (WINNICOTT, 1949, 2021, p. 342).

Figueiredo (2018) lembra que essa desesperança não tem a ver com inatismo ou genética, mas é adquirida no momento que o bebê precisa reagir a um ambiente que não se adapta às suas necessidades, o que instaura falhas na constituição psíquica, e com isso, a falta de esperança.

Essas falhas graves existentes na comunicação entre mãe-bebê malogram a matriz básica de ter fé, como apontam Cesar e Ribeiro (2021). Desse modo, quando há rupturas contínuas e severas no encontro do si mesmo com o ambiente, a esperança se dilui e “verifica-se que a mesma ocupa um lugar fundamental na constituição do indivíduo, a tal ponto que perdê-la ou não a ter experimentado é vivida como “morte” (Ferraz, 2019, p. 6). Portanto, a vida interna seria expressa pela criatividade e esperança, já a morte dentro, pelo seu oposto, uma profunda desesperança e estado de submissão, o que pode levar o indivíduo à morte subjetiva e/ou factual, através do suicídio.

Para Winnicott (1971, 1975), nesses casos extremos, viver ou morrer passa a não ter relevância, pois o indivíduo perdeu o contato com o si mesmo e não sabe quem poderia ser ou o que deixou para trás. Tudo o que é real, pessoal e original, proveniente da criatividade primária e que, de fato, importa, fica oculto e não existe.

---

<sup>89</sup> Comunicação oral pronunciada em uma reunião no dia 10 de junho de 2022.



Viver nas margens da desesperança, como apontam Cesar e Ribeiro (2021), é uma espécie de *sub-viver*, o que vemos acontecer nos sofrimentos e adoecimentos severos, no qual estar acometido por esse estado deixa os indivíduos expostos a paralisias ou expectativas traumáticas. Como o que acontece com aqueles que foram traumatizados, dominados no lar, prisioneiros ou vítimas da perseguição de um regime político cruel, pois são os que sofrem e apenas existem, mas não vivem, visto que "abandonaram a esperança, deixaram de sofrer e perderam a característica que os torna humanos, de modo a não mais perceberem o mundo de maneira criativa" (Winnicott, 1971, 1975, p. 113).

A maioria dessas pessoas têm a sua criatividade intensamente danificada, mas nunca completamente destruída, pois, mesmo nos casos citados ou nos indivíduos que constituíram um *falso-self*, há de existir uma parte, mesmo que escondida, que carrega uma criatividade que remonta às experiências originais de sua vida e que carece de encontros que enriqueçam o seu viver.

Há uma eterna espera de integração das partes cindidas, uma esperança de que o verdadeiro *self* venha à tona e seja possível experimentar o sentido unitário do ser e sentir-se real, sendo este o único meio para ser criativo. Enquanto vive à espera para agir no mundo, o gesto espontâneo encontra-se obstruído, mas com potencialidades para surgir.

Diante dessas colocações, podemos pensar que a criatividade e a esperança podem surgir mesmo em ambientes e situações não favorecedoras de sua existência, como em cenários de guerra. Esse potencial para a vida e para as relações humanas é herdado, inato, mas caso não seja acolhido como a manifestação do gesto espontâneo, pode permanecer congelado. Correlacionamos essa ideia à proposição de Boris (1976), quando diz que a “desesperança não é a perda da esperança em si. É a perda da esperança para as próprias esperanças. As esperanças permanecem” (p. 141).

No filme “A vida é bela” (1997), a desesperança se faz presente constantemente, como um cenário sombrio sempre à beira de desabar e inundar a existência de Giosué, especialmente nos momentos em que a realidade se mostra mais cruel e violenta. Essa atmosfera é evidenciada nas cenas em que o menino reclama do odor do ambiente, da escassez de alimento, dos gritos dos soldados, ou quando expressa seu medo de ser incinerado no forno e transformado em sabão ou botão. Apesar disso, a sustentação da esperança empreendida pelo pai, através da construção do espaço de ilusão, da criatividade e do brincar propiciou a esperança do menino, de que uma hora ou outra o jogo iria acabar, e que o término daquele cenário cruel estava por vir.

Ao longo de toda essa discussão, vimos que uma vida não vivida impossibilita o indivíduo de construir um sentido para o seu viver, mas antes que a radicalidade disso se dê pelo suicídio, muitos chamados e pedidos de socorro são mobilizados como sinal de esperança para que o ambiente possa cuidar das feridas internas e restaurar o impulso vital. Diante disso, a doença se torna uma mensagem para o outro se adaptar aos cuidados necessários dos quais o indivíduo necessita, ideia que destrincharemos no tópico seguinte.

#### 5.4 A DOENÇA COMO UM SINAL DE SAÚDE E ESPERANÇA: UM PARADOXO WINNICOTTIANO

*Essa é a receita da vida  
Minha mãe disse  
Me abraçando enquanto eu chorava  
Pense nas flores que você planta  
A cada ano no jardim  
Elas nos ensinam  
Que as pessoas  
Também murcham  
Caem  
Criam raiz  
Crescem  
Para florescer no final  
(Rupi Kaur)*

Em uma leitura winnicottiana, é possível dizer que um sintoma, doença ou patologia, ao mesmo tempo que gera inúmeras dificuldades e sofrimentos, apresenta um aspecto saudável porque consegue comunicar para o outro sobre as dores do viver. Uma sintomatologia não é originalmente nociva e precisa ser eliminada, pois o indivíduo pode realizar, a partir dela, uma reivindicação do si mesmo, das dificuldades que obstruem o seu desenvolvimento (Phillips, 1988, 2006).

Na infância, esse elemento pode se caracterizar como um “sinal de que a criança ainda espera poder manter a individualidade que fora de algum modo ameaçada” (Winnicott, 1938). A espera, nesse caso, é a esperança do vir a ser, de ser reconhecida, compreendida ou um anseio de conhecer a si mesma através dos outros (Phillips, 1988, 2006). Caso essa espera cesse, há o predomínio da desesperança em ser escutada, por isso, enquanto há apelo, existe vida.

Tive oportunidade de acompanhar um caso clínico em que uma mãe, no período do puerpério, deprimiu-se gravemente. Escutava o choro, grito e soluçar incessante e desassossegado do seu bebê, mas não conseguia se levantar da cama para acolhê-lo.

Infelizmente, nenhum outro membro da família foi capaz de socorrê-los. O desalento e a solidão foram vividos, dolorosamente, por ambos. Tempos depois, ao invés de clamar por cuidados, um silêncio absoluto passou a imperar na criança. Nessa circunstância, havia entre a díade mãe-bebê uma forte desesperança que expressava a solidão e desencontro inicial do lactente com o objeto primário.

Como descrito no caso, o choro ou grito podem ser gestos de um apelo esperançoso dirigido à mãe, com o propósito de ter a sua presença viva. Nesse sentido, o autor chama a atenção das mães que devem ficar contentes quando seus bebês berram e choram: "em outras palavras, o grito que ela está buscando é o último grito que se dá antes de a esperança ser abandonada" (Winnicott, 1969, 1994, p. 92). Diferentemente disso, o silêncio ou o desespero silencioso "é esse não-grito que se acha no caminho, isto é, o temor de não ser ouvida ou a desesperança a respeito de o gritar produzir um efeito" (Winnicott, 1969, 1994, p. 93).

Nesses casos, o silêncio e a ausência da mãe, que não escuta esse clamor, provocam e se refletem na desesperança e desistência da criança em se comunicar e ter um contato real com o outro. Isso mostra que o indivíduo não conseguiu encontrar um ambiente receptivo para ir ao encontro e acolher a sua criatividade primária, e por isso, aprendeu a viver sem esperança, o que equivale ao aniquilamento do ser, como afirma Dias (2005). Assim, o padrão bom, quando tudo caminha bem, reflete-se no aparecimento dessas convocações do bebê, o que se torna uma forma de dizer que as coisas não estão funcionando do melhor modo e que o ambiente deve se adaptar às suas necessidades:

Partindo desse princípio, podemos pensar na infância como um processo gradual de formação de uma crença. Crença em pessoas e coisas que é elaborada a pouco e pouco, através de inumeráveis experiências boas. "Bom" significa, neste contexto, bastante satisfatório, para que se possa dizer, assim, que a necessidade ou impulso foi atendido e justificado. Essas experiências são pesadas em confronto com as más experiências, sendo "mau" a palavra que usamos quando a cólera, o ódio e a dúvida surgem, como é inevitável que suceda (WINNICOTT, 1979, p. 140).

Winnicott (1959, 2011) descreve outro fenômeno relacionado aos gestos de esperança, no qual uma criança adotiva, ao chegar em um novo lar, pode testar o ambiente de várias maneiras. O ambiente deve ser capaz de suportar e sobreviver a todos os ataques sofridos. Para ilustrar essa questão, o autor cita o caso Ester, uma menina de 5 meses que foi jogada pela mãe biológica em um canal, resgatada pelas autoridades e encaminhada a um berçário público. No período em que ficou na instituição que a acolheu, até os dois anos e meio de idade, passou a apresentar comportamentos como se deitar na rua e berrar para chamar atenção.

Nela, isso era um ponto positivo, pois caso houvesse complacência e apatia da sua parte, ela teria alcançado um estado de desesperança agudo, em que apenas continuaria existindo, sem manifestar um impulso para a vida. A cólera, fúria e angústia testemunhavam que a criança acreditava na possibilidade de recuperar o que foi perdido, pois: “um bebê que perdeu a crença não fica raivoso” (Winnicott, 1979, p. 68). A agressividade, nessas situações, está correlacionada à esperança, como um ímpeto para o viver:

Quando existe esperança, no que se refere às coisas internas, a vida instintiva está ativa e o indivíduo pode usufruir do uso de impulsos instintivos, incluindo os agressivos, convertendo em bem na vida real o que era dano na fantasia (WINNICOTT, 1939, 1994, p. 99).

No contexto da esperança latente, oculta por comportamentos manifestos, Winnicott (1960b, 1983) discute outro caso, conhecido como "o menino do cordão", a criança desenvolveu um sintoma como signo da esperança em recuperar a mãe. Ela cuidou dele até os três anos e três meses de idade, momento que nasceu sua segunda filha. Essa foi a primeira separação significativa entre eles. A segunda foi quando o garoto tinha três anos e onze meses, quando a mãe passou por um procedimento cirúrgico. Já a terceira ruptura se deu aos quatro anos e nove meses, pois ela, que tinha um grave quadro depressivo, precisou ser internada em um hospital psiquiátrico por dois meses.

Diante disso, o principal sintoma do garoto passou a ser uma obsessão com tudo que se relacionasse a cordões: unia objetos com o fio, desenhava linhas, atava o cordão no pescoço da irmã mais nova (a que representava a primeira separação com a mãe) e no próprio pescoço, encenando um tipo de enforcamento.

Na conversa com os pais, o psicanalista disse que o menino estava lidando com um medo de separação e o cordão servia para tentar negá-la. Então, sugeriu que houvesse uma conversa sobre os desligamentos precoces vividos entre eles para traduzir que os atos compulsivos do menino expressavam o seu medo de perder o contato com a mãe. O símbolo do fio era, portanto, uma esperança e tentativa de comunicação com ela – assim como o fio de telefone é capaz de unir as pessoas quando elas estão distantes.

A partir dessa intervenção, os sintomas diminuíram, apesar de, constantemente, retornarem, seja pela instauração do quadro depressivo da mãe ou pela necessidade de ela realizar cirurgias pontuais. Infelizmente, esse caso desembocou em uma drogadição no período da adolescência, um desfecho desesperançoso. Apesar de expressar um traço de esperança, o uso compulsivo do cordão pelo menino, de algum modo, fazia referência a uma

defesa contra as separações vividas, revelando uma desesperança na relação com o seu ambiente primordial:

Neste caso, a mãe parece ter sido capaz de lidar com o emprego do cordão pelo garoto antes que fosse demasiado tarde, quando seu emprego ainda traduzia esperança. Quando a esperança está ausente e o cordão representa a negação de separação, então um estado de coisas muito mais complexo se origina – que se torna difícil de curar, por causa dos ganhos secundários que se originam da habilidade que se desenvolve quando um objeto tem de ser manipulado para ser dominado (WINNICOTT, 1960b, 1983, p. 143).

Já em outro caso clínico, que envolvia uma fantasia de espancamento, Winnicott (1958, 1994) elucidou o sintoma como, essencialmente, um sinal de desesperança. Inconscientemente e de forma aparentemente silenciosa, ele evidenciava uma significativa desesperança em relação à comunicação com a própria mãe. A fantasia de espancamento já tinha sido um tema explorado por Freud, no clássico texto “Uma criança é espancada” (1919, 1987), atrelada à problemática da fixação na fase anal. No entanto, além disso, Winnicott acrescentou outro elemento para pensar o sintoma da paciente, para entendê-lo além de uma válvula de escape sexual.

No início do tratamento, apesar de não haver sofrimento aparente, a mulher apresentava uma desesperança em relação à análise ser bem-sucedida e afirmava que o contrário só aconteceria se sua fantasia de espancamento fosse desvendada, o que pode ser entrelaçado à sua história de vida:

Toda sua vida a paciente manipulava a sua flatulência e havia em verdade desenvolvido uma técnica de especialista a este respeito, mas tudo foi em vão e houve um período de depressão profunda associada com o pleno reconhecimento da absoluta desesperança que ela tivera, em bebê, com referência a qualquer comunicação com a mãe por esta maneira. Isto seguiu-se, naturalmente, a uma desesperança mais profunda a respeito de comunicar-se em nível oral, mas o fracasso aqui ia tão fundo e envolvia processos tão primitivos que o ego da paciente não se achava suficientemente organizado para ela experienciar pesar ou desesperança. Ela podia apenas sentir que sua boca e seu apetite haviam-se ido com a mãe que a desmamara e abandonara com a idade de dois meses a uma babá (WINNICOTT, 1958, 1994, p. 39).

Winnicott produziu uma interpretação para ela, contestando-a de que a sua fixação não era nas zonas erógenas, mas sim, na própria mãe e no seu inconsciente reprimido, o qual tinha o caráter sádico. Após essa intervenção, a paciente ressignificou sua fantasia. O autor ainda ressaltou outro viés de compreensão, segundo o qual a desesperança vivida, na via do sintoma de uma fantasia de espancamento, advinha da mãe não se apresentar disponível emocionalmente, ou seja, de não ter a capacidade de acolher o gesto espontâneo e se adaptar às necessidades da filha.

Podemos alinhar tal indisponibilidade psíquica e falhas na comunicação com a mãe, nos primeiros tempos de formação do *self* dessa paciente, com a cristalização de fixações defensivas que incapacitaram o advento do seu ser e, conseqüentemente, da sua criatividade primária e esperança. Ela apenas se tornou mais acessível ao envelhecer, criando, muito tardiamente, um vínculo de amizade, ainda que contasse com traços de tristeza e sofrimento nessa relação.

Na discussão dessas situações clínicas, vemos que há um aspecto paradoxal na teoria de Winnicott, pois sua linha de pensamento conduz o leitor a refletir sobre os supostos estados patológicos que possuem uma desesperança manifesta, como na verdade, um sinal de esperança latente na busca de sentir-se real. Há uma espécie de retorno ao ponto em que o indivíduo sente que o ambiente fracassou nos cuidados, na tentativa de uma cura<sup>90</sup>. A depressão e a enfermidade psicossomática seriam outros exemplos desse paradoxo, polos entre saúde e doença, esperança e desesperança.

Na primeira afecção, a esperança constitui uma tentativa de elaboração das feridas, uma recomposição e um reordenamento do caos interno: "a depressão, pois, implica esperança" (Winnicott, 1956, 1994, p. 27). Já nos problemas psicossomáticos, o paciente está na busca de entrar em contato com a personalização, ainda que isso seja, paradoxalmente, vivido com os mecanismos de cisão atuantes. O que pode provocar esse estado é que nas circunstâncias em que "uma frustração instintiva provoca um sentimento de desesperança ou futilidade, a fixação da psique no corpo enfraquece, sendo então necessário tolerar um período de não relação entre a psique e a soma" (Winnicott, 1990, p. 96).

Em alguns casos clínicos mais severos de depressão, melancolia ou psicose, com sintomas de desconfiança, delírios e falta de preocupação com o outro, a esperança diminui devido à fixação em um estado mais persecutório, fechando a saída para a mobilidade psíquica.

Diferentemente dessas, uma distinta defesa que manifesta a esperança se trata da dissociação que ocorre no falso *self* patológico, o qual se torna uma tentativa de conservar a integridade do verdadeiro *self*, pois sem ele "não haveria qualquer esperança para uma existência pessoal" (Winnicott, 1960, 2011, p. 121). Essa parte verdadeira de si mesmo espera poder aparecer e existir a partir de um bom encontro e de uma relação consistente (Ferraz, 2019). É essa capacidade de esperar, ou da esperança, que mantém esses tipos de indivíduos

---

<sup>90</sup> É importante ressaltar que não podemos realizar uma análise unilateral. Há situações em que os sintomas expressam apenas desesperança, indicando que a esperança foi de fato perdida.

vivos. Lembrando que o falso *self* patológico está na contramão da criatividade, pois corresponde à não adaptação do ambiente às necessidades do bebê, em que há carência de elementos essenciais ao ser.

Além disso, é importante ressaltar que, nos casos de pacientes fronteiriços com defesas dissociativas, a esperança pode aparecer nas situações de colapso psíquico, como descreve Gurfinkel (2016). O colapso, que ocorre na regressão à dependência, é causado pelo descongelamento das falhas precoces e produz uma experiência inaugural. Isso só acontece quando há um ambiente disponível para sustentar e lidar com a desintegração, a loucura e o si-mesmo que estavam encobertos: "o colapso é o momento em que surge a esperança da entrada em cena do verdadeiro *self* dissociado, oculto, atrofiado e alijado do viver do indivíduo" (p. 40)<sup>91</sup>.

Embora a esperança seja inconsciente e latente nesses casos, ela ainda permanece em primeiro plano, pois é parte integrante da organização defensiva. No entanto, nem todos os indivíduos têm a capacidade de regredir, independentemente da qualidade do ambiente ao seu redor. Nesses casos, a esperança e até mesmo um vestígio de sanidade que permitiria tal regressão já não existem mais.

Nesses paradoxos winnicottianos, vemos que o impulso para a vida permanece mesmo nas aparentes manifestações de morte. O mesmo vai acontecer na tendência antissocial, que apresenta irrupções de agressividade e destruição, mas na verdade, aponta para uma privação no passado e esperança de recuperação, daquilo que foi perdido, no futuro. Vamos dar destaque a discussão desse tema, com um tópico específico para isso, pois a ideia de esperança, nesse terreno teórico, acaba sendo muito vinculada a essa questão, da qual nos aprofundaremos a seguir.

---

<sup>91</sup> Por "colapso" pode-se compreender um fracasso da organização defensiva do ego frente a uma falha ambiental grave, seja pelo estabelecimento de um ambiente intrusivo ou por uma ruptura grave na continuidade dos cuidados dispendidos ao bebê dependente. Por ocorrer em um período tão precoce da vida do indivíduo, o colapso não promove registro representacional e sequer produz um quadro psicótico – a experiência do colapso é da ordem das agonias impensáveis. Assim, o "medo do colapso" vivenciado por alguns analisandos é, na verdade, o medo de um colapso que já foi experienciado em uma fase muito precoce de sua existência. Ao experienciar elementos da relação analítica que sejam indicativos de que ali se apresenta um ambiente suficientemente bom (como, por exemplo, a confiança na figura do analista e no espaço analítico), o paciente pode regredir à dependência a fim de reviver e reparar as experiências traumáticas do passado na relação com esse novo ambiente. Assim, na regressão à dependência pode ocorrer uma revisitação à experiência do colapso, que diluiria a organização defensiva estabelecida precocemente e favoreceria a retomada do processo de integração do eu.

## 5.5 A TENDÊNCIA ANTISSOCIAL COMO UM CHAMADO CARREGADO DE ESPERANÇA PARA A VIDA

Winnicott (1987, 2005) abordou o tema da esperança de maneira mais direta em seu trabalho com crianças abandonadas e privadas dos seus lares durante a Segunda Guerra Mundial. Ele percebeu que os jovens abrigados em instituições públicas apresentavam comportamentos agressivos, mentiras, incontinência ou furto devido à separação prematura de seu ambiente de origem. O psicanalista chamou a natureza desses comportamentos de tendência antissocial.

Ele percebeu que nos casos analisados, os traumas e rupturas precoces se davam no período da dependência relativa, quando o ego da criança não tinha condições de assimilar o que foi vivido, apesar de conseguir registrar o acontecimento, como afirma Gurfinkel (2016). Nessas situações, o ambiente falhou em fornecer o suporte egoico necessário para a criança viver a integração, por isso, fez com que ela experimentasse uma perda precoce. A perda foi percebida como algo que veio de fora, não impulsionada pelo próprio indivíduo. Isso fez com que ele sentisse a necessidade de compelir o ambiente a cuidar e compensar a falta provocada. (Abram, 2000). As observações realizadas fizeram Winnicott destacar o papel da provisão ambiental e importância na continuidade do relacionamento mãe-bebê para o desenvolvimento maturacional de um indivíduo.

Phillips (1988, 2006) aponta que, na época, muitas crianças institucionalizadas que apresentavam essas dificuldades, estavam, na verdade, tentando exclamar um “sinal de esperança, de uma crença em encontrar o ambiente de sustentação que elas requerem” (p. 108). Por uma via destrutiva, comunicavam a esperança e a necessidade de que um ambiente bom, sadio e amoroso pudesse voltar a cuidar satisfatoriamente, e assim, compensasse as falhas, quebras e danos sofridos na continuidade do ser.

Nessas situações, o S.O.S, o pedido de socorro, é realizado continuamente para o indivíduo não ser inundado de desespero e desalento, embora muitas vezes, ao invés de ser acolhido, provoca fúria, incômodo, impaciência e desistência nas pessoas ao redor. No entanto, entendemos que essas desordens são uma forma de se ligar à esperança, na busca de alcançar e recuperar algo de valor e importância que o ambiente privou ao indivíduo. Nesse



movimento, o que se intenta é superar um vazio, um branco ou um buraco ocasionado pela privação<sup>92</sup>:

Meu material clínico, porém, trouxe-me ao fato de que o que existe por trás da tendência antissocial em qualquer família, normal ou não, é a privação, e o resultado da privação é a calma, a desesperança, a depressão de algum tipo, ou qualquer outra defesa de vulto. Mas, à medida que a esperança começa a aparecer, então a criança estende a mão para ela, tentando recuperar por sobre a área de privação, o objeto perdido (WINNICOTT, 1967, 1994, p. 439).

Dessa forma, os sintomas antissociais são a expressão da crença em conseguir a integração do ser, pelo retorno a uma experiência contínua e estável de cuidado, pois: "não é outra coisa senão a esperança o que motiva o ato antissocial" (Abram, 2000, p. 51). Caso essa busca seja frustrada e não se obtenha o que é procurado, o indivíduo tenta encontrar fora do ambiente familiar, seja na família extensa ou no campo social, o que se acha por direito ter.

Nesse contexto, a confiança e segurança no ambiente é testada repetidas vezes para saber se é possível achar um lugar que suporte, contenha e transforme as agressões, tensões e incômodos emocionais gerados pelos comportamentos antissociais, por isso, mesmo quando "o roubo não lhes dá aquilo que querem, mas, em alguns casos (havendo alguém que tolere o seu roubar), podem atingir algum grau de crença em ter um lugar no mundo" (Winnicott, 1955, 2011, p. 133).

Aqueles que enfrentam essa dificuldade precisam que o outro imponha limites aos seus impulsos, mas também desejam ser ouvidos em suas necessidades reais, para que possam retomar o seu desenvolvimento emocional de onde foi interrompido. Por isso, os chamados antissociais reservam um potencial de saúde e esperança latente diante das perdas sofridas.

Há uma reivindicação da falha ocorrida e os sintomas são uma via para contestar a perda dos cuidados que se faziam necessários receber continuamente, como se o indivíduo protestasse, de forma inconsciente e distorcida: "*Ei, o que está acontecendo? Não faça isso! Você foi longe demais! Não vê que não tenho condições de suportar tamanha falha? Volte de onde você parou, pois não é disso que eu preciso! Eu tenho esperança de que você*

---

<sup>92</sup> Normalmente, as palavras privação e deprivação são utilizadas como semelhantes nos livros de Winnicott que foram traduzidos para a língua portuguesa. No entanto, convém destacar que Abram (2000) define a diferença existente entre privação e deprivação: "A privação diz respeito à criança jamais haver experimentado algo que é bom; a deprivação, por sua vez, refere-se ao indivíduo que, em algum momento, percebeu o que é bom, ou seja, a memória inconsciente de haver sido amado" (p.48). Nesse caso, a privação se dá no período de dependência absoluta, enquanto a deprivação ocorre na dependência relativa. Embora na citação de Winnicott (1967, 1994) que utilizamos abaixo fale sobre privação, a questão da tendência antissocial se refere a uma deprivação.

*continue do ponto anterior, onde as coisas caminhavam bem, por isso estou agindo dessa forma!”.*

Se esses chamados não são atendidos, a esperança no ambiente vai desaparecendo, no qual pode se desenvolver uma delinquência e/ou psicopatia, cronificando o estado adoecido do ser, como aponta Gurfinkel (2016). Com isso, há menos crença de que o ambiente possa restaurar as falhas que desorganizaram o *self*. Então, os fracassos externos são vividos, cada vez mais, na presença da desesperança, no qual o si mesmo permanece em um estado mortificado e a retomada da continuidade do existir, permanece encoberta.

Winnicott (1967, 2011) sublinha ainda que essa problemática antissocial é sinônimo de uma descontinuidade e perda abrupta da criatividade primária e do modo criativo de estar no mundo. Há nos chamados, uma necessidade de buscar e alcançar um objeto que não se fez presente no momento de ser encontrado. Com isso, além de perder o objeto, se perde uma parte do *self*:

A mãe, ao adaptar-se às necessidades da criança pequena, capacita a criança a encontrar objetos de modo criativo. Ela introduz o uso criativo do mundo. Quando isto fracassa, a criança perde o contato com os objetos, perde a capacidade de encontrar as coisas de maneira criativa. Num momento de esperança a criança estende a mão e furta um objeto. Trata-se de um gesto compulsivo, e a criança não sabe por que o faz (WINNICOTT, 1967, 2011, p. 84).

No intuito de compilar as ideias discutidas, é necessário lembrar que as falhas precoces, quando ocorrem em específicos tempos da vida, causam patologias distintas (Ferraz, 2019). No período de dependência absoluta, quando o objeto primário não consegue se adaptar ao bebê e atender às suas necessidades psíquicas, a continuidade do ser é perdida, logo, se instala a psicose. Porém, caso as coisas tenham sido suficientemente boas no início, mas a existência tenha sofrido arranhões e pausas no período de dependência relativa, se desenvolve a tendência antissocial.

Ambos os casos impõem um desafio constante ao trabalho analítico, inclusive, ao colocar em jogo a capacidade do terapeuta de manter a esperança no *setting*. A clínica, muitas vezes, estica, como uma tira elástica, as capacidades do analista de sobreviver aos ataques e a desesperança que o paciente provoca. Para destrincharmos melhor essa questão, vamos partir para a discussão desses fenômenos no tópico seguinte.

## 5.6 A ESPERANÇA E A CRIATIVIDADE NA RELAÇÃO ENTRE ANALISTA E ANALISANDO: A IMPORTÂNCIA DE UM *SETTING* SUFICIENTEMENTE BOM

*Não me iludo  
Tudo permanecerá do jeito que tem sido  
Transcorrendo, transformando  
Tempo e espaço navegando todos os sentidos  
Pães de Açúcar, Corcovados  
Fustigados pela chuva e pelo eterno vento  
Água mole, pedra dura  
Tanto bate que não restará nem pensamento  
Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei  
Transformai as velhas formas do viver  
Ensinai-me, ó, pai, o que eu ainda não sei  
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei  
Pensamento  
Mesmo o fundamento singular do ser humano  
De um momento para o outro  
Poderá não mais fundar nem gregos nem baianos  
Mães zelosas, pais corujas  
Vejam como as águas de repente ficam sujas  
Não se iludam, não me iludo  
Tudo agora mesmo pode estar por um segundo  
(Gilberto Gil)*

*A expectativa confiante ou esperançosa é uma força curativa  
com a qual na realidade temos que contar em todos nossos  
esforços terapêuticos ou curativos  
(Freud)*

Antes mesmo de iniciar uma análise ou realizar uma consulta terapêutica<sup>93</sup>, o paciente, seja criança ou adulto, carrega uma crença de que o analista consiga lhe auxiliar e que pode confiar naquilo que vai ser oferecido, em termos de cuidado. O ato de ir ao encontro de um analista evidencia o vislumbre da confiabilidade no outro e a esperança de regenerar o seu estado adoecido. O papel do profissional deve ser acolher esses sentimentos naquele que lhe procura e, após a primeira sessão: “Naturalmente a criança pode sentir-se mais compreendida do que realmente foi, mas o efeito terá sido o de haver dado à criança alguma esperança de ser compreendida e talvez até mesmo de ser ajudada” (Winnicott, 1971, 1984, p. 13).

Sobre esse aspecto, Winnicott (1965b, 1994) descreve o caso Patrick, um menino que perdeu o pai no seu aniversário de 11 anos e teve uma resposta emocional tardia à tragédia.

---

<sup>93</sup> De modo geral, as consultas terapêuticas se referiam a atendimentos breves (de 1 a 3 encontros) que Winnicott realizava para pessoas que vinham de outras cidades, sem perder de vista o método clínico. Os pacientes eram aqueles que se realizava uma escuta, acompanhamento específico e uma forma de intervenção com objetivo de engendrar mudanças nas respectivas organizações psicodinâmicas. Na visão do psicanalista, isso seria: “qual é o mínimo que se precisa fazer?” diante de um curto espaço de tempo (1965b, 1994, p. 261). Quando ele notava que em determinados casos, era necessário um maior tempo de trabalho, a indicação passava a ser uma análise.

Embora o início de sua doença tenha ocorrido antes desse episódio, devido a uma série de separações precoces com a mãe, ela se manifestou plenamente ao lidar com essa perda significativa. Mesmo nessa difícil circunstância, ele acreditava na existência de pessoas confiáveis ao seu redor, fazendo o psicanalista observar que “esta sua fé podia ser usada, se necessário, para fins terapêuticos” (p. 272). Dessa forma, deve-se aproveitar essas crenças prévias que manifestam o impulso para a vida do paciente no intuito de agir terapêuticamente.

Para isso, é preciso criar um espaço de análise que reproduza um ambiente suficientemente bom para atender às necessidades do indivíduo. Se essa adaptação for bem realizada, há a transmissão e o despertar de vitalidade, criatividade e esperança para a dupla terapêutica, como afirmam Cesar e Ribeiro (2020). Para as autoras, o vínculo vitalizador entre analista-analisando seria um convite para a vida “e para a esperança de um porvir fértil, rico de possibilidades e novidades, de amplos e extensos territórios do viver” (p. 9).

Contudo, caso o ambiente seja invasivo e não acolha a espontaneidade do paciente, a vivência criativa é interrompida, por exemplo, quando o analista é intrusivo e lança uma interpretação antecipada, o paciente não irá senti-la como uma descoberta criativa, e essa impossibilidade no *setting* pode resultar na quebra de confiança e no sentimento de desesperança, pois a interpretação, tal como o objeto, só é boa se for criada e encontrada por ele, caso contrário, pode cair no vazio de sentido (Phillips, 1988, 2006). Já um analista que permite o vir a ser do analisando, sem prepotência ou necessidade de ser astuto, torna-se a analogia de uma mãe que permite que o seu bebê seja uma majestade ou “Deus” no tempo devido:

Hoje, nesta tarde, um paciente — um paciente que está chegando perto do final da análise — me trouxe um sonho e, de repente, percebi antecipadamente uma solução de onde ele estava chegando, de maneira que lhe disse a minha ideia de onde ele se encontrava, e ele ficou muito insatisfeito com que o sonho que havia trazido, com os próprios significados dele, houvesse sido tratado dessa maneira. Ficou completamente zangado comigo, completamente *desesperançado*, e perguntou: “Quando é que você vai aprender?”. Se eu estava certo, havia-lhe tirado a oportunidade de ser criativo, de trazê-lo da vez seguinte e após; se estava errado, interrompera a chegada dele a uma importante compreensão através desse sonho (WINNICOTT, 1990, p. 442, grifo nosso).

Sem as intrusões, o paciente pode encontrar um estado de repouso junto à presença do analista, e é essa possibilidade de relaxar que propicia o contato com uma certa desordem interna (*nonsense*), uma espécie de ausência de sentido, que leva ao alcance da criatividade. O analista deve suportar isso, sem exigir uma comunicação sobre esse estado, pois o discurso já seria uma espécie de organização do caos. Se não for possível lidar com a desordenação e o

momento do paciente não for respeitado, a desesperança pode emergir, o que pode levá-lo a perceber falhas na provisão ambiental, desdobrando-se na quebra da sua confiança (Winnicott, 1990). Podemos encontrar uma similaridade dessa situação em algumas espécies de lagarta, que, ao serem tocadas de forma invasiva e inesperada, rompem o seu estado relaxado e se encolhem, como forma de proteção.

Esse é o tipo de experiência que acontece na história de vida dos pacientes limítrofes e psicóticos, como nos lembra Dias (2005). Na história deles, houve falhas nos processos de contato com o mundo e consigo mesmos, uma vez que foram expostos muito cedo a uma realidade “nua e crua”, sem poder habitar o seu mundo subjetivo, que deveria ser como uma morada para o relaxamento do eu.

Diferentemente do que aconteceu em uma situação clínica vivida por mim, na qual um pré-adolescente, que estava às voltas com difíceis turbulências na vida escolar e familiar, ao chegar no consultório, me solicitou: “A gente pode só ficar calado aqui?”. Ficamos, portanto, o restante da sessão em silêncio, na companhia um do outro, vivendo um repouso compartilhado a partir do gesto espontâneo do jovem.

Para que esse tipo de acolhimento se dê nos atendimentos de casos difíceis, como os do falso *self* patológico, o analista deve, primeiro, reconhecer a não-existência do paciente em vez de trabalhar com base nos mecanismos de defesa do ego, o que seria uma tarefa secundária. Nesse tipo de manejo, de acordo com Winnicott (1960a, 1983), há a possibilidade de estabelecer um real contato com o paciente ou com sua versão de um falso *self*, ou seja, o analista não deve “confrontar” o falso *self* patológico, e, sim, acolhê-lo, para que haja a possibilidade de um caminho para o contato com o verdadeiro *self*, embotado e congelado, que espera ser encontrado. Talvez seja possível pensar que essa defesa é um ato paradoxal de desespero e de esperança frente às falhas ambientais, pois o verdadeiro *self* permanece protegido, apesar de oculto, afinal de contas, é esse mesmo falso *self* patológico que leva o indivíduo à análise, na esperança de ser ajudado.

Dentro desse aspecto, o autor relata ter atendido um paciente cuja análise anterior se baseava no seu eu defensivo e seu antigo analista desconhecia seu *self* integral. A partir disso, o homem enunciou para Winnicott: "A única vez que senti esperança foi quando você me disse não ver esperança e continuou com a análise" (Winnicott, 1960a, 1983, p. 139).

Nesses casos e em outros, o manejo da regressão à dependência é vivido pelo analisando com esperança, pois agora as falhas podem ser evocadas dentro de um entorno com capacidade de sustentar a retomada do seu amadurecimento emocional. A obtenção de um

bom resultado na função de cuidado ocorre ao facilitar o aparecimento do verdadeiro *self* que estava na espera de ser encontrado. Nessa perspectiva, para Winnicott (1954, 2021), a doença ou o sintoma, na verdade, expressam uma saúde interior, pois a partir deles há a busca de uma provisão ambiental pela via da regressão. O autor complementa, em outro texto, o seguinte:

A regressão representa a esperança do indivíduo psicótico de que certos aspectos do ambiente que falharam originalmente possam ser revividos, com o ambiente dessa vez tendo êxito ao invés de falhar na sua função de favorecer a tendência herdada do indivíduo de se desenvolver e amadurecer (WINNICOTT, 1959-1964, 1983, p. 117).

Rocha (2007), ao fazer uma leitura de textos com referência às ideias winnicottianas<sup>94</sup>, lembra que o trauma vivido provoca o retraimento do eu que pretende encontrar uma regressão. Quando esse caminho regressivo funciona bem na análise, faz com que a confiança em si, no outro e no seu meio retorne. Porém, quando a regressão revitalizante não é acolhida da melhor forma, quando o analista não cumpre o seu papel de ambiente suficientemente bom, reencena-se uma cisão e o conteúdo infantil traumatizado fica congelado e dissociado, no qual uma parte do psiquismo pode crescer e se tornar autônoma em relação à outras, uma realidade pertencente aos pacientes esquizoides, borderlines, narcisistas e falso *self*.

Além desses tipos de adoecimentos, Winnicott (1956b, 2021) afirma que, no acompanhamento de indivíduos que apresentam a *tendência antissocial*, o paciente também convoca o ambiente a cuidar das falhas passadas. Há um chamado carregado de esperança no intuito que o entorno volte a ser importante para o seu desenvolvimento, sendo assim, é tarefa do analista se envolver nos impulsos inconscientes do paciente para poder trabalhar em termos de manejo, tolerância e compreensão. Nessa tarefa, o terapeuta acolhe e ajuda a retomar o crescimento emocional que fora interrompido, então os trabalhos psíquicos (a exemplo do sonho e humor) podem voltar a aparecer como expressão do retorno da saúde.

O autor vai dizer que, frente aos desafios do manejo clínico dos antissociais, os impulsos inconscientes do paciente devem ser entendidos como um pedido de socorro para que alguém se encarregue dos cuidados necessários, por isso o analista deve suportar os ataques agressivos e outras desordens que apareçam no *setting*. Todo e qualquer gesto ou palavra devem ser traduzidos como uma manifestação da esperança e da confiança em se restabelecer emocionalmente. É por isso que essas pessoas precisam estar acompanhadas de alguém que

---

<sup>94</sup> Um dos textos de referência do autor é *O paciente sem esperança e a recusa da utopia*, de Figueiredo (2018), o qual vamos discutir em alguns trechos desta seção.

tenha disposição de olhar para o seu passado e as privações sofridas. Só assim elas vão poder continuar a vida de um modo que valha a pena ser vivido.

Nas situações clínicas em que os pedidos de cuidado não são escutados, a criança se vê obrigada a cuidar do ambiente, ao invés do contrário, existindo uma inversão das posições. As dificuldades emocionais dela se dão pelas constantes reações e submissões às variações de humor da figura materna. Nesses casos, Phillips (1988, 2006) sublinha que o indivíduo “deve sempre cuidar dela [a mãe] na esperança de conseguir, finalmente, estabelecer a mãe que precisa para o seu próprio crescimento”. O autor continua e diz que, apesar disso, existe uma esperança de encontrar um ambiente em que o processo maturacional possa começar novamente.

Winnicott (1960, 2011) afirma que, nos momentos em que essa dinâmica se torna extrema e sem saída, a única solução é afastar as crianças de lares adoecidos e ambientes destrutivos para que, em um movimento duplo, a esperança do paciente e do analista seja resgatada. No entanto, ele trata a esperança de cura do paciente, por parte do analista, como algo que deve ser contido e anuncia os desafios que esses casos impõem:

Esses relatos de casos revelam um aspecto do inevitável *desespero* que acompanha o trabalho clínico. Às vezes, quando confrontados com patologias severas, nada temos a fazer senão esperar que as coisas sigam seu rumo e, talvez, a família se desfaça ante a tensão; às vezes temos a missão de pôr fim a uma situação familiar antes que ela se deteriore ainda mais; em outros casos tentamos lidar com a confusão existente. Com excessiva frequência não nos é dado ter qualquer *esperança*; temos de aceitar o fato de bom grado, pois não faríamos qualquer bem em cairmos, também nós, na paralisia decorrente do desespero (WINNICOTT 1960, 2011, p. 61, grifo nosso).

Inclusive, o autor mantém essa posição de cautela em ter esperança quando mães apresentam dificuldades psíquicas graves e não conseguem cuidar dos seus bebês. Ele reflete que se as mães não podem ser ensinadas – o que talvez pudesse gerar alguma esperança de mudança – não há muito o que se fazer, pois: "temos de depositar nossas esperanças nos casos mais ou menos normais" (Winnicott, 1950, 2011, p. 23). Em determinado momento da discussão, o autor parece ser radical e desesperançoso ao afirmar que os filhos advindos de lares gravemente adoecidos só podem ter esperanças de melhora caso os pais, efetivamente, morram. Ainda mais se ambos os pais forem gravemente adoecidos, o que deixaria a criança mais desamparada.

Figueiredo (2018) retrata que em cenários como esse, a desesperança do paciente, advinda de relações insuficientes e traumáticas com objetos primordiais, atinge, diretamente, a esperança do analista e a sua criatividade no trabalho clínico. Esse aspecto ressalta o caráter

intersubjetivo dos fenômenos, ou seja, a ênfase a ser dada na dupla, na relação, no encontro e não apenas em níveis individuais e intrapsíquicos: a des-esperança de um recai sobre o outro<sup>95</sup>.

Os pacientes que são atravessados pela desesperança estão a todo momento na presença de uma forte angústia, agonia e desespero, como podemos observar nos ataques de ansiedade e de pânico. Esse estado pode ser tão forte a ponto de o indivíduo aniquilar fervorosamente qualquer sinal de aparecimento da esperança. Ele não somente deixa a sua esperança morrer, como também a de todos aqueles que estão ao seu redor, incluindo o analista, de acordo com o autor.

Figueiredo (2018) ainda afirma que o modo possível de trabalho clínico é o reconhecimento e legitimação da desesperança, seguida de um contato e comunicação direta e firme com ela. Assim, o analista pode fazer com que a esperança não seja enforcada pelo desespero e voltar a sustentar a continuidade do processo. Guiadas por essas reflexões, Cesar e Ribeiro (2021) consideram que o manejo deve ser o de não desmentir o vivido inundado de desesperança, e sim admitir, testemunhar e se manter presente mesmo em meio ao caos. Por isso, não se luta contra a desesperança congênita com “injeções de ânimo” ou otimismo vazios que se tornam torpes enganos, mas sim, pela capacidade de confrontá-la e falar das suas formas mais tortuosas, o que inclui tudo o que não é esperançoso.

Dentro dessa discussão, Cesar e Ribeiro (2020) afirmam que no percurso terapêutico, dentre outras coisas, a capacidade de analisar os conflitos arcaicos e os efeitos favoráveis na vida do paciente pode ter influência sobre o sentimento de esperança no analista, pois as elaborações realizadas no *setting* podem vitalizar o processo.

Além do mais, as autoras relatam que para conseguir trabalhar e viver, o analista deve ter o seu *princípio esperança*<sup>96</sup> preservado, ou seja, possuir recursos e reservas psíquicas no

---

<sup>95</sup> Sobre a discussão da esperança como um fenômeno que faz parte da relação transferencial indico o artigo “Hope and Hopelessness: a technical problem?” de Mehler e Argentieri (1989). Apesar de não seguir uma linha estritamente winnicottiana, as autoras refletem como a desesperança do paciente pode “contaminar” o espaço analítico, ao mesmo tempo em que a verbalização disso, por parte do analista, pode servir como uma intervenção terapêutica e abertura esperançosa para novas saídas. Elas elucidam um caso que a analista sentia que estava sendo arrastada para um abismo mortal devido ao desespero do paciente e ela explicitou isso para o analisando da seguinte forma: “receio que também não posso evitar, estou disposta a caminhar à beira do abismo e, como temos feito o tempo todo, tentar ver as coisas juntos, mas não vou pular com você. Sentirei muito se o fizer, mas vou deixá-lo ir sozinho... esta é sua escolha e não posso impedi-la. Posso ajudá-lo a ver e compreender; tudo já foi dito e não posso fazer mais nada, o resto é com você” (p. 299, *tradução nossa*). O paciente tomou um susto nesse momento, e tentou convencer a analista que ainda precisava dela, mas o *turn point* do processo analítico se deu quando ele percebeu que a análise não podia mais se manter numa dimensão sem saída, atemporal e imutável no estado de profunda falta de esperança vivido anteriormente. Pela honestidade da analista e continuidade da sua presença, a mudança se tornou possível.



intuito de sustentar a sua própria esperança para cuidar suficientemente bem dos “doentes de desesperança” (Cesar, 2019). Somente dessa maneira ele vai conseguir realizar o elã vital para resgatar aqueles que estão aprisionados às suas vivências de quase-morte. O que o analista concede é uma esperança na sua forma mais genuína, viva e “encarnada” (Cesar e Ribeiro, 2021).

Dessa forma, é preciso que o analista possua uma fé em si mesmo e nas pessoas, uma “crença na natureza humana e nos processos de desenvolvimento para que algum trabalho possa ser feito, e isto é rapidamente percebido pelo paciente” (Winnicott, 1954, 2021, p. 466). Uma fé essencialmente profana, visto que a fé religiosa é uma variedade clínica do si mesmo, do humano.

De acordo com Cesar e Ribeiro (2021), uma abordagem esperançosa para os casos mais graves é temporalizar o sofrimento, utilizando a expressão “vai passar”, para comunicar e transmitir, de maneira sincera, a esperança de que os males, terrores e angústias vividos, e que ocupam todo o espaço psíquico e corpo do indivíduo, eventualmente, podem dar lugar a algo bom. Parece que a ideia das autoras se articula com a seguinte colocação de Winnicott (1949, 2021): "faz parte desse sentimento de desesperança a intolerável experiência de sofrer o efeito de algo sem ter a mínima ideia de quando isto irá terminar" (p. 342).

São as catástrofes dos desencontros primordiais que promovem a incapacidade da transitoriedade do sofrimento, de esperar ou de ter esperanças em alcançar uma vida pessoal. Portanto, oferecer futuros é uma função do analista, como sinalizam Cesar e Ribeiro (2021). Dessa forma, podemos refletir que:

O tempo, se não é só tempo-passado com seus grilhões paralisantes, se não é só presente sem perspectiva de caminhar, se não é só futuro quando corremos o risco de voos e devaneios sem pouso, constitui abrigo: sustenta-nos na esperança, na capacidade de esperar (CESAR E RIBEIRO, 2021, p. 139).

Para ilustrar essa questão, cito o caso de Sam Berns, um jovem americano que foi diagnosticado no início da vida com Progeria, uma doença rara de envelhecimento rápido. Ele refletiu em uma palestra sobre como a sua capacidade interna de saber que as agonias podiam passar, o ajudou a lidar com diversas turbulências e impasses causados pela sua síndrome. Houve um episódio em que ele estava muito doente, com um resfriado forte e ficou no hospital por alguns dias, isolado de todos os aspectos de sua vida que o fazia sentir ser ele mesmo e que formavam a sua identidade. Em determinado momento, ele disse: "Mas saber

---

<sup>96</sup> Ideia proposta por Figueiredo (2018) que discutimos no tópico 5.1.

que eu ia melhorar e ansiar por um momento que me sentiria bem novamente me ajudou a seguir em frente”.

Nem todos os pacientes que chegam à análise tem essa condição instalada em si, por isso, o estabelecimento da confiança no analista e no espaço terapêutico é imprescindível para ajudá-los a acreditarem que a dor sentida, como se não tivesse fim, pode realmente passar. Essa confiança no outro tem base na própria crença do analista de que as coisas podem mudar e na sua disposição em viver a dor junto com o analisando, sem negá-la (Cesar, 2019). Mesmo que alguns casos provoquem desesperança no analista, entendemos que a real esperança pode estar escondida, de forma silenciosa ou colérica, e o que esses pacientes necessitam é de uma presença esperançosa, sem que os traumas invasivos ou de abandono do passado sejam repetidos. Nesse mesmo viés, Ferraz (2019) afirma que:

Winnicott nos brindou com a descrição psicopatológica da perda da esperança – algo extremamente novo em psicanálise – para lembrar aos analistas que uma de suas grandes tarefas é a capacidade de sustentar o paciente para que seja capaz de constituir esperança em si mesmo, no mundo e na vida (FERRAZ, 2019, p. 8).

Para o autor, os pacientes com o si-mesmo cindido, com o eu abarrotado de defesas, que se dirige a um movimento de retração, vão precisar do “suporte da esperança do analista” (p. 5) , na espera de conseguir que o seu gesto espontâneo, originado da sua criatividade primária não seja violado. Com base no par esperança-esperar, o indivíduo pode se conectar à vida de um modo que se sinta vivo.

No filme *A vida é bela*, se pensarmos em Guido na posição de analista, vemos que mesmo tendo a sua esperança abalada e sua vitalidade esmorecida pela realidade terrífica, ele conseguiu manter a esperança do filho ao favorecer entre eles a capacidade de criar e brincar. O jogo não negava o cenário de guerra, mas incluía os elementos presentes dentro do espaço transicional. Nos momentos de desesperança do filho, o pai o resgatava, para que ele não fosse morto (literalmente), mas podemos pensar em uma salvação da morte psíquica, caso o menino entrasse em contato com a atrocidade da guerra. Entre eles era vivida uma esperança de que, mesmo diante de tamanho terror, a vida ainda valia a pena ser vivida.

Nessa lógica, o brincar pode ser um meio que propicia a saída dos impasses de desesperança na psicoterapia, pois promove a busca e a descoberta do *self*, do viver criativo, além de ser uma forma de contato entre analista e analisando. É pelo brincar que o bebê-paciente pode desvencilhar-se do seu campo onipotente e reconhecer a alteridade da mãe-analista, usando-a criativamente em uma realidade subjetiva compartilhada.

Para Winnicott (1971, 1975), na análise, as interpretações seriam secundárias ao valor que o brincar carrega, pois elas poderiam criar um caráter de submissão ao paciente, pelo sentimento de invasão e verdade que vem do outro, sem encontrar aquilo que ele mesmo criou. Por isso, a psicanálise deve ser lembrada como uma área em que se brinca:

A psicoterapia se dá pela sobreposição das duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia diz respeito a duas pessoas que brincam juntas. O corolário disso é quando o brincar não se torna algo possível, o esforço do terapeuta volta-se para o resgate do paciente do estado de não ser capaz de brincar para um estado de ser capaz de brincar (WINNICOTT, 1971, 1975, p. 38).

Boraks (2008) afirma que o brincar transformador, na relação analítica, se rompe quando o paciente se sente impedido de usar o analista para se conectar, espontaneamente, com o si mesmo, e completa: “usar o analista é, em si, um sinal de vitalidade, quando isso não é possível, surgem sinais de dispersão e de desesperança quanto à possibilidade de alcançar uma existência mais plena” (p. 116). Quando não há condições de brincar nem de fazer esse uso é quando a área de criação se perde e os sentimentos de desesperança se manifestam. A desvitalidade crônica se daria pela incapacidade de brincar, porque os processos criativos estariam interrompidos, seja entre mãe e bebê ou analista e analisando. Na canção de Gil (1982), criada no espaço potencial da arte, podemos encontrar a síntese de todos os elementos discutidos nesta seção:

Drão/ O amor da gente é como um grão/ Uma semente de ilusão/ Tem que morrer pra germinar/ Plantar nalgum lugar/ Ressuscitar no chão/ Nossa semente/ Quem poderá fazer/ Aquele amor morrer! / Nossa caminhada/ Dura caminhada/ Pela estrada escura/ Quem poderá fazer/ Aquele amor morrer/ Se o amor é como um grão! / Morrenasce, trigo/ Vivemorre, pão.

A partir da canção e das formulações de Cesar e Ribeiro (2020), tomo o amor como uma representação do encontro com os cuidados vivos e adaptações às necessidades providas pelo ambiente, que precisam ser, constantemente, semeados, o que resultaria no sentimento de estar vivo para o bebê-paciente. As autoras referem que o amor da mãe vincula e transmite vitalidade e confiabilidade ao seu filho e completam essa ideia dizendo que “ambos estão ligados, assim como a transmissão da esperança: a experiência fundamental de intimidade e da alegria (a alegria de estar em contato, no início primordialmente físico) com seu filho” (p. 12). O amor, em seu aspecto vitalizador, como função analítica<sup>97</sup>, e não como

---

<sup>97</sup> Para Cesar e Ribeiro (2020), essa função se caracteriza por incluir, na experiência da vida, os movimentos de vitalização e desvitalização, o que implica considerar não só os momentos de alegria e prazer no sentimento de estar vivo, mas, igualmente, os episódios de dor, perda e sofrimento. Isso se daria na sustentação da ambivalência em relação à vida e ao existir, entre a esperança e o acolhimento da desesperança do paciente,

sentimentalismo, promoveria a esperança e criatividade a partir da disponibilidade afetiva para cuidar e uma comunicação receptiva e autêntica com o paciente.

A esperança e criação conjunta, nesse sentido, seria o próprio grão. Uma ilusão<sup>98</sup>, como Gil aponta, mas, ao mesmo tempo, uma aposta na vida, um amor àquilo que o indivíduo é e sente, independentemente do que seja. Muitas vezes, morre pela instalação coagulada da desesperança e desvitalização, em que o vazio se encena no *setting*, mas viver a morte, muitas vezes, se torna necessário para o renascer psíquico.

No trabalho clínico deve-se encontrar formas de fertilizar o terreno, mesmo que seja um trabalho duro e difícil, muitas vezes, sem muitos adubos e iluminação ao longo do caminho. Nesse sentido, a esperança e a criatividade, “morrenasce, vivemorre” a todo instante na clínica e na dupla, pois a vida e a morte são como dois lados da mesma moeda, a frente e seus avessos, mas é a experiência dessas transições que permite, verdadeiramente, o genuíno viver e o estar vivo.

Nesses aspectos, podemos refletir que a criatividade e a esperança se mostram como elementos da constituição psíquica e que são fenômenos presentes na relação analítica. Esses fenômenos seriam combustíveis fundamentais da análise, o que fica evidente no trabalho com os ditos “casos difíceis”, mas que podem ser, igualmente, vivenciados por diferentes subjetividades. Embora frequentemente ocorram intercorrências, como a emergência de dinâmicas de submissão e desesperança, o ambiente de análise pode estimular aspectos vitais que o indivíduo ainda não experimentou e integrou ao seu ser.

---

sendo uma possibilidade para que a dupla se sinta mais viva. Nesse sentido, a função vitalizadora pode ser entendida como uma função macro que acolhe aspectos micro: a criatividade, a esperança e seus fenômenos correlatos, tais como a submissão e a desesperança.

<sup>98</sup> A descrição de ilusão nesse trecho não se refere à noção winnicottiana, mas ao seu sentido coloquial, como descrito na canção.

## 6 – A CRIATIVIDADE E A ESPERANÇA NAS BASES DO VIR A SER: UM ENCONTRO POSSÍVEL?

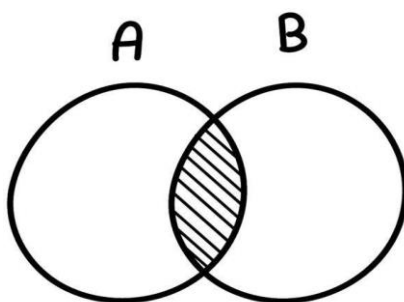
Vimos, ao longo de todo o capítulo sobre a teoria winnicottiana, que a área de ilusão parece constituir a esperança e a criatividade primária e, a partir dela, podemos pensar ambos os fenômenos em ligação, assim como a submissão e a desesperança estariam em oposição ao ser.

Caso imaginemos círculos que se interseccionam, como na operação dos conjuntos matemáticos, ilustrada no desenho abaixo, a região riscada poderia representar a experiência de ilusão de onipotência, como o resultado de um encontro harmônico do bebê com a sua mãe. Na área superposta, estaria presente a criatividade e a esperança, como um enlace, potentes a surgir, caso a adaptação do ambiente às necessidades do bebê sejam vivenciadas.

Já a desesperança e a submissão estariam em oposição e em órbita, situadas nas áreas brancas e vazias do conjunto A e B (indivíduo e ambiente). Também o contrário pode acontecer, quando a criatividade e esperança não estão ligadas ao ser, devido a um mau encontro com o ambiente. Nesse caso, seria o inverso: elas estariam em órbita e a desesperança e a submissão tomariam conta do indivíduo, tal como podemos observar a seguir:

Figura 1

Intersecção dos conjuntos A e B



Fonte da imagem: <https://www.preparaenem.com/matematica/operacoes-com-conjuntos.htm>

A superfície que une os dois círculos pode ser pensada como o encontro da criatividade e da esperança, “dois pilares constituintes da subjetividade e são indissociáveis, tendo sua origem no encontro com o objeto primário: a mãe que vai ao encontro da

necessidade de seu filho de modo a tornar real o que ele está pronto para criar” (Cesar e Ribeiro, 2021, p. 133).

É importante destacar novamente que a criatividade e a esperança nunca são perdidas completamente. Mesmo nos indivíduos submissos e desesperançados, elas estão como um eterno vir a ser, pois relacionam-se com o impulso para a vida que a natureza humana carrega. Por isso, a desesperança e a submissão podem ser substituídas (ou até estar entrecruzadas) pelos fenômenos da criatividade e da esperança, a depender da relação do eu com o meio.

Agora, utilizarei um exemplo da literatura e outros dois da mitologia para finalizar as questões sobre esses fenômenos, no qual um não pode ser pensado sem o outro.

O primeiro se refere à Divina Comédia, poema de Dante (1896, 1988), que retrata a passagem dele e do personagem Virgílio (poeta romano) pelo inferno, sendo esta a primeira parte do escrito. Inicialmente, o personagem encontra-se perdido quanto ao rumo que deve tomar, mas encontra Virgílio, que passa a ajudá-lo nessa jornada pelo inferno e pelo purgatório até alcançar o paraíso.

Quando chegam na frente dos portões do inferno, ambos encontram uma mensagem escrita no alto do portal: “Por mim chega-se à cidade dolente/Por mim chega-se à eterna dor/Deixai aqui toda esperança, vós que entrais”. Com essa frase, o inferno parece ser esse espaço que asfixia a criatividade, no qual se vive o desespero, a desesperança e a agonia das “almas sofredoras”.

Apesar de Dante parecer tomado pelo horror de realizar essa passagem, Virgílio o encoraja e diz que ele não se assemelha às almas existentes ali e, então, segura sua mão para lhe transmitir confiança, sorri e o guia em direção à entrada. Ao se confrontar com a dor, prantos e gritos terríveis dos que habitam aquele local – que, de tão escuro, é impossível enxergar as estrelas – Dante chora copiosamente e, dentre algumas dúvidas, pergunta ao seu mestre a que pena tão dura aqueles pobres coitados estão submetidos para que lamentem tanto. Ao passo que Virgílio responde: “Te direi em poucas palavras. Estes espíritos não têm esperança de morte nem de salvação. O mundo não se lembrará deles, a misericórdia e a justiça os ignoram”.

A partir desse pequeno relato da obra, poderíamos pensar numa metáfora de como vivem os pacientes sem esperança. Com um sofrimento agônico e penoso, convidam o analista a sentir a dor empaticamente e inundam o espaço analítico de desesperança. Seria como Dante, que derramou lágrimas sobre o próprio rosto quando se sentiu arrastado pelas almas e imerso nesse “inferno”? As almas em sofrimento teriam, em si, o embotamento da criatividade e da

esperança e, por isso, só existiriam no vagar sombrio das trevas, tendo perdido a capacidade de ser? Se a esperança é o que torna alguém humano, do ponto de vista ontológico, seria por isso que as almas representam justo a desesperança? Assim, sem a criatividade e a esperança não existiria sentido ou significado para as coisas da vida, tal como as almas, extirpadas de um corpo?

Com esses questionamentos, é possível refletir que adentrar no inferno é sinônimo de abandonar a esperança, ou seja, abandonar a vida e suspender o viver criativo. Se refletirmos sobre o trabalho clínico, é preciso que, em muitos momentos, possamos ter a condição de *nos mantermos vivos, bem e despertos*<sup>99</sup> para atravessar o “inferno” junto ao paciente, oferecendo-lhe mão e olhar seguros, assim como fez Virgílio com o seu aprendiz. Juntos, eles viveram uma desesperança mortífera, mas que, posteriormente, por terem continuado a jornada, alcançaram o paraíso – como fruto da criação divina –, recuperando, dessa forma, a capacidade de criar e de ter esperança, que estava latente, mas necessitava do encontro sintônico da dupla, regado de cuidado e confiança, para emergir.

Podemos nos voltar, ainda, para o mito da Caixa de Pandora, criado para explicar a razão de existirem os males terrenos. Zeus, o maior de todos os deuses, revoltou-se com Prometeu, pois este resolveu entregar aos homens a capacidade de controlar o fogo. Como forma de vingança, Hefesto, a mando de Zeus, criou sua primeira mulher, Pandora. Ela foi feita no céu e era uma bela jovem, cheia de dons concebidos pelos deuses (sabedoria, bondade, generosidade, dentre outros). Logo em seguida, ela foi encaminhada para a Terra e oferecida para se casar com o irmão de Prometeu, Epimeteu, que aceitou bem a chegada dela.

Uma das versões da história conta que, junto com Pandora, foi entregue uma caixa contendo todos os males que poderiam existir no mundo. Ela foi sinalizada que não poderia, em hipótese alguma, abrir o objeto. Curiosa com o que havia dentro, Pandora abriu e liberou as diversas desgraças e pragas que atormentam a humanidade até os dias atuais, como as doenças, as guerras, a inveja, o ressentimento e o ódio. Zeus encontrava-se realizado, sua vingança contra Prometeu se efetivara.

Ao perceber o que havia feito, Pandora fechou rapidamente a caixa. A maioria das coisas que estavam dentro já havia se espalhado pelo mundo, mas a única que foi preservada, em seu

---

<sup>99</sup> Frase em referência a seguinte citação de Winnicott (1962b, 1983): “Ao praticar psicanálise, tenho o propósito de me manter vivo, me manter bem, me manter desperto. O objetivo é ser eu mesmo e me portar bem. Uma vez iniciada uma análise espero continuar com ela, sobreviver a ela e terminá-la. Gosto de fazer análise e sempre anseio pelo seu fim. A análise só pela análise para mim não tem sentido. Faço análise porque é do que o paciente necessita” (p. 152).

fundo, foi a esperança, por isso é “a última que morre”. A partir desse mito, Bulfinch (2002) destaca que: “(...) sejam quais forem os males que nos ameacem, a esperança não nos deixa inteiramente; e, enquanto a tivermos, nenhum mal nos torna inteiramente desgraçados” (p. 22).

Por ser a última a morrer, a esperança pode ser pensada, de fato, a partir de um caráter constitucional? Ela permanece ali, no fundo (do psiquismo), intacta, mesmo que misturada a tantos males, conservando o seu caráter vital. Para emergir, precisa de um outro que vá ao seu encontro e abra a caixa, este objeto que precisa ser criado e encontrado. Sendo a morte da esperança equacionada à morte do indivíduo, seria por isso que a esperança permaneceu no fundo da caixa, para preservar a vida? Será que a sua sobrevivência ofereceu um sentimento aos homens e aos deuses de que ainda era possível viver e criar, apesar das tragédias no mundo? Será que Pandora, a partir dos seus dons, pode ser pensada como representante do ser criativo, por salvar a esperança?

Bem, essas são algumas questões para pensarmos os encontros e desencontros da vida e em como a esperança e a criatividade ou a desesperança e a submissão se manifestam a partir das aberturas e fechamentos das caixas que construímos na relação com o outro.

Ainda no campo da mitologia, Clio, que significa “proclamadora”, era a musa da história e da criatividade. Ela era filha de Zeus e Mnemósine, deusa da memória. A diva possuía uma exímia eloquência e era responsável por divulgar e celebrar realizações. Comumente, reunia-se com mais oito deidades à fonte Hipocrene, nascente de inspiração poética, para reger as artes e ciências, inspirar os governantes e estabelecer paz entre os homens. Clio é representada por uma jovem com coroa de louros, que possui, na mão esquerda, uma trombeta e, na mão direita, um livro com o nome "Thucydide".

A partir da figura de Clio, poderíamos refletir sobre a trombeta que está em sua posse como um objeto-símbolo da anunciação<sup>100</sup>? Algo que presentificaria a mensagem que está por vir, tal como o objeto transicional que mantém a presença da mãe, mesmo ela não estando lá, na esperança do seu futuro retorno. Algo que contém a crença de que o objeto será encontrado, assim como os homens esperam deparar-se com a mensagem a ser entoada pelos clarins das divindades. Um objeto que representa a espera sem angústia ou a esperança. Como representante da criatividade, poderia Clio ser pensada como proclamadora da esperança? E

---

<sup>100</sup> A descrição da trombeta como símbolo da anunciação pode ser encontrada nos escritos bíblicos.



como filha da deusa da memória, a criatividade estaria amparada nas lembranças de amor do passado para conseguir trilhar um futuro?

Talvez, uma proclamação ou anunciação do encontro sintônico propicie a criatividade e a esperança, sendo manifestado pelo soar das trombetas ou dos sinos celestes, assim como Valença (1983) declara poeticamente na música *Anunciação*: “na bruma leve das paixões que vêm de dentro/tu vens chegando pra brincar no meu quintal/no teu cavalo, peito nu, cabelo ao vento/e o sol quarando nossas roupas no varal/a voz do anjo sussurrou no meu ouvido/eu não duvido já escuto os teus sinais/que tu virias numa manhã de domingo/eu te anuncio nos sinos das catedrais/ tu vens, tu vens/ eu já escuto os teus sinais...”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: NO CAMINHO ENTRE PEDRAS E ROSEIRAS, UM POEMA

*Não te deixes destruir...  
Ajuntando novas pedras  
e construindo novos poemas.  
Recria tua vida, sempre, sempre.  
Remove pedras e planta roseiras e faz doces.  
Recomeça.  
Faz de tua vida mesquinha um poema.  
E viverás no coração dos jovens  
e na memória das gerações que hão de vir.  
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.  
Toma a tua parte.  
Vem a estas páginas  
e não entres seu uso  
aos que têm sede.  
(Cora Coralina)*

A vida parece ser um incessante trabalho de remover e ajuntar pedras, plantar e colher roseiras, ferir-se com espinhos e transformá-los em poemas, ou seja, um contínuo movimento de não se deixar destruir completamente. As pedras podem se tornar empecilhos para a caminhada, ao mesmo tempo em que são capazes de servir como rastros para ninguém se perder no meio da trilha. Esse trajeto pode guiar para terras fecundas, assim como para solos secos e inférteis, sem a possibilidade de dar flores ou frutos doces.

Recrutar e recomeçar a própria vida, sempre e sempre, como lembra a poetisa goiana Cora Coralina, mais parece um ofício de artista, a escrever versos sobre a dor e a delícia de ser quem se é para compor o dom de existir. Na vida e na clínica, a arte de ser criativo, destrutivo, submisso, esperançoso e desesperançado — todos traços de humanidade — pode ser compreendida a partir dos pensamentos de Melanie Klein e Donald Winnicott, cada um a seu modo.

Capaz de circular nos arcos do visceral e do sensível, Klein provoca um mergulho nos assombros e abismos humanos e nos mais profundos conflitos que uma mente pode alcançar. Em contrapartida, ela demonstra a força da vida, capaz de impulsionar o indivíduo para escapar dos mais terríveis padecimentos ao contornar com letras e imagens aquilo que, muitas vezes, parece incognoscível: a brutalidade e a violência do inconsciente.

No decorrer da pesquisa, infere-se que a indagação, inspirada no poema transcrito na epígrafe deste último capítulo, "como fazer das pedras e roseiras, encontradas no meio do caminho, um poema?" pode se aproximar, se tomarmos como base o pensamento kleiniano, com a intensidade das forças que nos operam, denominadas pulsão de vida e pulsão de morte.

A primeira nos convoca a percorrer estradas vitalizadas, com acostamentos de esperança e pontes de criações. Quando estamos predominantemente nos locomovendo por esse trajeto, Klein diz que estamos no âmbito da posição depressiva. As ansiedades concernentes a tal estado, acerca da culpa de ter ferido quem se ama junto ao medo de perder esse amor, acentuariam as tendências destrutivas e a desesperança. De maneira oposta, a capacidade de cuidar do outro, a partir da lembrança de ter sido cuidado um dia, faz reparar o mal, o que favorece a esperança e a criatividade, mesmo em meio à desordem.

Se guiados prioritariamente pela pulsão de morte, atravessaremos paisagens em ruínas, com esquinas de desesperança e valas de destruição, horizontes pertencentes à posição esquizoparanoide. Nela, a desesperança eclode frente ao terror de um possível aniquilamento de si, enquanto a esperança teria a ver com a possibilidade de alcançar e preservar algo bom, nem que seja uma parte idealizada de si mesmo e do outro.

Um vértice diferente para pensar sobre a pergunta sobre “como transformar em poema as pedras e roseiras encontradas no meio do caminho” é a capacidade de transitar por memórias afetivas. Quanto mais uma pessoa consegue guardar boas recordações por meio de introjeções, – como preservar internamente fotografias de momentos marcantes com os amigos e cartas escritas à mão de quem já se foi –, maior é sua capacidade de sentir esperança e ser criativa no mundo. De outra maneira, Klein chamou a reunião de todos esses elementos de “objeto bom”, o qual ganha condições de existência e permanência a partir da pulsão de vida.

A pulsão de morte, por sua vez, contribui para alguém ser invejoso e faz com que as recordações felizes se percam facilmente, pois, para apaziguar a dor, visa a destruir logo aquele que mais ama e oferece amor. Opõe-se aos que conseguem conservar um cofre com as mais preciosas heranças recebidas na vida e, portanto, sentem mais gratidão.

Resumidamente, a ideia de pulsão de vida cria um mito de origem e relação para muitas coisas, dentre elas a criatividade, a esperança e o amor, enquanto a pulsão de morte é um lugar metapsicológico em que Klein reuniu os sentimentos avassaladores de culpa, desesperança, desespero, destrutividade, inveja e ódio. Quanto mais suportamos esse caldeirão de pressões e forças que estão constantemente em conflito, ligando-se e desligando-se, maior será nossa saúde emocional.

Vale lembrar que vivemos, do começo ao fim, no descompasso e na confluência entre essas duas rotas, e, mesmo que uma delas prevaleça, a outra estará lá como um assoalho, pronto para desatar. Por isso, a inveja, além de visar a destruir a criatividade, também está

ligada à vida, ao desejo de ter e possuir aquilo que é bom. Da mesma forma, em algumas situações, só podemos criar e ter esperanças depois de nos darmos conta da destruição infligida ao outro, para, quem sabe, passar a ter condições de reparar.

Além disso, o que acontece à nossa volta é importante para pensarmos os fenômenos estudados na teoria kleiniana. Quando se trata do nosso mundo, interno e externo, a influência é mútua, então a forma com que as pessoas nos tratam, olham e expressam qualquer particularidade, seja gesto ou palavra, vai ser traduzida de modo específico em nossas fantasias. É como um véu ancorado no corpo, que repousa sobre os nossos olhos e nos faz enxergar o mundo de uma maneira muito particular.

Ainda retomando à pergunta “como fazer das pedras e roseiras encontradas no meio do caminho, um poema?”, na linguagem de Winnicott a que tive acesso, diria que seria preciso, no início da vida, existir outro humano que acolha, alimente, segure e aqueça nosso corpo frágil. Caso isso não aconteça, o bebê pode passar a sentir uma pequena pedra como uma chuva de granizo que o açoita com pontadas agudas. Um adulto, no encontro com uma criança, pode agir como um escudo para suas dores, protegendo-a das tempestades que ela não pode enfrentar sozinha, ou como um ferrenho estimulante para que ela se sinta desamparada.

Desse modo, é imprescindível que sejamos muito importantes para alguém ao nascermos, preferivelmente para uma pessoa que se dedique com apreço e preocupação a cada respiro e passo dado, que tenha a capacidade de mastigar as experiências e colocá-las nas nossas bocas para ajudar na digestão e que fale mais de uma língua para traduzir o mundo somente com palavras que estão ao nosso alcance. Habitualmente, essa pessoa é a mulher que nos gerou ou nos adotou, mas pode ser qualquer um que se proponha a cumprir a função materna, com a capacidade de sentir as nossas necessidades como se fossem suas, mesmo que os nossos anseios sejam turbulentos, conflitivos e mudem a cada instante.

Quando um ambiente é favorável a esse ponto, em sintonia com o bebê, propicia que o mundo seja nossa criação, tornando-nos capazes de vestir a nossa própria pele sem grandes desajustes, sentir que a vida nos atravessa e que somos reais. Assim, tudo o que está ao nosso redor ganha um sentido particular, com o qual podemos brincar. Essa experiência foi nomeada por Winnicott de “criatividade primária” e, na vivência dela, podemos adquirir a capacidade de ter esperança, pois, quando temos registros de cuidados contínuos, fica mais fácil confiar e lembrar que nem tudo está perdido, pois a vida reserva coisas boas, apesar dos infortúnios que a atravessam.

De maneira oposta, quando essas vivências não acontecem, nos retraímos para a vida e, ao invés de ser e fazer no mundo, nos submetemos a ele. Os maus encontros e desamores primordiais se tornam traumas de invasões ou abandonos afetivos alojados no peito, custosos a serem elaborados. Imagine ser um bebê, clamar pela presença viva de sua mãe, mas não ser acudido e olhado nas suas necessidades, resultando no vazio silencioso da desesperança. Ao crescer, essa criança pode adoecer, na esperança de que uma pessoa possa fazer por ela aquilo que não foi atendido pela mãe no passado e, assim, conseguir retornar à vida de modo espontâneo.

No momento em que me debrucei sobre as ideias de Winnicott, percebi que em tudo há vida, inclusive nas aparentes manifestações de morte. Dei atenção à vida como *a arte dos encontros* e atinei para realçar o valor daquilo que acontece na relação, no elo, no vínculo entre duas pessoas. Paralelamente, os desencontros foram sublinhados, e é deles que vêm os esmorecimentos, desatinos, transvios e o lado áspero da vida, que não desliza nem faz liga.

Em linhas gerais, acompanhamos o entendimento de que a criatividade e a esperança não são fenômenos equivalentes, muito menos nas visões de Klein e Winnicott sobre eles, pois se dão por vértices teóricos e clínicos distintos. Apesar disso, pude verificar que, ao descreverem suas ideias, ambos mostram que há morte na vida e há vida na morte, em uma dialética nunca excludente. Ademais, nossas relações iniciais, mal ou bem-sucedidas, podem afetar a predominância de cada fenômeno estudado. Isso ocorre porque as realidades externa e interna exercem influência mútua entre si. Por último, notei que a criatividade e a esperança podem ser uma conquista psíquica para todos, a depender dos fatores envolvidos na vida de cada um.

Uma distinta reflexão feita foi a de que, na teoria e na clínica desses autores, a esperança e a criatividade podem ser tanto visíveis e conscientes, por meio de um sentimento (quando se diz, por exemplo, “tenho esperanças de...” ou “fui criativo quando...”), quanto invisível e inconsciente, ao promoverem cada movimento que realizamos na vida, dos mais corriqueiros, (como acordar) aos mais elaborados (como realizar um trabalho). Sendo assim, com as luzes acesas ou na escuridão, a esperança e a criatividade podem se fazer presentes no nosso espaço psíquico.

Por fim, para fechar essa investigação, foi preciso me distanciar de tudo o que me cerca. Escrevo este texto longe de casa, olhando para uma bela paisagem, na qual vejo um céu com poucas nuvens e ligeiramente alaranjado devido ao pôr do sol. A claridade que emana dele cobre uma longa faixa de areia repleta de altos coqueiros, árvores e arbustos. Esse campo divide as águas do mar, com gradações de verde e azul, e do rio, de matiz marrom. Apesar de

permanecerem distantes por um longo percurso, em um ponto mais longínquo, essas águas se tocam e se fundem.

Imaginemos que, sobre essas águas, navega um pequeno barco cujo motor só pode ser ligado com, no mínimo, dois tripulantes. Quando o par adentra na embarcação, um deles passa a acompanhar o outro na sua travessia, além de ser o guardião da navegação, para que ela não afunde. Da mesma forma trabalha o analista, que navega junto ao seu analisando nas águas de esperança, desesperança, criatividade, destrutividade e submissão. Águas que podem ser translúcidas ou mais turvas, plácidas ou turbulentas, guiadas pelas nascentes de Eros ou Tântatos.

O barqueiro encara os limites da sua pequenez frente à força da natureza, tem notícias da tormenta, tolera as passagens mais tortuosas, realiza seu ofício com afinco, não abandona o seu posto e sustenta a crença de que o curso da correnteza pode mudar. Nesse trajeto incansável, o paciente realiza outra função, não menos importante e laboriosa, mas que o torna capaz de repousar, admirar e conhecer a paisagem que o cerca, ter espaço e tempo para ser, criar, sentir e pensar sobre as suas bem-aventuranças e desventuras, tudo isso na presença de outra pessoa. Ambos estão sintonizados pelas frequências emocionais das ondas, mas o barqueiro deve conhecer as águas suficientemente a ponto de velejar sobre elas, sem deixar o barco afundar. Todos os elementos desse cenário despertam a criatividade e a esperança de ambos os marujos, que não vão ser os mesmos ao chegar no destino.

Ao longo do caminho, ambos cruzam pelo inesperado, bem como nos lembra Fernando Pessoa: “Navegar é preciso, viver não é preciso”. Essas águas são capazes de se encontrar, fundindo-se ou direcionadas a afluentes distintos em um fluxo infinito, tal como a vida, que se encontra em movimento antes de nascermos e segue em cinesia depois de nossa morte.

Aviso aos navegantes e barqueiros que, a escrita dessa dissertação, a todo momento, esteve ancorada na profunda gratidão que sinto por todos aqueles que encontrei ao longo do caminho e que foram para mim *objetos doadores de vida*, que me alimentaram de ternura, cuidado, amor e conhecimento ao longo da minha existência, por terem expandido e enriquecido meu espírito e mente. Graças a todos, adquiri um baú de tesouros internos, devido a bondade que me foi ofertada desde o meu nascimento até hoje, a qual carrego como uma herança em meu peito. Afinal, como cantam os Novos Baianos (1972), *é pela lei natural dos encontros que eu deixo e recebo um tanto*, e a partir do que recebi, pude apostar na minha criatividade e esperança como combustíveis para construir cada pensamento transmitido em

palavras e me encontro com aberturas para continuar sua transformação, fortemente pelo sentimento de que *a vida vale a pena ser vivida*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAM, J.; Hinshelwood, R. H. **The clinical paradigms of Melanie Klein and Donald Winnicott: comparison and dialogues**. Londres: Routledge, 2018.

ABRAM, J. **A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

ALIGHIERI, D. (1896). **A Divina Comédia**. 34ª Ed. Trad. por I. Eugenio Mauro. São Paulo: 1998.

ALMEIDA, A. **Intervenção psicanalítica na escola**. São Paulo: Zagodoni editora, 2020.

ALMEIDA, A.; NAFFAH N. A. **Perto das trevas: a depressão em seis perspectivas psicanalíticas**. São Paulo: Blucher, 2022.

ALMEIDA, G. Segunda canção do peregrino. In: G. de Almeida. In memorian. Faixa 10. Brasil: Festa, 2019.

ANTUNES, A. Invejoso. In: A. Antunes. **Iê Iê Iê**. Faixa 6. Brasil: Universal Music, 2009.

ANTUNES, A.; Brown, C.; Jorge, S.; Monte, M. O Rio. In: M. Monte. **Infinito particular**. Faixa 7. EMI Music Brasil Ltda., 2006.

ALMODÓVAR, P. **A flor do meu segredo**. Direção: P. Almodóvar. Produção de Agustín Almodóvar. Espanha: Sony Pictures Classics, 1995.

BAYONA, J. A. **Sete minutos depois da meia noite**. Direção: J. A. Bayona. Produção: Belén Atienza. Espanha: Apaches Entertainment, 2016.

BELO, F. **O sentimento de solidão** [Youtube]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_92kriOUws4&ab\\_channel=F%C3%A1bioBelo](https://www.youtube.com/watch?v=_92kriOUws4&ab_channel=F%C3%A1bioBelo), 2019, 31 jul.

BENIGNI, R. **A vida é bela**. Direção: R. Benigni. Produção: Elda Ferri e Gianluigi Braschi. Itália: Melampo Cinematografica, 1997.

BLOCH, E. **Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2005.



BORAKS, R. A capacidade de estar vivo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, 42(1), 112-123, 2008.

BORIS, H. On Hope: It's Nature and Psychotherapy. *Int. Rev. Psycho-Anal.*, (3):139-150, 1976.

BRITTON, R. Ele se sente lesado: a personalidade patologicamente invejosa. In: P. Roth & A. Lemma. (Orgs.). **Revisitando "Inveja e gratidão"**. São Paulo: Blucher, 2020. p. 60-65.

BUARQUE, C.; NASCIMENTO, M. Cio da terra. Intérprete: Milton Nascimento. In: **Geraes**. Faixa 14. Brasil: EMI, 1994.

BULFINCH, T. **Mitologia**. New York: Random House, 1855.

CALLIGARIS, C. "Não quero ser feliz. Quero é ter uma vida interessante". **Revista Claudia**, São Paulo, 20 jul. 2014. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/estilo-de-vida/claudia/contardo-calligaris-nao-querer-ser-feliz-querer-e-ter-uma-vida-interessante>

CAMUS, A. **Carta a Louis Germain**. 19 nov. 1957. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/de-albert-camus-com-carinho-ao-seu-mestre/>. Acesso em: 11 jun. 2023.

CAPER, R. **Fatos imateriais: a descoberta de Freud da realidade psíquica e o desenvolvimento kleiniano do trabalho de Freud**. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1990.

CESAR, F. Asas presas no sótão. In: **Do povo do nevoeiro. Psicanálise dos casos difíceis**. São Paulo: Blucher, 2019. p. 75-82.

CESAR, F. & RIBEIRO, M. **A vitalização como função analítica: uma proposição a partir do pensamento de Winnicott**, 2020, no prelo.

CESAR, F. & RIBEIRO, M. "Vai passar!": O lugar da esperança na constituição subjetiva e no encontro analítico. In: **Esperança e contextos de saúde**. I. F. da Motta; C. Y. G. da Silva (Orgs.). v. 2. São Paulo: Ideias & Letras, 2021. p. 131-144.

CINTRA, E. A questão da crença versus a questão da fé: articulações com a Verleugnung freudiana. **Psicologia em Revista (Belo Horizonte)**, 10(15): 43-56, jun. 2004.

CINTRA, E.; Figueiredo, L. C. **Melanie Klein. Estilo e Pensamento**. São Paulo: Escuta, 2010.

CINTRA, E.; Ribeiro, M. **Por que Klein?** São Paulo: Zagodoni, 2018.

CINTRA, E. Arco-Íris tatuado nas mãos - a geografia do corpo materno. In: E. Cintra & M. Ribeiro (Orgs.). **Melanie Klein na psicanálise contemporânea: teoria, clínica e cultura.** São Paulo: Zagodoni, 2019. p. 19-32.

COELHO JÚNIOR, N. Aula proferida por Nelson Ernesto Coelho Júnior na disciplina **As Neuroses na Teoria das Relações Objetais** oferecida pela pós-graduação em psicologia experimental do IPUSP, São Paulo, 21 mai. 2021.

CORALINA, C. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha.** 10ª ed., São Paulo: Global Editora, 2013.

DIAS, E. A ilusão originária. **Revista Viver Mente e Cérebro:** Winnicott, os sentidos da realidade. Coleção Memória da Psicanálise. v. 5, ed. especial. São Paulo: Duetto, 2005. p. 40-51.

DRUMMOND DE ANDRADE, C. a flor e a náusea. In: C. Drummond de Andrade. **A rosa do povo.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

DRUMMOND DE ANDRADE, C. **Campo de flores - Poesia completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

FALBO, G. O espaço vazio: reflexões sobre a função do vazio na cura psicanalítica e na arte. **Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica**, 13(1), 109–120, 2010.

FELDMAN, M. A inveja e a reação terapêutica negativa. In: P. Roth & A. Lemma. (Orgs.). **Revisitando "Inveja e gratidão".** São Paulo: Blucher, 2020. p. 78-85.

FERRAZ, R.J.F. A espera e o gesto: um olhar sobre a importância da esperança e sua psicopatologia a partir da obra de D.W.Winnicott. In: Thé, D., Cavalcante, J., Ribeiro, J., Adjafri, V. (Orgs.). **O gesto espontâneo em 90 trabalhos.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

FIGUEIREDO, L. C., & Minerbo, M. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**, 39(70), 257-278, 2006.

FIGUEIREDO, L. C. Confiança. A experiência de confiar na clínica e na cultura. In: L. C. Figueiredo. **As diversas faces do cuidar. Novos ensaios de psicanálise contemporânea**. 2ª ed. São Paulo: Escuta, 2012. p. 71-100.

FIGUEIREDO, L. C. A psicanálise e o sofrimento psíquico na atualidade: uma contribuição a partir de Melanie Klein e D. Winnicott. **Cadernos de Psicanálise - SPCRJ**, v. 31, n. 1, p. 3-12, 2016.

FIGUEIREDO, L. C. O paciente sem esperança e a recusa da utopia. In: **Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2018. p. 157-189.

FIGUEIREDO, L. C. A ambivalência de base e seus destinos em Freud e Melanie Klein. **Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre**, v. 23, n. 2, p. 9-21, 2021.

FIGUEIREDO, L. C. **A mente do analista** [Live no perfil do ITIPOA no Instagram]. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CEuwq6YHI53/?hl=pt-br>, 2020, setembro, 04.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. Inveja. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 40, n. 65, p. 07-10, jun. 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREUD, S. (1890). Tratamento psíquico (ou anímico). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. v. 10. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

FREUD, S. (1900). **A interpretação dos sonhos**. Tradução do alemão por Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

FREUD, S. (1919). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. In: **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Traduzido por Paulo César de Souza. (Vol. 15). São Paulo: Companhia das Letras, 2011, v. 15, p. 161-239.

- FREUD, S. (1923). O ego e o id. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 121-136.
- FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FULGENCIO, L. **A constituição do símbolo e o processo analítico para Winnicott**. Paidéia (ribeirão Preto), 21(50), 393–40, 2011.
- GARRIDO, P. B.; MOTTA, I. F. Cirurgia bariátrica: Esperança ou falsa esperança? In: **Esperança e contextos de saúde**. I. F. da Motta; C. Y. G. da Silva (Orgs.). v. 2. São Paulo: Ideias & Letras, 2021. p. 33-46.
- GIL, G. Drão. In: G. Gil. **Um banda um**. Faixa 7. Rio de Janeiro: WEA discos, 1982.
- GIL, G. Amarra o teu arado a uma estrela. In: G. Gil. **O eterno Deus mu dança**. Faixa 8. São Paulo: Warner Music Brasil, 1987.
- GIL, G. Tempo Rei. In: G. Gil. **Raça Humana**. Faixa 4. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1984.
- GURFINKEL, D. Espera, esperança e sonho: deixar a terra descansar. **Revista Brasileira de Psicanálise**, 50(4), 39-48, 2016.
- GURFINKEL, D. **Adicções**. Belo Horizonte: Artesã, 2022.
- KHAN, M. (1975). Introdução de M. Masud. R. Khan. In: D. W. Winnicott: **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu editora, 2021. p. 11-71.
- KIMURA, A.; MOTTA, I.; LEVINZON, G. O desenvolvimento da capacidade de amar na prática clínica. In: **Esperança e contextos de saúde**. I. F. da Motta; C. Y. G. da Silva (Orgs.). v. 2. São Paulo: Ideias & Letras, 2021. p. 117-130.
- KLEIN, M. (1921). O desenvolvimento de uma criança. In: M. Klein: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Obras completas de M. Klein. v. 1. Trad. por A. Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 21-75.
- KLEIN, M. (1923). O papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança. In: M. Klein: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Obras completas de M. Klein. v. 1. Trad. por A. Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-99.

KLEIN, M. (1928). Estágios iniciais do conflito edipiano. In: M. Klein: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Obras completas de M. Klein. v. 1. Trad. por A. Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 214-227.

KLEIN, M. (1929). Situações de ansiedade infantil refletidas em uma obra de arte e no impulso criativo. In: M. Klein: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Obras completas de M. Klein. v. 1. Trad. por A. Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 240-248.

KLEIN, M. (1932) **A psicanálise de crianças**. Obras completas de Melanie Klein. v. 2. Trad. por L. Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

KLEIN, M. (1935). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: M. Klein: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Obras completas de M. Klein. v. 1. Trad. por A. Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 301-329.

KLEIN, M. (1936). O desmame. In: M. Klein: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Obras completas de M. Klein. v. 1. Trad. por A. Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 330-345.

KLEIN, M. (1937). Amor, culpa e reparação. In: M. Klein: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Obras completas de M. Klein. v. 1. Trad. por A. Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 346-384.

Klein, M. (1937). Love, guilt and reparation. In: **Love, Guilt and reparation and other works (1921-1945)**. The writings of Melanie Klein. v. 1. London: The Hogarth Press, 1981. p. 306-343.

KLEIN, M. (1940). O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In: M. Klein: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Obras completas de M. Klein. v. 1. Trad. por A. Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 385-412.

KLEIN, M. (1942). Algumas considerações psicológicas: um comentário. In: M. Klein: **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. E. Rocha; L. Chaves (Coords.). Obras completas de Melanie Klein. v. 3. Trad. Da 4ª ed. inglesa. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 362-364.

KLEIN, M. (1945). O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. In: M. Klein: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Obras completas de M. Klein. v. 1. Trad. por A. Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 413-464.

Klein, M. (1945). The oedipus complex in the light of early anxieties. In: **Love, Guilt and reparation and other works (1921-1945)**. The writings of Melanie Klein. v. 1. London: The Hogarth Press, 1981. p. 370-419.

KLEIN, M. (1946) Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: M. Klein: **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. E. Rocha; L. Chaves (Coords.). Obras completas de Melanie Klein. v. 3. Trad. Da 4ª ed. inglesa. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 17-43.

KLEIN, M. (1952). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In: M. Klein: **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. E. Rocha; L. Chaves (Coords.). Obras completas de Melanie Klein. v. 3. Trad. Da 4ª ed. inglesa. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 85-118.

KLEIN, M. (1955). Sobre a identificação. In: M. Klein: **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. E. Rocha; L. Chaves (Coords.). Obras completas de Melanie Klein. v. 3. Trad. Da 4ª ed. inglesa. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 169-204.

KLEIN, M.; Heimann, P.; Money-Kyrle, R. (1955). **Temas de Psicanálise aplicada**. Zahar editores: Rio de Janeiro, 1969.

KLEIN, M. (1957). Inveja e gratidão. In: M. Klein: **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. E. Rocha; L. Chaves (Coords.). Obras completas de Melanie Klein. v. 3. Trad. Da 4ª ed. inglesa. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 205-267.

KLEIN, M. (1959). Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. In: M. Klein: **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. E. Rocha; L. Chaves (Coords.). Obras completas de Melanie Klein. v. 3. Trad. Da 4ª ed. inglesa. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 290-297.

KLEIN, Melanie (1959). Autobiografia. In: **Melanie Klein: autobiografia comentada**. Socha, A. (org.). E. Susemihl & P. Júnior (Trad.). São Paulo: Blucher, 2019. p. 31-85.

KLEIN, M. (1961). **Narrativa da análise de uma criança: o procedimento da análise de crianças tal como observado no tratamento de um menino de dez anos**. Obras completas de Melanie Klein. v. 4. Trad. por C. Bacchi. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

KLEIN, M. (1963a). Sobre o sentimento de solidão. In: M. Klein: **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. E. Rocha; L. Chaves (Coords.). Obras completas de Melanie Klein. v. 3. Trad. Da 4ª ed. inglesa. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 340-354.

KLEIN, M. (1963b). Algumas reflexões sobre a oréstia. In: M. Klein: **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. E. Rocha; L. Chaves (Coords.). Obras completas de Melanie Klein. v. 3. Trad. Da 4ª ed. inglesa. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 313-339.

LACAN, J. (1966). Jeunesse de Gide ou la lettre et le désir. In: **Écrits**. Paris: Seuil. 1958. p. 739-764.

LAPLANCHE, J. **Problemáticas IV: O inconsciente e o id**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, J. **Problemáticas V: A tina: a transcendência da transferência**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEMGRUBER, I. **Um olhar para Winnicott: o ambiente e a dependência**. 2005. Dissertação. (Mestrado em psicologia). Departamento de Psicologia. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

LINS, M. História e vida na obra de Winnicott. In: A. Podkameni; M. A. Guimarães (Orgs). **Winnicott 100 anos de um analista criativo**. Rio de Janeiro, 1997. p. 13-22.

LISPECTOR, C. Menino a bico de pena. In: C. Lispector. **Felicidade clandestina: contos**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1969.

LISPECTOR, C. “A legião estrangeira”. In: C. Lispector. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. 10. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MEHLER, J. A.; Argentieri, S. Hope and hopelessness: A technical problem? *The International Journal of Psychoanalysis*, 70(2), 295–304, 1989.

MELO NETO, J. C. de. “O Ovo”. In: **Serial**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1961.

MELTZER, D. **Estados sexuais da mente**. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

- MEZAN, R. A inveja. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 21, n. 2, p. 121-136, 1987.
- MEZAN, R. A inveja. In R. Mezan. **Psicanálise, Sociedade e Cultura**. São Paulo: Blucher, 2018. p. 297-332.
- MILTON, J. **Paraíso Perdido**. Traduzido por António José de Lima Leitão. São Paulo: Martim Claret, 2018.
- MINERBO, M. **Notas sobre a aptidão à felicidade**. São Paulo: Blucher, 2023.
- MIRANDA, A. R.; MIRANDA, M. R. A esperança e a psicanálise. In **Esperança e contextos de saúde**. I. F. da Motta; C. Y. G. da Silva (Orgs.). v. 2. São Paulo: Ideias & Letras, 2021. p. 145-156.
- MIZRAHI, B.; GARCIA, C. A capacidade de estar só: um contraponto winnicottiano ao ideal contemporâneo de autonomia absoluta. **Psicologia em Revista**, 13(2), 267-280, 2007.
- MOREIRA, M.; GALVÃO, L. & CANTOR, P. Mistério do Planeta. In: Novos Baianos. **Acabou Chorare**. Faixa 1. Lado 2. Rio de Janeiro: Som Livre, 1972.
- MOTTA, I.; Silva, C. **Diálogos contemporâneos: a esperança no contexto atual** [Youtube] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dbyBI2fu8Oc&t=2s>, 2021, 23 outubro.
- OTTO. 6 minutos. In: Otto. **Certa manhã acordei de sonhos intranquilos**. Faixa 5. Brasil: Nublu records, 2009.
- PARRA, V. Gracias a la vida. In: **Las últimas composiciones de Violeta Parra**. Faixa 1. Santiago: RCA Victor, 1966.
- PENINHA. Sonhos. In Peninha. **Sonhos**. Faixa 4. Brasil: Universal Music Group, 1977.
- PETERSEN, W. **A história sem fim**. Direção: W. Petersen. Produção: B. Eichinger e D. Geissler. Alemanha: Neue Constantin Film, 1984.
- PETOT, J-M. (1982). **Melanie Klein II: o ego e o bom objeto**. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- PHILLIPS, A. (1988). **Winnicott**. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.
- PINHEIRO, N. Transferência e dupla sobrevivência: Apostas clínicas na emergência da esperança. In **Esperança e contextos de saúde**. I. F. da Motta; C. Y. G. da Silva (Orgs.). v. 2. São Paulo: Ideias & Letras, 2021. p. 157-170.



- PRADO, A. **A poesia reunida**. 3ª ed. São Paulo: Siciliano, 1991.
- PROUST, M. (1917-1922). **A la recherche du temps perdu**. v. 4. Paris: Gallimard, 1989.
- RAVEL, M. **L'enfant et les sortilèges: Fantaisie lyrique en deux parties**. Colette (libretto). Paris: Durand, 1925.
- RILKE, R. M. **Cartas a um jovem poeta**. Rio de Janeiro: Globo, 2006.
- RIVIERE, J. (1936). Os arruinados pelo êxito. **Alter: Revista de Estudos Psicanalíticos**, v. 19, n. 2, p. 9-18, 2011.
- ROCHA BARROS, E.; Rocha Barros, E. Prólogo. Melanie Klein ontem, hoje e amanhã. In Cintra, E.; Ribeiro, M. **Por que Klein?**. São Paulo: Zagodoni, 2018. p. 13-22.
- ROCHA, Z. Esperança não é esperar, é caminhar. Reflexões filosóficas sobre a esperança e suas ressonâncias na teoria e clínica psicanalíticas. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 10, n. 2, p. 255-273, 2007.
- ROTH, P. Introdução. In P. Roth & A. Lemma. (Orgs.). **Revisitando "Inveja e gratidão"**. São Paulo: Blucher, 2020. p. 6-13.
- SALEM, P. Objeto e fantasia inconsciente na psicanálise de Melanie Klein. Primórdios: **Revista de Psicanálise e Cultura**, v. 4, n. 4, p. 3-26, 2016.
- SEGAL, H. (1955). Uma concepção psicanalítica da estética. In **Temas de psicanálise aplicada**. Klein, M., Heimann, P., Money-Kyrle, R. (Orgs.). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969. p. 97-122.
- SEGAL, H. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- SEGAL, H. (1987) Nova introdução. In M. Klein: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Obras completas de M. Klein. v. 1. Trad. por A. Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 17-20.
- SEGAL, H. **Sonho, fantasia e arte**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- SODRÉ, I. “Ainda agora, agora, nesse instante...”: sobre a inveja e o ódio ao amor. In P. Roth & A. Lemma. (Orgs.). **Revisitando "Inveja e gratidão"**. São Paulo: Blucher, 2020. p. 14-20.

- SPILLIUS, E. B., MILTON, J., GARVEY, P., COUVE, C. & STEINER, D. **The new dictionary of kleinian thought**. London and New York: Routledge, 2011.
- TANIS, B. A escrita, o relato clínico e suas implicações éticas na cultura informatizada. **Revista Brasileira de Psicanálise**, 49(1), 179-192, 2015.
- VALENÇA, A. Anúnciação. In: A. Valença. **Anjo Averso**. Faixa 2. São Paulo: Ariola Records, 1983.
- VALENTIM, N. O (re)nascimento da esperança no adoecimento por câncer de mama. In **Esperança e contextos de saúde**. I. F. da Motta; C. Y. G. da Silva (Orgs.). v. 2. São Paulo: Ideias & Letras, 2021. p. 47-54.
- VIEIRA, M. R. J., & Cintra, E. M. de U. O trabalho criativo: perda, luto e metáfora. Gerais: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, 9(1), 50-66, 2016.
- WINNICOTT, D.W. (1939). Agressão e suas raízes. In **Privação e delinquência**. 4ª ed. São Paulo: Martins fontes, 2005. p. 33-110.
- WINNICOTT, D. W. (1941). A observação de bebês numa situação padronizada. In D. W. Winnicott: **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu editora, 2021. p. 145-171.
- WINNICOTT, D. W. (1945). Desenvolvimento Emocional Primitivo. In D. W. Winnicott: **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu editora, 2021. p. 281-299.
- WINNICOTT, D. W. (1949). Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. In D. W. Winnicott: **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu editora, 2021. p. 327-355.
- WINNICOTT, D. W. (1950). Crescimento e desenvolvimento na fase imatura. In **A família e o desenvolvimento individual**. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 29-42.
- WINNICOTT, D. W. (1954). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico. In D. W. Winnicott: **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu editora, 2021. p. 462-485.
- WINNICOTT, D. W. (1955). Influências de grupo e a criança desajustada. In **A família e o desenvolvimento individual**. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 213-226.

WINNICOTT, D. W. (1956). Fragmentos referentes a variedades de confusão clínica. In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Orgs.). **Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 26-28.

WINNICOTT, D. W. (1956a). Preocupação materna primária. In D. W. Winnicott: **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu editora, 2021. p. 493-501.

WINNICOTT, D. W. (1956b). A tendência antissocial. In D. W. Winnicott: **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu editora, 2021. p. 502-516.

WINNICOTT, D. W. (1958). Psicogênese de uma fantasia de espancamento. In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Orgs.). **Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 38-40.

WINNICOTT, D. W. (1958). **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu editora, 2021.

WINNICOTT, D. W. (1959). Conseqüências da psicose parental para o desenvolvimento emocional da criança. In **A família e o desenvolvimento individual**. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 101-114.

WINNICOTT, D. W. (1959-1964). Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? In: D. W. Winnicott. **O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 114-127.

WINNICOTT, D.W. (1960a). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self*. In D. W. Winnicott: **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto alegre: Artmed, 1983. p. 128-139.

WINNICOTT, D.W. (1960b). Cordão: uma técnica de comunicação. In D. W. Winnicott: **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto alegre: Artmed, 1983. p. 140-144.

WINNICOTT, D. W. (1960). os efeitos da psicose sobre a vida familiar. In **A família e o desenvolvimento individual**. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 89-100.

WINNICOTT, D.W. (1962a) A integração do ego no desenvolvimento da criança. In D. W. Winnicott: **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto alegre: Artmed, 1983. p. 55-61.

WINNICOTT, D. W. (1962b). Os objetivos do tratamento psicanalítico. In D. W. Winnicott: **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto alegre: Artmed, 1983. p. 152-155.

WINNICOTT, D. W. (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In D. W. Winnicott: **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto alegre: Artmed, 1983. p. 79-87.

WINNICOTT, D.W. (1963). Moral e educação. In D. W. Winnicott: **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto alegre: Artmed, 1983. p. 88-100.

WINNICOTT, D.W. (1964). O conceito de falso *self*. In D. W. Winnicott: **Tudo começa em casa**. 5ª ed. São Paulo: WMF Martins fontes, 2011. p. 53-58.

WINNICOTT, D. W. (1965a). A psicologia da loucura: uma contribuição da psicanálise. In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Orgs.). **Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 94-101.

WINNICOTT, D. W. (1965b). Um caso de psiquiatria infantil que ilustra a reação retardada à perda. In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Orgs.). **Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 260-282.

WINNICOTT, D. W. (1967). Pós-Escrito: D.W.W. sobre D.W.W. In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Orgs.). **Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 433-444.

WINNICOTT, D.W. (1967). A delinquência como sinal de esperança. In D. W. Winnicott: **Tudo começa em casa**. 5ª ed. São Paulo: WMF Martins fontes, 2011. p. 81-92.

WINNICOTT, D. W. (1969). Nota adicional sobre Transtorno Psicossomático. In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Orgs.). **Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 91-93.

WINNICOTT, D. W. (1970). Vivendo de modo criativo. In D. W. Winnicott: **Tudo começa em casa**. 5ª ed. São Paulo: WMF Martins fontes, 2011. p. 23-40.

WINNICOTT, D. W. (1971). **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

WINNICOTT, D. W. (1971). **Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil**. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogans, 1979.

WINNICOTT, D. W. (1987). **Privação e delinquência**. 4ª ed. São Paulo: Martins fontes, 2005.

WINNICOTT, D. W. **A natureza humana**. Rio de janeiro: Imago, 1990.

WINNICOTT, C. (1989). D.W.W.: Uma reflexão. In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Orgs.), **Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 1-13.

WINNICOTT, D. W. **Conversando com os pais**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

WINNICOTT, D. W. **O bebê e suas mães**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

WINNICOTT, D. W. What do we mean by a normal child? In: L. Caldwell.; H. T. Robinson (Eds), **The Collected Works of D. W. Winnicott (1939-1945)**. v. 2, Nova Iorque: Oxford Academic, 2016.

WINNICOTT, D. W. Mudanças de pele em relação às desordens emocionais. In: **St john's hospital dermatological society report**. São Paulo: Global, 1938.

ZELLER, F. **Meu Pai**. Direção: F. Zeller. Produção: P. Carcassonne, Jean-Louis Livi e D. Parfitt. França: Trademark Films, 2020.